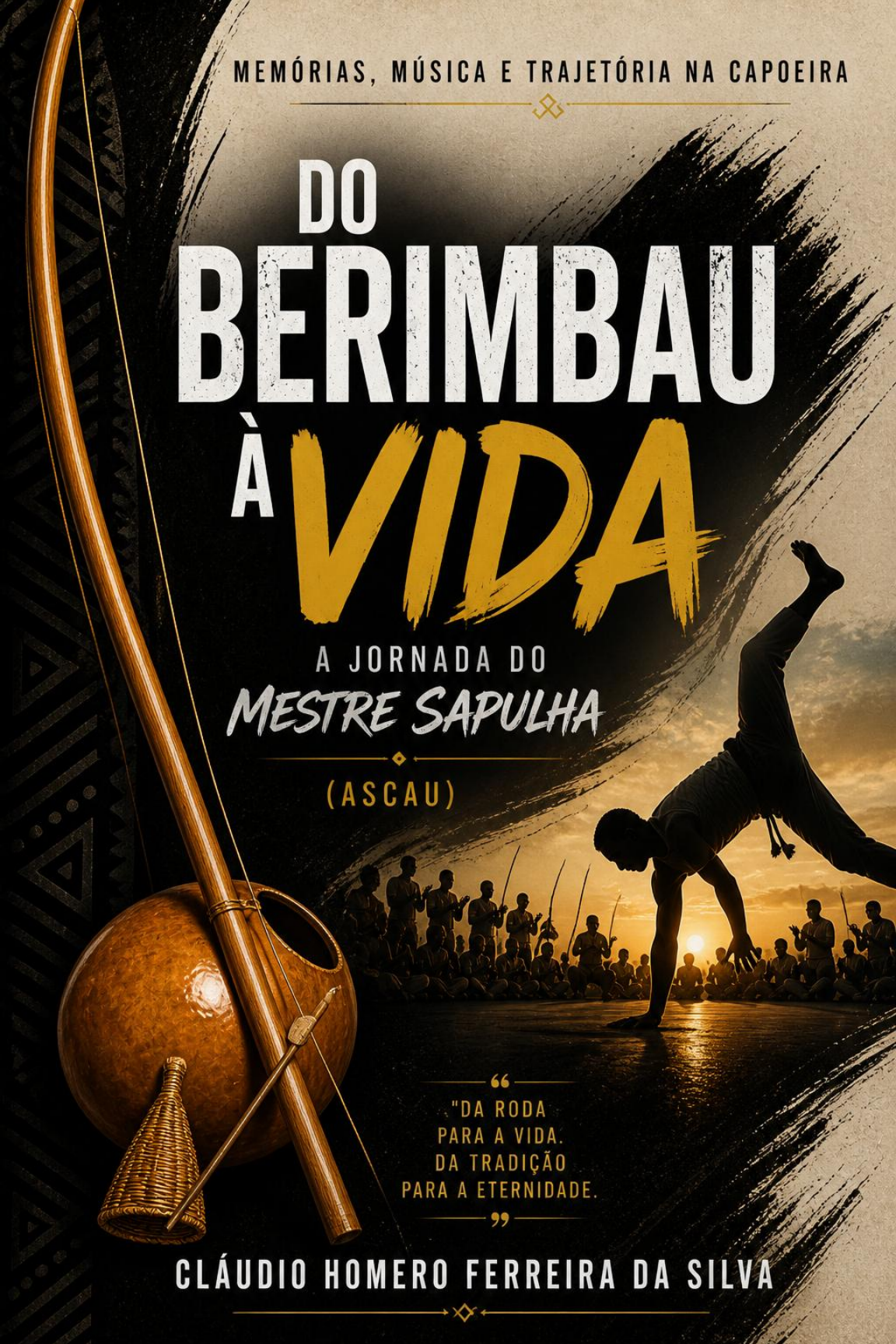
MEMÓRIAS, MÚSICA E TRAJETÓRIA NA CAPOEIRA

DO BERIMBAU À VIDA

A JORNADA DO *MESTRE SAPULHA*

(ASCAU)



"DA RODA PARA A VIDA. DA TRADIÇÃO PARA A ETERNIDADE."

CLÁUDIO HOMERO FERREIRA DA SILVA

Do Berimbau à Vida: A Jornada do Mestre Sapulha

Recordações musicais e afetivas de um capoeirista da ASCAU

Cláudio Homero Ferreira da Silva

Copyright © 2025 Cláudio Homero Ferreira da Silva

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-65-01-71735-7 (1ª Ed.)

DEDICATÓRIA

Dedico esse livro a todos os capoeiristas do passado, do presente e do futuro, em especial para meu grupo — Associação de Capoeira de Uberlândia (ASCAU), fundado pelo Grão-Mestre Corisco (*in memoriam*).

Um salve a todos e muito Axé!

CONTEÚDO

1 Descoberta da Sonoridade: Minha Vocação 1

2 O Desafio de se Tornar Contramestre 17

3 Mantendo a Sanidade e Tornando-se Mestrando 30

4 Não Basta Ser Bom, Tem que ter Sorte (ou estar no lugar certo na hora certa) 127

5 Segundo Mestre da ASCAU Formado de Araguari: Uma Breve Jornada 149

6 Caminho Interrompido 158

7 Seduzido Novamente pelo Canto da Capoeira 160

8 Um Recomeço em BH 172

9 Uma Nova Jornada: A Arte do Caxixi e a Descoberta do Capoeira-Artista 194

10 Homenagem para Aqueles que Ajudaram a Formar o Mestre Sapulha 239

11 Lugares Onde Andei pela Capoeira. 246

12. Uma Homenagem a ASCAU e ao Grão-Mestre Corisco 274

13 Até Logo 280

SOBRE O AUTOR 282

EDITORIAL

Do Berimbau à Vida: a Jornada do Mestre Sapulha é uma obra dedicada a registrar, celebrar e preservar a trajetória de um mestre cuja história transcende a roda de capoeira. Mais do que narrar fatos, o livro reúne memórias, vivências, ensinamentos e relatos que revelam a profundidade humana, cultural e comunitária da caminhada de Mestre Sapulha — mestre, artista, educador.

A obra integra experiências pessoais, fotografias, depoimentos, composições, pesquisas e materiais provenientes tanto de arquivos particulares quanto de documentos de acesso público. O conjunto forma um mosaico documental que busca dar visibilidade à importância de sua atuação dentro e fora da capoeira, destacando as conexões entre cultura, identidade, resistência e formação humana.

Todo o conteúdo foi organizado com responsabilidade histórica e sensibilidade ética, observando direitos autorais, direitos de imagem e as normas de proteção de dados vigentes, incluindo a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei nº 13.709/2018). Cada registro foi tratado com cuidado para garantir que a memória de Mestre Sapulha — e das pessoas que com ele caminharam — seja apresentada com respeito e autenticidade.

Do Berimbau à Vida nasce como testemunho e homenagem, mas também como registro histórico e documento cultural. Ele reafirma o valor da capoeira como instrumento de educação, identidade e pertencimento, ao mesmo tempo em que preserva um legado que merece ser reconhecido, compartilhado e transmitido às futuras gerações. Através de suas lembranças e histórias, conhecemos e reconhecemos capoeiristas da ASCAU, homenageados nos relatos, inferindo também a história e vivências do Grupo.

A obra será disponibilizada gratuitamente. Caso alguma pessoa se considere indevidamente identificada ou deseje solicitar revisão de qualquer conteúdo, solicitamos que entre em contato com o autor (claudiohomero@yahoo.com.br), para a questão ser analisada e resolvida com a devida atenção.

AGRADECIMENTOS

À minha família, meu pai (*in memoriam*), minha mãe e meu irmão, pela existência, e à minha companheira de todas as horas pelo incentivo, apoio e paciência. Agradeço ao Grão-Mestre Corisco (*in memoriam*) por ter me apresentado essa que se tornaria uma grande paixão da minha vida: a Capoeira. Agradeço também à Mestra Míuda, ao Mestre Tibirici, a Contramestre Maré e ao Professor Pantera (ASCAU — Uberlândia) por manterem viva a memória do nosso Mestre e seu legado. Também sou grato a todos os mestres e irmãos de capoeira com quem dividi toques, cantos, rodas e experiências de vida. Na fase final da elaboração, contei com valiosas contribuições dos amigos, José Alberto, Gladimir e Luiz Renato, revisando e comentando de forma a melhora essa obra.

Faço também um agradecimento muito especial aos capoeiristas, que responderam ao meu contato e permitiram o uso de imagem, generosamente, sem o qual não seria possível contar essa história (por ordem alfabética):

Black,
Contramestre 1,2 ,
Mestra Miúda,
Mestre Alegria,
Mestre Bifão,
Mestre Caju,
Mestre Carangueijo,
Mestre Chocolate,
Mestre Eustáquio,
Mestre Gasolina.
Mestre Lacraia,
Mestre Luck,
Mestre Raio,
Mestre Tibirici,
Mestre Urso
Professor Pantera.

1 Descoberta da Sonoridade: Minha Vocação

Iniciando a Capoeira

Ainda era uma criança em 1988… Tinha 15 anos de idade. Morava em Araguari. Participava de grupos de jovens da Igreja Católica. A paróquia mais próxima da minha casa naquela ocasião era a de Nossa Senhora da Aparecida no Bairro Santa Helena. O Grupo de Jovens era chamado de "Nova Esperança" e operava muito alinhado aos discursos e conceitos da Teologia da Libertação, uma linha mais politizada da igreja, que ao longo dos anos foi sendo suprimida para dar lugar a outras manifestações mais carismáticas.

Então éramos libertários, revolucionários e inovadores. Naquele ano, 1988, por uma conjunção de fatores (pessoal politizado, padre Osley, que naquele momento conduzia a paróquia, 100 anos da Lei Áurea, etc.), no mês de novembro, mês da consciência negra, o grupo resolveu organizar uma missa diferente, chamada de "Missa Negra", com pandeiros, congados, moçambiques, tambores e capoeira. Foi uma missa bem longa, com encenações diversas. Ainda me lembro da procissão de capoeiristas na anunciação do evangelho, tocando um toque, que minha lembrança indica ser o Toque de Santa Maria ou Iuná. Aquilo parece que já pulsou na minha mente. Ao final da missa, os capoeiristas foram para o salão da paróquia, ao lado da igreja, e fizeram uma apresentação, em que fiquei absolutamente maravilhado com o que vi. Os sons, o canto, a movimentação. Era um coro animado, saltos e destreza corporal. Aquilo realmente mexeu comigo.

Dias depois, uma das integrantes do grupo, chamada Luiza, me disse

estar fazendo capoeira na Academia Podium, que naquela época ficava na rua atrás de outra igreja no centro da cidade de Araguari (Igreja de Bom Jesus da Cana Verde). E foi aí que animei e entrei para a capoeira.

O Grupo de Capoeira era conhecido como Cordão de Ouro. Logo conheci o Mestre Corisco, contramestres: Caju, Fera, Onça, Professor Miúdo, e outros que não me lembro das graduações: Suicídio, Bezerra, Graia, Cogal, Grilo, Sanfona, Durão, Biriba, Abelha[1], Mumbuca… e muitos outros. O grupo em Araguari nessa ocasião devia ter mais de 100 praticantes nas diversas cordas, mas poucos graduados (professor e contramestre) e nenhum mestrando ou mestre. Foram eles quem fez a apresentação na igreja.

Os treinamentos na academia, que era em um amplo salão, talvez de 10 × 15 m, espelhado em um dos lados (da saída), que comportava o treinamento com mais de 30 pessoas, ocorriam 3 vezes por semana (segunda, quarta e sexta) em 2 horários (18 e 19 h). O segundo horário às vezes se estendia até 20:30 h. O Mestre Corisco morava em Uberlândia, cidade vizinha a 30 km, e naquela época ele pegava o ônibus na Av. Minas Gerais em frente ao Colégio Regina Pacis (hoje Universidade IMEPAC) para ir embora por volta de 21 h. Lembro-me de que às vezes, na saída, parávamos todos em um bar próximo da academia e dividíamo, todos nós, uma Coca-Cola.

Havia um toca-discos no salão da Academia e alguns discos, que embalaram anos de treinamentos: Dirceu e Mestre Suassuna (LINK), Mestre Caiçara (LINK), Jongo Bassam & Capoeira Angola (LINK). De vez em quando, o Mestre levava um disco diferente… mas muito de vez em quando mesmo, o Mestre levava outros discos. Com o passar do tempo e com a confiança do Mestre, acabei conseguindo que ele me emprestasse alguns para que eu levasse para casa, onde eu tinha um som 3 em 1 da CCE (com 2 slots para fitas K7 e conseguia fazer gravações). Já nesse momento, entendi a importância da confiança. Gravava rapidamente e já devolvia, mesmo porque, se não devolvesse, a academia ficaria sem sons.

Um dos discos que mais me surpreendeu foi o Galo Já Cantou, do Nestor Capoeira. As faixas de capoeira de angola: Sou vagabundo da turma de 71 até Galo já Cantou são um exemplo da capacidade sonora do berimbau, da destreza do tocador e o despertar de algo inexplicável dentro da minha cabeça. Se eu tivesse que escolher um único disco de capoeira para ouvir, certamente seria esse.

[1] Embora as referências femininas sejam poucas nos relatos, é importante destacar que mulheres tiveram e têm papel fundamental na preservação e expansão da capoeira.

"Eh… maior é Deus.
E pequeno sou eu
Sou vagabundo confesso,
Da turma de 71…
Todo esse tempo roí osso,
Galo já cantou,
Já raiou o dia
Até parece que estou lá na Bahia…"

A cantiga Galo Já Cantou, de Nestor Capoeira, evoca o amanhecer e o recomeço, sendo frequentemente associada ao encerramento da roda ou a momentos de transição dentro do jogo. Galo já cantou — Nestor Capoeira. Faixa do disco Galo Já Cantou. Registro fonográfico: Fonte: LINK). Citação *utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.*

No meu caso, 73, rsrsrs... Sou de 1973.

Os treinamentos seguiam aproximadamente a seguinte estrutura: aquecimento inicial com bastante alongamento, às vezes com uma leve corrida dentro do salão — essa primeira parte durava 15 min. A seguir tinha o treinamento de ginga, como base para tudo na capoeira — 5 min. Da base da ginga, fazíamos todos os movimentos individuais e sincronizados — mais 10 min. Após, havia uma movimentação dois a dois, mais 10 min. Mais uns 10 min de movimentação específica para cada corda, às vezes essa movimentação era somente para as cordas mais altas enquanto os demais observavam. No final, o treino acontecia uma movimentação ao som do berimbau. Parece simples esse roteiro, mas não se engane. O Mestre Corisco tinha uma capacidade única de tornar cada treino diferente, assim, sempre que eu perdia um treino, eu perguntava para os demais como havia sido para saber o que tinha se passado. Ele tinha um repertório imenso de movimentações, de treinos individuais, de movimentação a dois, o que me trazia a sensação de que a capoeira era realmente um esporte inesgotável e infinito de possibilidades. Isso ficaria ainda mais claro para mim quando subi nas graduações mais altas, mas isso narro mais à frente.

As rodas aconteciam às sextas-feiras e os sons do berimbau e pandeiro (era capoeira contemporânea, sem a bateria completa), com as palmas, os cantos e coros me deixavam cada vez mais aficionado e admirado pela Capoeira. Às vezes, realizávamos as rodas na praça em frente à Igreja de Bom Jesus da Cana Verde (Praça Pio XII em Araguari). Lembro-me de que o Mestre Corisco e parte do grupo haviam participado das gravações de um filme na cidade de Estrela do Sul pouco tempo antes. Outra coisa marcante nessas rodas era o jogo impressionante dos Mestres: Corisco e do Mestre Lacraia. O Mestre

Lacraia, durante muitos anos, foi referência absoluta em jogo. Já que o Mestre Corisco comanda a roda, tocava e cantava, quem jogava era o Mestre Lacraia. Nos eventos, ele era o centro das atenções, por não participar da rotina diária. Presenciei algumas vezes esses Mestres jogando e aprendi naqueles momentos o que era um "Jogo de Mestres".

As grandes referências que tinha para o toque e o canto nessa época eram os contramestres Caju (hoje Mestre Caju e ainda em atividade na ASCAU em Uberlândia) e o Fera, que além de tocar tinha um jogo de floreio fantástico, pois além da capoeira ele também dominava a ginástica olímpica com seus saltos. Infelizmente ele se afastou da capoeira nos meus primeiros anos, se tornando bombeiro militar. Lembro-me que eles iam para as roças em busca de madeiras e bambus para fazerem berimbaus (era bem comum berimbau de bambu) e eu tinha muito curiosidade sobre como fazer o instrumento, mas ao final não aprendi com eles. Com o passar do tempo eu descobri que a madeira do berimbau acaba sendo feita com o que está à disposição: no Triângulo Mineiro o mais comum era o guatambu, madeira para cabo de enxada. No sul da Bahia é a biriba. Não ausência desses pode-se usar bambu, goiabeira e outros. E não é só tirar a madeira da natureza e envergá-la. É preciso trabalhar a madeira, afiná-la ou queimá-la, como no caso do bambu. Assim, o berimbau nasce do trabalho e da criatividade do capoeirista.

Uma das primeiras viagens que fiz sem a família para passar a noite fora, foi com o grupo de capeira para a cidade de Estrela do Sul. O Mestre Corisco com o grupo havia participado de um filme e fomos para o lançamento dele. Fizemos roda na praça e como era um ônibus cheio de capeiristas, foi um rodão. Muito som, muita musica e capoeira. Apareceu um bêbado, mas o Mestre Corisco mostrou como afastar pessoas inconvenientes usando a malícia da capoeira, em um jogo despretencioso, mimetizou um bêbado e sutilmente caiu em cima dele. Ele se afastou e nos deixou em paz, sem violência. Da praça fomos para a casa de cultura, que era um casarão com piso de tábuas e senzala, como um bom local de representação histórica. A capoeira rolou a noite toda, o som não parou. Lembro-me do som dos movimentos e dos mortais naquele assoalho que me assustava a todo o momento (achava que ia desabar, principalmente quando comecei a ficar sonolento). Um destaque desse dia foi a corda azul Abelha (que na época era a expressão feminina da capoeira de Araguari) jogando com o Mestre Lacraia. Um ponto importante, durante todos os meus treinamentos, as academias sempre se desenvolviam quando havia muitas mulheres treinando. As academias ficavam cheias. Mas esse

sempre foi um movimento cíclico.

A trajetória entre aluno e Mestre no grupo seguia as seguintes cordas: branca (iniciante), amarela (aluno), azul (graduado), verde (instrutor), roxa (professor), marrom (contramestre), preta (mestrando) e Vermelha (mestre). A corda era então utilizada como um cinto, simbolizando o status do praticante perante o grupo. Nas décadas de 1980-1990 as calças eram rusticas e simples, e como muitos praticantes eram pobres, feitas de saco de açucar ou outro pano mais barato. A moda das calças de elanca, sua popularização e domínio acabaram acontecendo a partir de meados de 1990.

Eu achava particularmente as cordas trançadas mais bonitas. Nas minhas graduações, exceto a vermelha tingida, as demais foram trançadas. Quando eu era branca e amarela, ainda peguei uma tradição de solicitar um fiozinho da corda de outros graduados (não sei se para inspiração ou homenagem), amarrando esse fio na franja da corda. Haja fios nas cordas de mestre, com todo mundo solicitando um fiozinho. Mas, na medida em que fui subindo, deixei de fazer isso. A minha corda preta é a maior em comprimento e grossura e eu gostava desse comprimento, pois com a movimentação a corda também se movimenta, agregando um visual bastante agradável, além de um ar de imponência. Eu admirava a forma como o Mestre as dispunha nas academias (foto abaixo), e essa disposição das cordas nas academias era uma tradição, onde a corda mais alta era reservada ao Mestre. Todos os mestres e graduados tinham essa formação em suas academias. Até reproduzia quando morava em Araguari e tinha mais espaço no quarto. Como hoje moro em uma casa pequena, elas ficam no meu escritório e essa foi a forma que encontrei de deixá-las sempre à vista para que eu nunca me esqueça do que já passou.

Essa foto é da Academia do Mestre Petróleo de Araxá (MG). Esse formato reproduz a disposição das cordas na Academia do Mestre Corisco e é o formato comum de todos os seus formados. O uso de cores para separar iniciantes de graduados ocorreu inicialmente no judô nos anos de 1880. A diferenciação ocorria usando apenas 2 cores. Posteriormente, na Europa, de forma a estimular e reter as pessoas, foram adotadas outras cores, de forma a constituir um caminho. Em 1920, o karatê também adotou cores como um caminho a ser perseguido. Bimba adotou sistema de cores nos lenços de seda, como diferenciação dos seus cursos (1920–1930). As cores eram azul para aluno formado, vermelho para aluno especializado, amarelo para armas e branco como graduação mais alta, representando o mestre charangueiro. Já nos anos de 1960–70, surgiu na Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, o sistema de cordas, inspirado nas artes marciais (judô e karatê), como adaptação pedagógica e organizacional e de forma a inserir a capoeira em academias, escolas e universidades. Esse movimento foi impulsionado principalmente por grupos como: Senzala (primeiro a sistematizar usando a sequência da ASCAU), Capoeira Brasil, Abadá e Cordão de Ouro. É importante destacar que, na origem, lá nos anos de 1800, ser mestre não significava estar em uma corda. Isso é a concepção moderna. Na origem, era apenas uma diferenciação entre quem não conhecia e quem conhecia. Trata-se de um ciclo, onde quem chega ao topo precisa entender que deve recomeçar o ciclo de desenvolvimento. As graduações de capoeira nas cores da bandeira do Brasil (verde, amarelo, azul e branco) não existiam na capoeira tradicional. Elas surgiram no século XX, ligadas à institucionalização da capoeira. Na década de 1972 a Capoeira foi reconhecida como esporte nacional e vinculada a entidades nacionais de desportos. Isso reforçou uma visão nacionalista, propagando esse formato de cores de graduação.

Sobre o Meu Apelido

A tradição da capoeira no grupo era de que os participantes tivessem apelidos. Havia um clima tribal e marcial no ambiente, então naquela época era comum os "antigões" fazerem exigência de que os iniciantes "pagassem apoio" por qualquer coisa e em qualquer lugar. Em uma das ocasiões, o Fera e o Suicídio me encontraram andando de bicicleta próximo à Igreja do Rosário e não me lembro qual foi o rumo da conversa, mas eles me mandaram pagar apoio e perguntaram meu apelido, como eu não tinha, o Fera disse: "Sapulha!"… e aí pegou. Não houve intenção pejorativa, era apenas um nome diferente. Passaram a me chamar assim. Em um primeiro momento, eu não achei legal. Sapulha era um bichinho feio dos desenhos dos Ursinhos Gummi que apanhava de todo mundo. Isso, de certa forma, refletia um pouco a minha condição: eu acabava me dando muito mal na maioria (todos, rsrs) dos combates e isso realmente me perseguiu durante toda a minha participação na capoeira. Mas, por outro lado, eu tinha tantos apelidos (em cada grupo que participava). Na família era Claudinho, no trabalho era Dindim, Dindo, Chomero, Choma, Chomes, Romero e muitos outros temporários. Eu sabia que resistir ou desgostar seria pior do que aceitar o que o universo estava me oferecendo. O Mestre Corisco acabou me ajudando a aceitar o apelido: "não tem outro praticante com o apelido de Sapulha, já pensou, mestre Sapulha, só terá você"… Bom, e aí ficou… Quando estava nas cordas mais altas, anos depois, alguns me chamavam de Sapulha, mas outros criavam variações: Sapo, Sapão, Sapolia, e no final sinto-me feliz com a identidade de Mestre Sapulha e me orgulho de toda minha história.[2]

Sapulha: O menor dos ogros, vilão fraudulento, era o capacho de Duque Duro no desenho da década de 1990, Ursinhos Gummi. LINK

[2] Os apelidos fazem parte da tradição da capoeira, funcionando como identidade no grupo. Alguns nomes refletem o espírito da época e não seriam escolhidos hoje, mas permanecem como memória cultural.

A expressão máxima do Sapulha ocorreu quando eu era corda azul. Às vezes eu tinha dificuldade em interpretar as situações. Então, às vezes o jogo exigia mais flexibilidade em se aceitar as quedas, em outros momentos devia-se resistir. Isso era a linguagem do jogo, que mudava muito rapidamente a depender dos treinos, da dinâmica da roda, do som e da vontade do Mestre. Acho que faltei em algumas aulas e o momento era de aceitar as entradas e sair-se bem nas quedas. Nesse dia joguei com o Mestre Corisco e ele fez a entrada enquanto eu fazia uma queixada, que evidentemente era para minha queda. Mas eu não caí, eu resisti e, além disso, no meu contra-ataque, ele se desequilibrou… putz… o que fui fazer meu Deus! ?… Ele mandou subir o som. Tentei sair da roda, mas ele disse: "Volta aqui… não quer cair?… mas você vai cair!!!" E aí foram mais de 20 (isso mesmo, VINTE!) quedas… de todos os tipos e de todos os jeitos… Confesso que nas primeiras caí como uma jaca podre, me estatelando no chão, e também nas primeiras quedas me passou pela cabeça: "o que estou fazendo aqui?… vou abandonar a capoeira….hum… estou apanhando demais…que vergonha!"… Nessas quedas, o Mestre resolveu me derrubar umas 2 ou 3 vezes seguidas. A cada queda, ela ficava mais suave… E aí, lá pela vigésima queda eu estava caindo como um gato… suave (rsrrssrs)… Enfim, ao final da aula, ele explicou o que aconteceu, usando meu exemplo, e esse momento foi de grande crescimento para mim. Transformei a dúvida em aprendizado e as quedas em motivação para treinar e treinar mais, de forma que isso não acontecesse mais. Frequentemente, ele passou a demonstrar os movimentos novos comigo, me tornando uma espécie de cobaia (ai ai ai…).

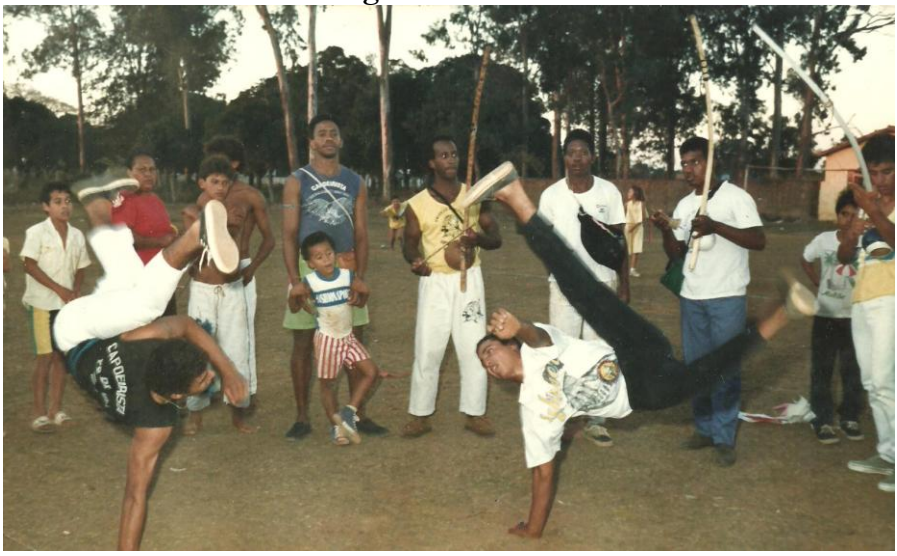
Mumbuca

A primeira pessoa de quem tive muita proximidade no início da academia, ainda em 1988/1989, foi o Mumbuca. Ele tinha um jeitão mais antigo (e marcial) de lidar com a capoeira, mas mesmo assim, no início, me espelhava nele. Ele tinha certas limitações de movimentação, pois era muito duro (na academia tinha outros assim, tinha um que até tinha o apelido de Durão, tinha o Lula também) e isso acabou prejudicando a sua ascensão. No meu início, eu inclusive ia para a casa dele na região do Bairro Maria Eugênia, onde tinha uma pracinha para treinarmos no domingo. A primeira ida à Academia do Mestre Corisco em Uberlândia (que naquela época, 1989, era na Av. Rio Branco). Chegamos lá, o Mestre Corisco estava almoçando uma panela de macarrão para dar energia para o evento, dizia ele que comia um pacote sozinho. O lugar não era grande e tinha uma pilastra no meio, mas nada

impedia que a capoeira fluísse.

Academia na Av. Rio Branco. Olha lá a pilastra. Na rasteira, o Mestre Corisco. De camiseta laranja, me parece o Mestre Urso (novinho, rsrsr).

Uma Caminhada com Amigos



Eu (costas) e o Formiga (frente) jogando Capoeira. Assistindo à roda, temos o Contra-Mestre Onça, ao lado do Mestre Lacraia, que toca berimbau. Nos outros berimbaus temos o Capitão e o Bodão. Essa foto foi feita por um fotógrafo, que

comumente ia a eventos, tirava fotos e depois vendia para as pessoas. Na minha lembrança, isso é em Araguari, na Praça da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Eu teria máquina fotográfica com filme só uns 5 anos depois…

A capoeira é um esporte coletivo. Não é possível fazer capoeira sozinho. Ter amigos nessa jornada facilitou. Logo que iniciei, nos primeiros meses, mudei-me do Bairro Santa Helena para o Bairro Santiago. Perdi o contato com a Luiza que havia me levado inicialmente, mas abandonou a capoeira depois. Em uma roda, o pessoal que estava jogando foi fazer um movimento rodado e a acertou fora da roda. Típico acidente que pode acontecer, mas ela não gostou e não voltou mais para a academia. Dos contatos de Grupos de Jovens, eu conhecia a Maristela Aprigio, que também morava no Bairro Santiago. Acabei mudando também para o grupo de jovens local. A Maristela tem um irmão: Reginaldo (que veio a se tornar o contramestre 1,2 (pronuncia-se Um, dois. Ele recebeu esse apelido por gritar nos polichinelos), fizemos a jornada juntos), que acabou se tornando um grande companheiro de treinamento. Ele era tipo um líder do grupo de amigos mais próximos e a casa dele era o ponto de encontro. Outros se juntaram à jornada da capoeira: Carlos César (Mestre Bifão), Sergio (Bodão), Sandrinho, Wagner (Zeus tocava muito bem o berimbau, mas não se graduou)…

Os Primeiros Berimbaus e Continuam as Amizades

O primeiro berimbau que tive foi uma doação do Graia (acho que ele era corda verde), ainda quando eu era iniciante. O Graia tinha um jogo de floreio muito bacana. Ele passou em um concurso para a polícia civil. Acho que esse afastamento o levou a me dar esse berimbau. Infelizmente, esse berimbau não durou muito. Um dia levei-o para uma quadra de areia, próximo à minha casa, que nesse momento era na Vila Civil do 2º Batalhão Ferroviário, no Bairro Santiago em Araguari. Lá estavam alguns dos meus amigos de juventude: Reginaldo (contramestre 12 e companheiro de muitas rodas), Marco, Márcio, Sergão. Deixei o berimbau ao lado da quadra, enquanto jogava vôlei. O Márcio então o pegou para mexer, sendo que o cordão que prendia a cabaça provavelmente já estava se rompendo… e rompeu. A cabaça caiu no chão e se espatifou em vários pedaços. Fiquei muito irritado e até briguei com ele por isso (uma bobagem da minha parte) e nossa amizade ficou abalada por alguns meses… mas passou. Até arrumei outra cabaça, não era tão pintada e colorida quanto a do berimbau do Graia (era realmente uma obra de arte na minha recordação) e nem o

som casava com a madeira. O berimbau tem disso, às vezes as peças não casam e o som não flui. E dessa vez fui eu quem quebrou a madeira do berimbau tentando envergá-lo. Quebrei pouca madeira envergando berimbau, talvez umas 3 ou 4 em toda a vida. Tinha muito receio de quebrar, principalmente quando o berimbau não era meu.

Depois comprei um berimbau do "Oripão". Atualmente, Mestre Moreno está em Araguari, tendo sido um dos precursores na cidade. Ele era um exímio tocador e uma característica era usar um cadeado quebrado como dobrão/pedra para tocar. Sua sonoridade me lembra do Nestor Capoeira que citei. Esse que comprei era feito de bambu, com uma cabaça pequena e nos nós do bambu havia um reforço de durepox no formato de caveira. Era um som mais baixo do que o anterior, tipo um som médio. Minha mãe não gostou nada. Ela sempre foi muito religiosa, católica, e não gostava muito do que via e nem do que ouvia. Mas eu dizia a ela que eu não tinha conotação religiosa com a capoeira, apesar de saber que muitos praticantes tinham. Tenho esse berimbau até hoje… Essa questão religiosa e de preconceito ocorreu também com a mãe de outros colegas de treinos. Um dia fui à casa de um deles e ele não estava, então a mãe dele aproveitou para falar: "Você podia deixar de procurar meu filho, não gosto dessas coisas que vocês fazem..[3]. Esse som que vocês fazem me incomoda".

A primeira música que decorei e cantei à exaustão em corda branca e amarela:

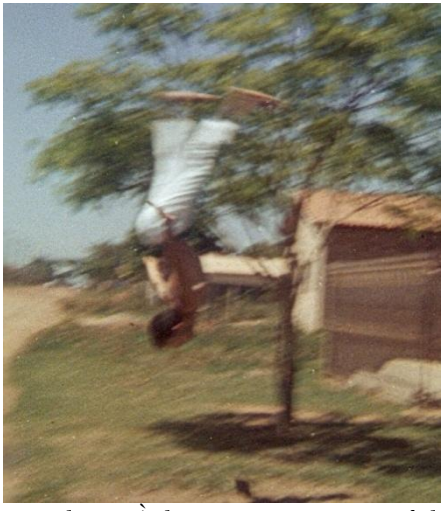
Capoeira Camará
Mestre Suassuna

"Iê, capoeira, jurou bandeira.
Pediu ao seu santo sua proteção "

A cantiga Capoeira Camará, composta por Mestre Suassuna, é frequentemente entoada no início da roda, marcando o pedido de proteção e o respeito aos mais velhos e à tradição. Cantiga de capoeira. Registro sonoro disponível em LINK. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

[3] Este comentário reflete preconceitos comuns no Brasil dos anos 1980–1990, quando práticas culturais afro-brasileiras eram estigmatizadas. A capoeira, no entanto, é hoje reconhecida como manifestação cultural legítima e patrimônio imaterial da humanidade.

Da esquerda para a direita: Sapulha, Bodão e 1,2, treinando no Bairro Santiago em Araguari na década de 1990. Esse berimbau foi o que comprei do Mestre Moreno. Veja o estilo das calças feitas de saco de algodão. Na foto à direita, anos depois, já estava na corda marrom. É o berimbau do Oripão com o caxixi que comprei do Mestre Corisco. Caxixi poderoso, o berimbau tinha que ter um som muito forte para não ser abafado pelo caxixi.



Eu e 1,2 treinando o mortal jogado na armada… À direita, sou eu no mortal de bico de papagaio. Fazíamos isso em qualquer hora e qualquer lugar…

O pai do Bodão era pai de santo.
Ele sempre solicitava para cantar essa:

Negros de Aruanda
Mestre Suassuna

"Mas meu tempo faz quanto tempo
Que meu tempo não volta mais.
Quando os negros de Aruanda
Jogavam todos iguais"

A cantiga 'Negros de Aruanda', de Mestre Suassuna, faz referência à ancestralidade africana e à dimensão espiritual presente na capoeira, sendo recorrente em momentos de evocação e respeito na roda.Negros de Aruanda — Mestre Suassuna.Cantiga de capoeira. Registro oral e fonográfico LINK Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

Ainda sobre o Oripão/Mestre Moreno, eu tinha uns três meses de capoeira e era comum haver uma ala de capoeiristas nos desfiles de carnaval da cidade. Os desfiles aconteciam na Avenida Tiradentes, desde a Praça Farid Nader até o Cine Apolo. Era um asfalto grosso, áspero e com pedras pontudas. A tradição era jogar descalço. Desnecessário dizer que nessa brincadeira arranquei todo o couro do pé. Não só dessa vez, mas em outras, até que os pés ficassem calejados e se acostumassem. Mas voltando ao desfile, nesse meu primeiro ano passei a avenida toda jogando com o Oripão e com o Raposa. Jogar com o Oripão não era fácil, principalmente para um iniciante.

Raposa, Cisões no Grupo e Violência

O Raposa criaria posteriormente uma cisão no grupo, se tornando mestre em outro grupo e criando o seu próprio trabalho independente. Com o Raposa já era mais fácil jogar, já que ambos éramos iniciantes, mas sempre houve nele um certo jogo traiçoeiro e de maldade. Depois, ao longo de nossa jornada, sempre nos respeitamos, houve alguns momentos dele como mestre em que ele teve um desempenho fenomenal. Uma pena que seguiu outros caminhos e já não está mais entre nós, pois tinha um jogo muito admirável. Ele sim mistura religião com capoeira, não sei se de forma autêntica ou de maneira a criar e alimentar lendas em volta de si. Tinha um movimento que só ele fazia, que era um "gato" (mortal com as mãos, mas ele não usava as mãos, e sim a cabeça). E suas expressões faciais e corporais se alteravam, e assim como as letras das músicas antigas, diziam que "ele estava virado no diabo". Reconheço que era um pouco sinistro e que acabou

entrando para o imaginário da geração que conviveu com ele.

Comprei esse berimbau do Oripão. Estou com ele até hoje guardado. A seta indica o detalhe do reforço no nó em forma de caveira. Eu admirava muito os toques que ele e o irmão dele (apelido Gafanhoto) faziam. Era uma sonoridade mágica e eles extraíam muito do instrumento. Até a Marrom era meu único berimbau e consegui conservá-lo muito bem. Quebrei apenas uma ou duas vergas a vida toda. Sempre tentava ter muito cuidado e só muito tempo depois soube o segredo: não se pode forçar a madeira pelo meio. Deve-se usar o pé, perna ou joelho no terço de baixo, facilitando assim a armação. Eu também sempre preferi um apoio, ou na parede ou no canto da porta, para ajudar. E, após amarrado, aquela batidinha com a mão pela lateral para acomodar a armação. Descobri também como afinar o instrumento: envergando mais, soltando um pouco o arame, subindo da cabaça, mudando a corda da cabaça, ou ainda apertando a corda da cabaça. Não é só armar, é preciso encontrar a batida perfeita. É preciso conhecer e "dominar" o instrumento… só assim o som sai.

Lembro-me dos treinamentos antes das cisões de grupos e academias em Araguari. Algumas lembranças se destacam: os treinos na Praça da Igreja de Fátima promovidos pelo Raposa e o Curió, a academia do Polaco próximo aos bairros Chancia e no Maria Eugênia, a academia do contramestre Onça na Vila Paraíso, esses locais reuniram centenas e centenas de capoeiristas e presenciaram jogos fantásticos e

desavenças.

Eu mesmo fui levado desmaiado para o hospital umas duas vezes e incontáveis vezes em que me machuquei ou contundi (abria o pulso, dores nas costas e coluna, cruzamentos errados de movimentos em que todos se machucavam). Algumas por esforço além do corpo e outras pela violência a que estávamos expostos no calor dos jogos. Talvez o maior exemplo de desavença em Araguari tenha sido o caso entre o Pezão (corda verde, mas que jogava como um corda preta) e o Raposa (que nessa ocasião era mestre do seu próprio grupo). O jogo duro em rodas e a desavença foram escalando ao ponto em que eles se encontraram na rua em um dia qualquer e partiram para cima um do outro. O Pezão derrubou o Raposa. Raposa pegou algum objeto no chão e feriu o Pezão, que precisou ir para o hospital e teve muitos pontos em seus cortes. Nesse momento, havia uma disputa tão violenta na capoeira em Araguari que, por pouco, ela não foi proibida.[4]

Corda Azul e Surpriendendo o Mestre Monge

1,2 , Bodão e eu, como morávamos perto, estávamos sempre treinando. Todos viciados na capoeira e, na medida em que o tempo passava, passamos também a ir atrás de capoeira nos eventos em Uberlândia e arredores. Em um desses eventos, vi o Mestre Monge (que saiu da ASCAU na década de 1990) tocando e cantando e ele passou a ser minha inspiração para o toque, o canto e o posicionamento na capoeira. Ele era calado, calmo, tranquilo, achei que seria uma boa referência de estilo. No batizado e troca de cordas em Araguari, quando o 1,2 e eu pegamos a corda azul, era necessária também a demonstração de toque de berimbau e de canto. O avaliador era o Mestre Monge. Quando toquei o berimbau com firmeza, extraindo um alto som e chamei o "IEEEEEEEEEEEEEE", o Mestre Monge, que só deveria dizer algo, chamou alguém e saiu jogando rapidamente enquanto eu brevemente apresentava toque/canto. Nesse momento, entendi quais eram de fato as minhas vocações na capoeira e então passei a me dedicar mais a elas. Eu e o 1,2 éramos conhecidos nessa época como "Chitaozinho e Xororó da Capoeira". Eu não gostava de música sertaneja, então não vi graça em mais esse apelido.

Nas cordas azul e verde, me dediquei bastante ao berimbau. Horas e horas praticando, ouvindo, decifrando sons. Naquela época, não havia

[4] Este relato reflete práticas de uma época em que a disciplina nas rodas era menos rígida. Hoje, a capoeira é reconhecida como patrimônio cultural e busca preservar o jogo como arte, evitando qualquer forma de violência. Acrescento que hoje as pessoas também estão mais tolerantes a esse clima. Se algo parecido acontecesse, as pessoas simplesmente abandonariam a capoeira e não se sujeitariam a isso.

tutoriais, explicações comuns hoje na internet. Ou você sabia ou você aprendia. Como sempre fui persistente, eu tocava até aprender e sempre que possível usava das companhias para desenvolver repiques, ensaiar músicas, verificar o resultado. Inclusive aprender do meu jeito, fazer a minha interpretação.

Essa trilha do Mestre Suassuna foi o
meu roteiro para aprender berimbau.
Em uma única faixa, ele passa vários
toques (talvez os principais) na forma de repiques. (LINK).
O domínio do berimbau se manifesta.
Na capacidade de extrair sons e
improvisar.
Um bom caminho é ouvir trilhas como
essa e conseguir distinguir quais toques são executados.

2 O Desafio de se Tornar Contramestre

Aprendendo Salto Mortal

Para pegar a corda roxa, tinha que fazer o salto mortal. Eu nunca tive facilidade em ginástica olímpica, apesar de admirar muito. E não foi por falta de esforço. Quando estava nas cordas iniciais, eu ainda tentei treinar com o Fera e o Suicídio (esse apelido era pelos saltos que ele fazia, na capoeira o nome do salto mortal era suicídio) na caixa de areia do colégio Estadual (EEPAM). No início até parecia que daria certo, e andei até fazendo algum mortal para frente, mas caí de cara treinando e caí de pescoço tentando aprender o mortal jogado, o tal bico de papagaio, muito comum nas apresentações circenses em que um joga o outro. Naquela época, havia relatos de pessoas que se machucaram seriamente fazendo esses movimentos, inclusive ficando paraplégicas. Enfim, nesse início, fiquei com receio e acabei não treinando e nem me desenvolvendo.

Quando estava na corda verde, o Bifão tinha uma namorada, que morava próximo à delegacia, no bairro Sibipiruna. Tinha um terreno ao lado da casa dela, em que colocamos serragem e passamos a treinar saltos por lá. Era uma festa e uma galera estava junta tentando se desenvolver, éramos muitos, umas 10 pessoas entre capoeiristas e curiosos. Por insistência, acabei perdendo o medo e conseguindo aprender. Depois arrisquei em praças e fiz alguns mortais em rodas, mas não muitos.

No quesito saltos, a grande referência do grupo era o Gasolina. Nos eventos batizados, ele sempre aparecia com um movimento diferente,

mais difícil e complicado, coisa que não se via nem em ginástica olímpica. Mortal com meio giro, sequências e parafusos foram introduzidos por ele na capoeira e se tornaram comuns nas aberturas de eventos. Era quase uma competição de quem mais se destacava. Uma vez, ele usou o contramestre Onça (que era grande) como uma espécie de parede. Pisou no joelho e no peito dele e fez um mortal… Inacreditável! Sem dúvida nenhuma, o Gasolina foi um dos capoeiristas mais habilidosos que já vi jogar. Outros que também se desenvolveram e se destacaram na habilidade da acrobacia foram: Tibirici (hoje Mestre Tibirici, filho do Mestre Corisco), Sombra, Vassourinha, Diesel.

Dominando o Mortal. Ao fundo, o Pezão e ao lado, de calça jeans, o Papo10. Ambos pararam com a capoeira logo após essa foto. Esse momento foi uma obra-prima do Grilo na fotografia. Um instante em que fiquei parado no ar e agora na história.

Depois que se aprende a fazer o mortal, isso passa a ser um vício. A sensação de rodopio no ar é muito legal. Só quem já conseguiu fazer entende o que estou falando.

Ao pegar a corda roxa, reconheço que senti o peso de ser professor de capoeira. Eu tinha um jogo de floreio bacana, tocava e cantava bem, mas infelizmente o reconhecimento na capoeira naquela época só se dava na base da "porrada", e isso eu de fato nunca tive. Por outro lado, eu gozava dos benefícios de ter uma alta graduação, chegava às rodas e logo o pessoal (normalmente em cordas mais baixas) entregava o controle. Fazíamos muitas rodas e apresentações e eu, inclusive, usava esse jogo para seduzir a plateia. Fiz isso com minha namorada de sempre, que hoje é minha esposa, nas ruas de lazer. A rua onde acontecia esse evento era interditada e aconteciam várias atividades para as crianças e adolescentes em vários pontos da cidade: jogos diversos, futebol, vôlei, gincanas. Eu frequentava as que ocorriam no bairro Santa Terezinha em Araguari. Sempre tinha capoeira nesse eventos.

Conhecendo a Capoeira de Sete Lagoas (MG)

Em 1991, passei em um concurso e fui morar por quatro meses na cidade de Sete Lagoas (MG), distante mais de 600 km de Araguari, de Uberlândia e da ASCAU.

No período em que estive em Sete Lagoas, visitei a academia de capoeira do Professor Paulinho Godoy, na época ele estava no Grupo Berimbau de Ouro. Hoje ele é o Mestre Paulinho Godoy da Cia de Capoeira em Sete Lagoas, mantendo as tradições e ensinamentos da capoeira. Nas minhas visitas (pelo menos 2 vezes que me lembro) fui muito bem recebido. Tanto que, posteriormente, nos correspondemos por carta durante alguns anos.

Um Breve Afastamento

Retornando para Araguari em jun/1991, passei a trabalhar em regime de escala (3 manhãs, 4 noites, 3 tardes, 4 manhãs, 3 noites e 4 tardes, na saída da manhã e tarde, folga de 1 dia e meio, e na saída da noite, folga de 4 dias) e tal situação diminuiu a frequência de treinamentos e gradualmente fui me afastando da capoeira. Ainda mantinha contatos com o Mestre Corisco, já que sempre ia a Uberlândia falar com ele. Antes de um afastamento mais longo, o 1,2 e eu pegamos a corda marrom e nos tornamos contramestre.

Evento na Academia Pódium em Araguari. Sapulha jogando com Contramestre Bifão.

"E fuzuê, parede de barro não vai me prender.
É fuzuê, parede de barro não vai me prender."

A canção Fuzuê, na interpretação de Clara Nunes, dialoga com o universo do samba de raiz e da religiosidade popular, elementos que também atravessam a cultura da capoeira e suas rodas. Canto das Três Raças. Clara Nunes. LINK. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

Evento na Academia Podium em Araguari: Contramestre Sapulha tocando pandeiro ao centro.

Evento na Academia Podium em Araguari: Contramestre Sapulha jogando com Professor Grilo. Por essa imagem, é possível ter uma noção de espaço.

Dinâmica dos Batizados, Principalmente em Araguari

Em Araguari, o Mestre Corisco realizava normalmente 3 batizados/graduações por ano. O termo batizado se aplica à primeira entrada do novato na roda, momento em que ele toma sua primeira queda e recebe o seu apelido. Mas as coisas nem sempre funcionavam como essa engrenagem. Além disso, usávamos o termo batizado indistintamente para novatos ou antigos que estavam trocando de corda. Mesmo porque, os antigos também recebiam já naquele instante a primeira queda como passagem para as cordas mais altas. Desnecessário dizer que, na medida em que se ascendia na graduação, os jogos se tornavam mais complexos e difíceis, sendo um teste para ambos (para o graduado que subia e para o graduado que devia derrubar). Tenho visto em eventos mais recentes que essa queda passou a ser opcional e até concordo com isso, já que no passado vi muitas graduações degringolar, pois o mestre que estava batizando precisava usar de mais força para essa queda e alunos que resistiam a todo custo.

Eram eventos muito cheios, de alunos e plateia (normalmente familiares). O salão da Podium ficava pequeno para tanta gente. O meu primeiro batizado tinha umas 50 pessoas para pegar só a corda branca (provavelmente uns 15% dessa turma chegou à corda marrom, foi uma turma iluminada mesmo). As cordas, naquela ocasião, eram trançadas

manualmente. Cada uma levava dois novelos de linha e eram trançadas pelo Mestre Corisco. Hoje as cordas são prontas e tingidas, boas para a quantidade, mas não tão bonitas quanto as cordas trançadas. Noto em vídeos na internet um mercado de cordas trançadas e uma tendência de retorno a esse formato, com linhas mais brilhantes. Lembro-me de que, quando iniciei, havia tido uma alteração no modelo das cordas. Naquela ocasião, usava-se o cordão de São Francisco, uma corda pronta bem fininha. Isso faz parte das evoluções e mudanças de tradição.

Outra característica desses eventos: eram muitas horas, eventos muito longos. Os eventos que começavam às 8 h da manhã terminavam às 14–15 h e os eventos que se iniciavam às 13 h, às vezes iam até 21–22 h.

Entre aluno e instrutor, era possível fazer esse caminho em 1,5 anos e 2 anos até professor (foi o meu caso). Após isso, os batizados eram em Uberlândia, na sede do grupo, com troca de cordas com outros praticantes de outras cidades e para formaturas acima de corda roxa somente com o convite do Mestre Corisco. Para se ter uma ideia, muitos praticantes ficaram muitos anos e até mais uma década na mesma corda, como por exemplo Angola, Gato, Periquito, Carbono, Caveira (na corda preta).

Graduação a Corda Marrom - Contramestre

Enfim, em um desses eventos em 1993, o Mestre Corisco chamou para o batizado de Marrom. Fiquei com receio, mas aceitei. Nesse evento pegavam cordas também Aberre, Baleia, Jipe, Caranguejo… e muitos outros. Lembro-me do Caranguejo fazendo o aquecimento no saco de pancadas, e o saco voava com seus chutes. Aí vieram outros dois ou três conhecidos e seguravam o saco de pancadas e voavam todos. Eu olhava para o 1,2 no estilo: "o que estamos fazendo aqui… ou… ferrou". O destaque desse evento era o preparo físico e a violência de que se dispunham. Para se ter uma ideia, o Caranguejo, que apenas alguns anos mais tarde tornou-se Mestre na ASCAU, foi o primeiro vencedor de desafios de vale tudo na região com um nocaute implacável em 10 segundos em um adversário peso pesado. Um detalhe é que essas lutas, naquela época, eram feitas em um tipo de gaiola de tela metálica, o que trazia uma impressão animalesca de violência. Outros capoeiristas de Araguari e Uberlândia se aventuram nessas lutas, mas creio que nenhum deles obteve o sucesso e reconhecimento alcançado pelo Mestre Caranguejo.

No nosso batizado de corda marrom, para surpresa de ninguém, eu e o 1,2 não fomos muito felizes nos combates e o Mestre logo nos tirou

da confusão, deixando o pessoal mais preparado se divertir. Nessa ocasião, tivemos o apoio do Contramestre Bifão, mas a reprovação depois na academia de outros (professor Bezerra e Contramestre Ferrugem), que não se conformavam que tivéssemos pegado a corda marrom. O Bezerra, talvez por termos superado a roxa, e o Ferrugem, por termos igualado a ele na marrom, talvez… só uma suposição. Reconheço que essa reprovação contribuiu para o meu distanciamento da capoeira. Penso que na minha cabeça ficou gravado que meu nível era a corda roxa e ser marrom era um bônus e o meu limite.

A capoeira no final dos anos de 1990 era insana. Como não havia o MMA, todo esse pessoal maluco que adora levar um soco na cara se abrigava justamente na capoeira. Eu não via isso no karatê, kung fu ou outra arte marcial nas quais a violência é contida e a disciplina valorizada. Mas na capoeira o bicho nessa época pegava e pegava muito forte. E não precisava de muita coisa não. Encontro com grupos diferentes: pau. Encontro de graduados do mesmo grupo, mas de cidades diferentes: pau. Reunião de graduados do mesmo grupo, mas que não tinham proximidade: pau. Roda semanal: pau. Às vezes eu ficava me perguntando o que estava fazendo ali. Não era muito fã disso, não queria ou não podia (por razões pessoais e profissionais) entrar em atrito, mas a figura do Mestre e o som da capoeira realmente me hipnotizaram. Para se ter uma ideia de como era essa época, a roda de capoeira valia tudo, literalmente tudo: saia do pé do berimbau, trocava dois golpes no máximo, partia para o agarramento, chão, rola-rola, soco, cabeçada, imobilização, mordida (isso mesmo, eu fui mordido várias vezes em roda, e infelizmente também revidei, que coisa horrorosa!). Era sangue, fraturas, contusões. Teve até um caso curioso, de um contemporâneo. Lembro-me de que ele foi a Brasília visitar uma academia de um grupo que sabidamente era violento, e o "couro comeu". Ele sumiu uns dias da academia e, quando retornou, veio cheio de pontos e cicatrizes. Aí o mestre o perguntou: "Que foi isso, fulano?" Ele então respondeu: "Uai, Mestre, fui à academia em Brasília, o pessoal não aguentou na mão e teve que usar os berimbaus"… E quebraram todos os berimbaus nele, enviando-o para o hospital. Lembro-me que ele contava essa história com certa satisfação. Isso é de fato um exemplo de que há lugar para todos na capoeira.

Hoje, eu tenho a impressão de que a capoeira está menos violenta, já que o pessoal que gosta da violência provavelmente está em outras lutas ou mesmo no MMA, inclusive competindo. A capoeira me parece mais mansa, também devido à repercussão pública e de mídia, gerando um maior cuidado com a imagem. Outro fato é que as pessoas também não

têm aceitado violência, havendo um domínio do politicamente correto, que pode inclusive levar a transtornos por ações judiciais.

Eu e 1,2 no meio da multidão dos graduados naquele dia. Só feras, muitos se tornaram mestres anos depois. Academia sede na Rua Quintino Bocaiúva, próximo ao UTC em Uberlândia. Década de 1990.

Graduação a contramestre, tomada de movimentos: quique de cabeça. Fiquei especialista nesse movimento.

Iaiá, acende o candeeiro, Iaiá.
Só a luz ofuscante da candeia e o clarão da lua cheia.
É que faz o terreiro clarear.

A cantiga evoca o imaginário do quilombo, da luta e da resistência, conectando a roda de capoeira à memória ancestral e ao enfrentamento histórico contra a opressão. Iaiá, acende o candeeiro — autoria não identificada. Cantiga de capoeira. Interpretação: Mestre Edson Show. Registro oral e fonográfico LINK. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

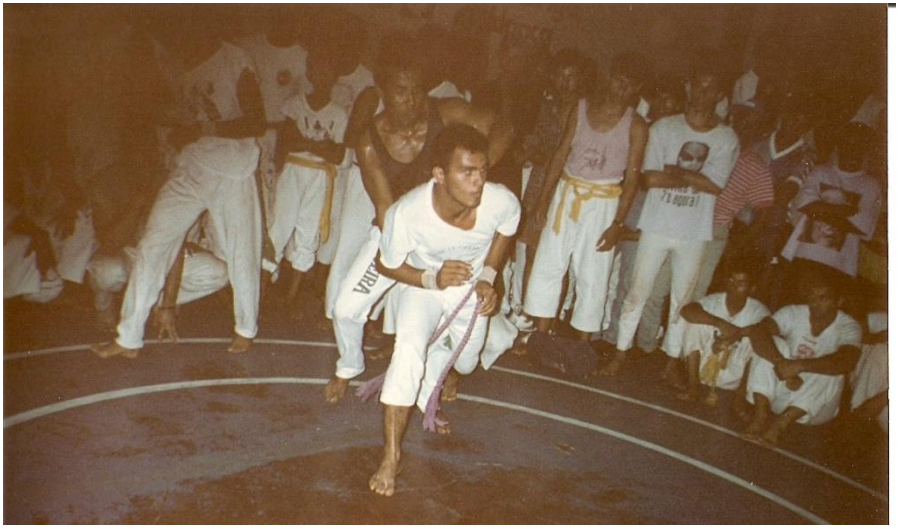
Jogo na graduação a contramestre.

Graduação a contramestre, jogando com meu parceiro 1,2.

Graduação a contramestre, jogando com meu parceiro 1,2.

"Mas o facão bateu embaixo, a bananeira caiu…"
Uma das senhas para o jogo duro…

O verso funciona como uma das senhas tradicionais para o jogo duro, sinalizando mudança de intensidade, alerta e preparação na roda de capoeira. Verso de cantiga tradicional de capoeira. Registro da tradição oral. Autoria não identificada. Utilizado com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.



Graduação a contramestre, jogando com Aberrê… claro que deu ruim para mim. O jogo passou de floreio para duro logo na minha vez e na primeira que tomei já fiquei fora de combate. O Mestre Corisco já me colocou no canto…

Mestre Lacraia jogando com o Contramestre Bifão. Ao centro, o Mestre Corisco observava o jogo.

Mestre Corisco, me graduando a Corda Marrom: Contramestre. Esse era um momento muito especial, ao longo dos batizados e graduações, a pessoa que amarrava a nova corda na cintura do capoeirista eram seus padrinhos. Nos eventos das cordas iniciais costumava-se levar pais, irmãos, namoradas, amigos, familiares, ou mesmo outros capoeiristas. Era uma espécie de homenagem a uma pessoa especial, a quem entregávamos essa tarefa. Nas cordas Marrom e Preta, tive o privilégio de que esse momento solene fosse feito pelo meu grande Mestre, a quem sempre admirei muito. Infelizmente, o fotógrafo não foi muito feliz e cortou a minha cabeça… Na corda Vermelha é o próprio formando quem se gradua, colocando em si a nova corda, como símbolo de independência, completude, autonomia e autoridade.

3 Mantendo a Sanidade e Tornando-se Mestrando

Engenharia Química me Deixou Doido... Preciso da Capoeira

Minhas atividades profissionais, fora da cidade e em horário de escala, me afastaram da capoeira entre 1993 e 1996. Em 1995, passei no vestibular da Universidade Federal de Uberlândia para o curso de Engenharia Química. O curso era integral (aulas de manhã e à tarde e provas à noite e aos sábados!… por isso era chamado de regime integral) e minha vida virou uma ginástica intensa para aliar o trabalho com o estudo. Após um ano de faculdade, senti que minha sanidade mental fraquejava e então resolvi que precisava da capoeira, não com finalidade profissional, mas como passatempo ou para relaxar (não me estressar). O retorno foi difícil, principalmente sem os amigos da geração anterior, que já tinham seguido os seus caminhos.

O Difícil Retorno e Primeiro Evento em Catalão (GO)

Nessa época, quem me ajudou a retornar foi o professor Grilo, de quem me aproximei bastante. Ele começou com academias, na região próxima à casa dele, no Bairro do Bosque. Para dificultar ainda mais, arranjei alguns desafetos/antagonistas, e o principal deles foi o Corda Azul — Mulata. Como contramestre, corda marrom, era um exercício diário de resistência e paciência. Nisso tenho certeza de que sou doutor: resistência e paciência. O som, tocar, cantar e a presença do Mestre Corisco me davam força para insistir. Alguns amigos da faculdade me diziam: "Como você faz parte dessa coisa primitiva?… ainda: vou tirar você disso!", o interessante é que, apesar de concordar parcialmente

com ele (clima bélico, perseguição, isolamento, e naturalmente a violência), eu não conseguia me afastar. Outro capoeirista de quem me aproximei nesse período foi o corda azul Lek Luck (hoje Mestre Luck). Ele sempre foi dedicado e estava se desenvolvendo rapidamente naquele momento, tendo o meu reconhecimento por seu toque de berimbau e canto e tendo contribuído para que eu permanecesse na capoeira pelo seu apoio nos treinamentos nesse retorno. Ele sem dúvida demonstrava uma dedicação e se espelhava bastante no Mestre Corisco. Naquele momento, já despontava como uma liderança, mesmo não estando nas cordas mais graduadas. Muito rapidamente percebi que o caminho dele seria integralmente na capoeira, não havendo dúvidas de que ele se tornaria um mestre logo. Tivemos a felicidade de dividir a última formatura a mestres realizada pelo Mestre Corisco em 2001.

Evento em Catalão, retornando para a capoeira em 1996.

Esse foi o primeiro evento fora de Araguari após meu retorno em 1996. Foi na cidade de Catalão. Ao lado esquerdo do Mestre Corisco, o Panta, que também se formou comigo. Era uma tradição nos eventos que o coordenador do evento, o anfitrião, oferecesse aos visitantes um almoço (antes ou após o evento) ou lanche. O Mestre nesse dia, brincou que a mesa (bacia de comida) era dele…

Da esquerda para a direita: Mestre Corisco, Contramestre Sapulha, Instrutor Pezão, Professor Grilo e aluno Papo10. Quando entrei em 1988, o Mestre era menor e tinha o cabelo estilo Black Power. Mas com treinamento e muito macarrão, anos após ele se fortaleceu, adotou o cabelo com tranças e adicionou outros elementos de estilo (nesse caso, o chapéu). Chapéu, diga-se de passagem, também faz parte do capoeirista na luta, sendo usado para atingir os olhos do oponente em uma luta de sobrevivência.

Esse era o momento de abertura dos treinamentos e eventos. Um minuto de silêncio, uma homenagem aos velhos mestres, uma breve oração para santo, orixá ou o que quer que seja da religião de cada um, ou apenas um momento simbólico, que ao final, o mestre ou o puxador da seção terminava com um "SALVE!" bem alto e forte, que era respondido por todos com a mesma energia. Em eventos, era possível já nesse momento sentir a energia que se seguiria na roda e nos jogos. No final também havia o "Salve!", mas um salve de êxtase físico e mental.

O Evento em Araguari em 1996 que me Fez Permanecer

A seguir estão as fotos do primeiro evento em Araguari, nesse meu retorno, realizado na Vila Paraíso, em que estiveram presentes muitos dos grandes capoeiristas do grupo naquele momento. Foi esse evento que me fez constatar que eu precisava continuar na capoeira.

Fala inicial do Mestre Corisco na Abertura do Evento (ou final talvez).

Batizado de um aluno durante o evento. A primeira queda não se esquece…

Mestrando Ferrugem em ação. Ele tinha um jogo muito limpo. Eu tinha certo receio dele (e de qualquer um muito bom), afinal, a capoeira era um ambiente de traição. Durante alguns anos, a referência da capoeira em Araguari eram os mestrandos Ferrugem e o Baianinho (que era primo do Gasolina), indicando que a capoeira podia ser um dom de família e de sangue. Infelizmente, não tenho foto dele. Por muito pouco eles não foram os primeiros mestres do grupo em Araguari e, no final, acabaram não se formando a Mestres de Capoeira.

Jogo rolando. Olha lá eu no pandeiro… Eu tocava berimbau, mas para eventos muito longos eu até preferia o pandeiro. Nele, eu conseguiria me manter tocando na roda por horas. Já no berimbau, apesar dos treinos, eu não conseguia tanto tempo assim. Além disso, para se cantar no pandeiro acaba sendo mais fácil.

Olha eu aí!!! Do lado Luck (hoje Mestre) gravando o áudio do evento. Era assim que se conseguiam músicas novas. Tive um gravadorzinho também, que acabou ficando com o Mestre Gasolina. Gravei algumas entrevistas com mestres, inclusive com o Mestre Corisco falando sobre a capoeira. Gravei também o áudio de alguns eventos. Infelizmente, esse material se perdeu, já que as fitas K7, se não forem manuseadas frequentemente, perdem a gravação. Eu tinha centenas de fitas e dezenas de fitas de vídeo VHS. Foi um choque quando constatei, em 2028, essa perda, pois havia muita história e esforço nisso. Realmente fiquei muito incomodado com esse fato. Ainda sobre o Lek Luck, eu acho que o conheci nesse evento e treinamos juntos durante um tempo. Como eu estudava no Campus Santa Mônica, perto da casa dele, de vez em quando eu aparecia por lá. Ele tinha fome de capoeira e eu sempre tinha a esperança de que ele tivesse algum material novo. Inclusive, a minha sede de material e a busca por novidades foram aprendidas com ele. Nessa época, ele era corda azul, mas logo ele demonstrou uma dedicação diferenciada para o grupo e para a capoeira. Distanciamos-nos alguns meses depois, quando ele já estava na corda roxa. Eu nunca tive dúvidas de que o caminho dele seria dedicado à capoeira. Hoje, no meu Tik Tok, o feed frequentemente me mostra seus vídeos e eu vejo com as lembranças do passado e muito orgulho do que ele se tornou e de que a sua carreira na capoeira se mostrou um sucesso. Ao fundo temos o Bola. Não me lembro da corda dele naquele momento. Mais um mestre que se formou em 2001. Cantar era com ele mesmo. Voz potente, repertório. Dominava o toque, o canto e a condução da roda. Seu canto enchia os ambientes com a vibração das cantigas no fundamento e fazia a roda viver em jogo.

Mais um jogo… Isso foi em uma quadra. Percebam a quantidade de capoeiristas e também de público.

Mestrando Carangueijo, olha o tamanho desse cara!… Ele era assustador, não à toa ele foi um dos primeiros campeões de vale tudo da região no final da década de 1990. Pude assistir de perto à sua formatura de Mestre e constatar que ele foi um dos grandes do Grupo no passado.

Final de eventos e todos querendo mais… Olha aqui embaixo de camiseta preta o Contramestre Bifão, quando ele ainda era magrinho, ao lado do grande professor Grilo… Realmente, uma geração de pessoas iluminadas por Deus.

Mestre Corisco jogando com o Contramestre Porrada de Patos de Minas… Evidentemente, o destaque foi o Mestre Corisco, que aqui operou como um Sol, ofuscando e iluminando a todos. O Mestre tinha as manhas, não jogava sempre, então todas as vezes em que ele entrava na roda era um acontecimento. Tinha alguns movimentos que ele sempre fazia, e que eram um tipo de marca registrada: escovão de cabeça, giro de mão, folha seca. O Porrada saiu do grupo pouco após esse evento, acho que passou a se dedicar ao jiu-jitsu.

Contramestre Gasolina ao centro dando um show. Movimentos da ginástica olímpica eram com ele. Incentivou muitos a repetirem, mas naquela ocasião era imbatível.

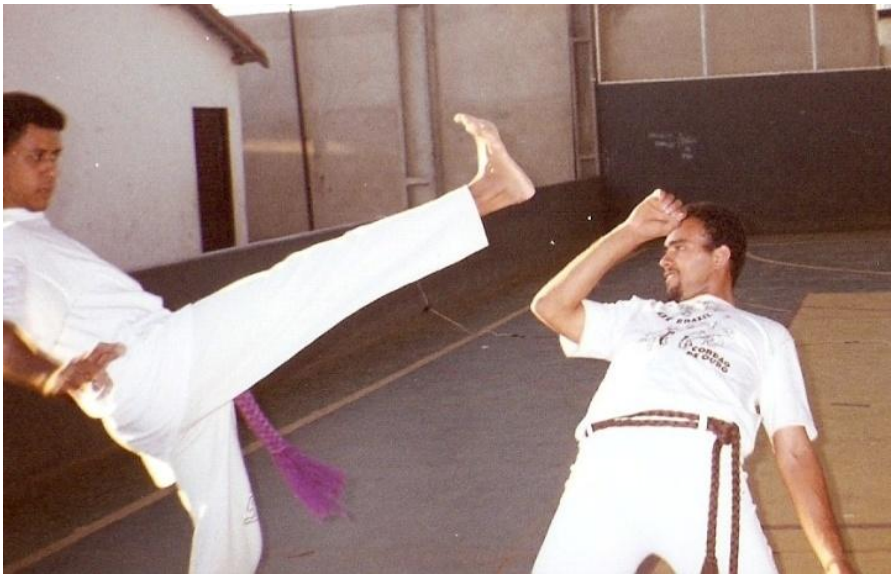
Mestrando Carangueijo e Contramestra Miúda em um jogo de Davi contra Golias… Ambos Mestres hoje e a Mestra Miúda é a presidente da ASCAU, a quem rendo homenagem pela força e persistência. Olhando o jogo à esquerda, temos o Mestre Tadeu, sempre na sua e de boa, mas não se engane, excelente jogador. Quem chega ao topo, a partir da corda marrom, é porque tem méritos.

Olha eu aí, de novo!!!!.. Pena que tinha uma cabeluda no caminho que prejudicou um punhado de fotos…

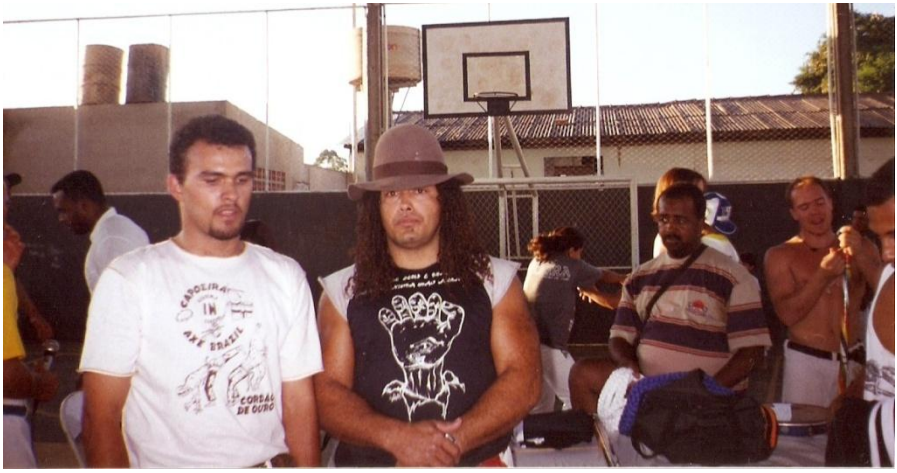
Contramestre Sapulha executando o giro de mão… Como eu gostava de fazer isso. Não era perfeito como o do Mestre Corisco, que girava 3-4 vezes, mas funcionava. Jogando com o amigo, professor Pantera de Uberaba. Provavelmente foi nesse evento que nos conhecemos. De amarelo, o anfitrião: Contramestre Onça.

Final de evento, no fechamento da roda, todos jogando. Estou entre o Instrutor Negreti (jogava muito, ele era jogador profissional de futebol, chegou a jogar na Europa, então em força e preparo físico era difícil fazer frente a ele) e a Graduada Teta (de camiseta preta, boa jogadora em sua época, com bastante destaque, pena que não se manteve por muito tempo depois desse evento na capoeira).

Uma foto com o anfitrião do evento, Contramestre e amigo Onça (ele foi um grande amigo e parceiro de treinamentos, fui muito em todas suas academias). Ele me trouxe muitos fundamentos e ensinamentos.



Ia ser uma foto bonita se o fotógrafo não se atrapalhasse e não nos cortasse... rsrssr.



Após o evento, uma foto para a posteridade com o Mestre Corisco e o seu estilo inconfundível. Ao fundo, o Mestrando Ferrugem desarma seu berimbau (provavelmente baiano, já que ele ia frequentemente a Porto Seguro e contava muitas histórias de lá: roda, capoeira ao luar, Mestre Rail). À frente dele está o irmão do Mestre Gasolina, que foi um grande incentivador da capoeira. Ele abriu a casa dele, onde tinha um espaço nos fundos em que se fez uma academia improvisada para o Mestrando Gasolina… foram muitos sons e rodas por lá. Ele também arrumou o Clube AFA em Araguari para o Gasolina instalar o espaço dele, que chegou a ter centenas de bons capoeiristas.

Por fim, esse evento me presenteou com um momento único, uma das melhores fotos que já tirei. Nela, estou na parada de mão enquanto o professor Grilo aplica uma rasteira de costa. Utilizei essa foto para fazer os cartões de visita que distribui e troquei com outros capoeiristas. É uma coisa interessante, apesar de ter distribuído centenas de cartões (100 como contramestre, uns 300 como mestrando e 100 como mestre), não me lembro de nenhum contato que tenha sido feito em função deles… Na verdade, era eu quem sempre procurava e entrava em contato, e nunca o contrário. Mas houve um momento em que eu tinha uma coleção de cartões de outros.

Hoje moro em Belo Horizonte (MG), mas o endereço de Araguari ficou registrado. A frase é de uma música do Mestre Brasília (LINK), lançada em 1993. Esse disco (Ginga Original II) tem uma sonoridade diferente. É capoeira com uma pegada mais cultural e filosófica (pelas mensagens) e com sons trabalhados e corais. A mensagem dessa música reflete exatamente o que vi e vivi na capoeira. Tem para todos e todos os gostos. É só uma questão de acomodação e paciência até que todos encontrem os seus lugares na grande roda, e inclusive nas rodas da vida.

Formatura do Mestre Caranguejo e Mestrando Gasolina

Outros eventos importantes dos quais tive o privilégio de participar foram: a formatura do Mestre Carangueijo com a graduação do Gasolina a Mestrando (e também dos quais consegui ter algum registro). Naquela época, as coisas não eram tão fáceis como hoje. Era em câmera fotográfica manual. Tem que trocar o rolo de negativos que era limitado a 12–36 poses. Tinha que revelar as fotos para ver como ficou e isso demorava até semanas e, além de tudo, ficava bastante caro, assim não dava para tirar fotos de tudo. Mesmo assim, as fotos boas acabavam sendo uma questão de sorte.

Hoje é muito simples, todo mundo tem na mão um gravador de som, uma máquina fotográfica e também uma filmadora. E processar também se facilitou, usando os recursos de inteligência artificial. Podemos tirar fotos e, na hora, refazer se não ficarem boas. Recentemente fui olhar as fotos digitais que tinha para selecionar com outros objetivos e me deparei com milhares e milhares de arquivos.

Esse livro é sobre a minha história/estória e sobre o que presenciei, mas acho que alguma universidade ou profissional, ou ainda os próprios membros do grupo, deveria se debruçar mais detidamente sobre a história da ASCAU, para organizarem os registros históricos e produzirem livros, reflexões, análises. Somos um grande e longevo grupo com uma infinidade de histórias (e estórias). Acabei fazendo esse livro como uma forma de manter a minha própria memória, já que, com o passar dos anos, as memórias ficam desbotadas, em tons de cinza, e desaparecem de nossas lembranças.

Mestrando Carangueijo se aquecendo. A formatura de mestre foi só dele. Após

executar a sequência de Bimba com os balões cinturados, tocar, cantar e jogar se graduando a Mestre, ele teve a função de graduar todos das demais cordas no dia: preta, marrom e roxa. Ele jogou e derrubou ao menos 50 capoeiristas de alto nível nesse dia em um jogo contínuo. Isso não é para qualquer um, não! Somente para pessoas diferenciadas…

Em preparação ainda… Olha a quantidade de pessoas para pegar a corda preta (a cor da camisa indicava qual era a graduação). O Gasolina foi um deles.

Preparando-se para iniciar o evento. Nesse dia pegaram a corda preta: Miúda, Caju e Urso, Gasolina e outros.

Abertura pelo Mestre Corisco. Agachado, o Gasolina e ao lado a Miúda. De camiseta azul, o Mestrando Periquito. Ele foi tornar-se mestre na formatura seguinte. Durante muitos anos, o grupo tinha apenas 3 mestrandos em atividade: Angola, Periquito e o Gato. O Angola se formou antes do Carangueijo, mas a formatura dele não foi tranquila não e ele acabou se desligando do grupo logo a seguir. Nas minhas lembranças, o Angola representava a perfeição na movimentação, o Periquito, a agilidade, e o Gato, todos ficavam esperando ele fazer esse movimento (tipo um mortal com as mãos, na ginástica olímpica é o flip flop) em que ele caía de forma extremamente suave, como um gato. Esses três mestrandos dominaram os eventos dos anos de 1988-1995, sendo as estrelas, juntamente com os Mestres Lacraia e Monge.

Jogo acontecendo.

E mais jogo… Nessas formaturas, o Mestre Corisco não permitia a filmagem. Apenas fotos. Depois eu até passei a usar um gravador para áudio e gravava todo o evento.

Mestrando Gasolina recebendo a sua corda preta do Mestre Carangueijo com um jogo espetacular. No pandeiro, o Professor Bola, e no berimbau, o Mestrando Ferrugem. Ao lado, os novos cordas pretas: Gavião, Caveira e Miúda, aguardando sua vez.

Gasolina demonstrando seus movimentos, que eram de uma plasticidade e precisão impressionantes. Não me canso de dizer isso: sem dúvida, foi um dos principais capoeiristas de seu tempo e com quem tive o prazer de jogar e ver jogar.

Formatura dos Mestres Caveira, Urso e Gasolina

Nos anos seguintes, houve mais formaturas de novos mestres, sempre no final de ano, em dezembro. Era um presente de Natal para os felizardos e de ano novo para o grupo. Aqui já foi no ano seguinte, com a formatura do Caveira, Urso e Gasolina.

Mestre Corisco abrindo o evento, acompanhado pelos Mestres: Tadeu, Calango, Carbono, Carangueijo, Caju e Pedrada.

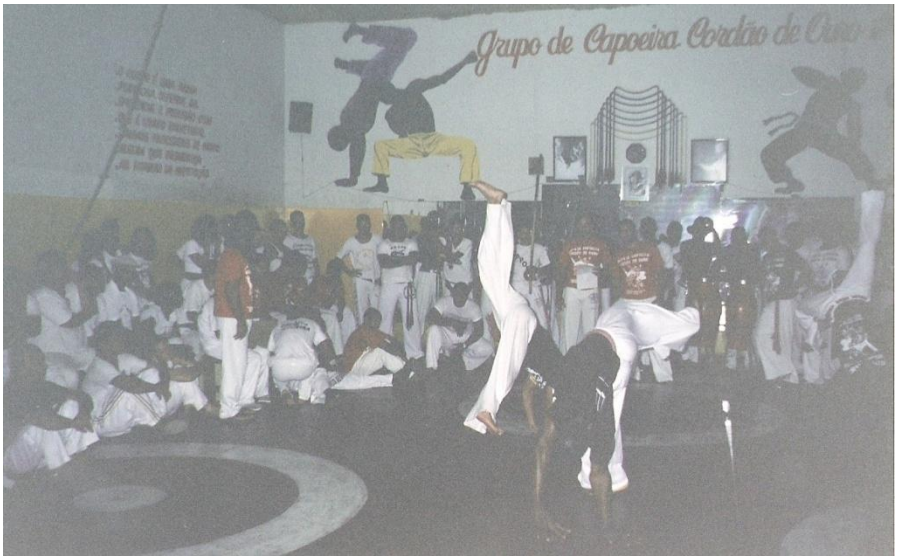
Demonstração de sequência do Mestre Bimba com cintura desprezada pelos mestrandos (me parecem: o Caveira e o Gasolina).

Jogo dos mestrandos: angola, floreio, navalha e jogo duro (com contato físico).

Mestre Gasolina recebendo a sua corda. Ele foi o primeiro mestre de Araguari formado na ASCAU. O Mestre Caju (observando a amarração da corda) se tornou mestre antes, mas ele já havia deixado Araguari para trás há alguns anos, ainda na corda marrom.

Os formados do evento, Mestres: Gasolina, Urso e Caveira.

Mestres Caju e Tadeu fazendo a tomada de golpes dos demais graduados.



Jogo dos graduados.

Nesse momento, passei a me dedicar não só ao toque e ao canto, mas também a acumular material sobre capoeira: livros, discos, fitas, fotos. Eu sabia que o conhecimento é a fonte da transformação e achei que saber me ajudaria a ser mais reconhecido e respeitado. Construi e fiz berimbaus. Um deles tem som de viola e, ainda em 2025, ele me acompanha e impressiona onde passa.

À frente, todos os Mestres do grupo naquela época.

Viajando em Busca de Bagagem e Visitas a Outras Academias

Viajei muito pela capoeira em eventos na região do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e sul de Goiás nos eventos do Grupo. Não era muito bem visto, naquele período, e até motivo de confusão, participar de eventos de outros grupos. Isso porque não faltavam eventos internos que deveriam ser prestigiados. Outro ponto é que misturar grupos sempre acabava em confusão séria.

Acumulei muito material de capoeira e fiz disso uma fonte de troca e interação com muitos capoeiristas. Durante mais de 5 anos, só ouvia músicas de capoeira, passava os finais de semana em eventos e, como limite da loucura, fiz meu pai me levar, com o Professor Pantera (que na época era só Pantera e acompanhava o grupo, um grande amigo), para Osasco em SP, atrás de uma pessoa que dizia ter fotos e materiais da capoeira à venda (hoje existe um vasto acervo disponível na internet). Gastamos um dinheiro por lá com: LPs, K7, livros, Xerox e fotos de capoeira. Depois duplicamos o material e dividimos para cada um ficar com uma parte original e outra parte copiada.

Eu visitava frequentemente o Pantera em Uberaba. Em uma das ocasiões, fomos de roda em roda de 19h às 3h da manhã. Em outra oportunidade, levei o Contramestre Kong (outro grande em sua época) e, em outra ainda, o Contramestre Bifão. Lembro-me de que o pessoal de Uberaba, com essas rodas noturnas, era muito animado, de uma forma que nunca vi novamente.

Da esquerda para a direita: Contramestre Bifão (que nessa época já estava crescendo devido à musculação e jiu-jitsu), Sapulha, anfitrião de Uberaba (não me lembro do apelido) e Professor Pantera (nosso guia).

"Seu chefe de polícia, o barulho está formado…
Mas o cara é diferente, oiaiá, não se pode segurar…"

A cantiga narra feitos atribuídos a Besouro Mangangá, personagem histórico e mítico da capoeira, símbolo de resistência, valentia e enfrentamento à repressão policial. Cantiga de capoeira sobre Besouro Mangangá. Autoria não identificada. Interpretação: Mestre Toni Vargas. Registro da tradição oral e fonográfica da capoeira. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

Rodas em Uberaba, uma atrás da outra até a madrugada. Oh, povo animado!

Com os Contramestres Bifão e 1,2, tenho muitas histórias dentro e fora da capoeira. Fazíamos parte do mesmo grupo de amigos. Frequentávamos o Cocão na Vila Paraíso (onde inclusive seria a academia do Contramestre Onça, formando muitos capoeiristas, que inclusive se tornariam mestres em outros grupos: Benguela, Vulcão e

outros). Nos dias de festa (forró na sexta, dance anos 90 no sábado), o lugar enchia. Eu não sei o que eles arrumavam que tinha confusão todo dia e sempre que a confusão acontecia, eu não estava. Um dia, o Bifão disse algo mais ou menos assim (as falhas de memória 30 anos depois): "Uai, Sapulha, onde você estava que não nos ajudou?…rsrssr.. Ou ainda, que interessante, sempre que tem confusão o Sapulha não está por perto, que estranho!". Só sei que sempre acontecia assim.

Quando entrei, o Mumbuca era corda azul, mas acho que ele foi só até a verde ou roxa. Fiz o meu caminho na capoeira e, quando era corda marrom, o Mestre Corisco ficou sabendo que ele estava dando aulas em um salãozinho no Bairro Maria Eugênia (naquele momento havia vários movimentos de cisão de grupos e o pessoal começava como academia do grupo e logo mudava para outro grupo) e falou com Bifão, 1,2 e eu para irmos lá vermos o que estava acontecendo. Na minha cabeça era conversa e na do Bifão e 1,2 era: "vão lá e dão um pau neles…rsrsrs". Em um sábado à tarde, fomos ao local, muito simples e com pessoal muito humilde. Um dos alunos saiu no meio da roda e foi lá fora fumar. Quando o Bifão viu isso, levou o aluno para o meio da roda novamente e tirou o cigarro dele da boca com o pé, um martelo no jogo e ainda deu uma lição de moral sobre não fumar na capoeira. Sobrou para todo mundo e, apesar de estar na confusão dessa vez, eu fiquei mais assistindo do que agindo. É... esse sou eu. Não me lembro se isso influenciou, mas após um tempo o Mumbuca acabou saindo do grupo. Acho que teve uma passagem pelo grupo do Raposa. Ele idolatrava o Mestre Corisco. Onde quer que esteja, o Mumbuca tem o meu agradecimento, pois ele me auxiliou nos primeiros passos na capoeira.

Eu fazia muitas visitas nas academias do grupo para treinos regulares (e principalmente em Uberlândia) e sempre fui muito bem recebido em todas elas, sem nenhuma confusão registrada me envolvendo: Carangueijo, Kong, Caju, Urso, Chocolate, Polaco, Alicate, Pirapora.

Evento do Polaco em Corumbaíba (GO). Sobre o Polaco, na nossa formatura para Mestres, ele foi com umas tranças coladas no cabelo, estava meio esquisito, mas cada um queria deixar uma marca ou estilo. Ao longo do evento, todos tiveram sua oportunidade de falar e prestar também sua homenagem ao Mestre Corisco. Fiz o que sempre fazia nos eventos e fiz uma reflexão usando um discurso. O Polaco homenageou o Mestre Corisco adotando o seu estilo de cabelo e assim, aquelas tranças eram sua homenagem. Achei muito tocante e criativo da parte dele e todos o aplaudiram por isso. Sem dúvidas, foram frases marcantes e de destaque entre todos no evento de formatura.

Outra academia que frequentei e tenho outra história como corda marrom foi a do Instrutor Azeitona no Bairro Goiás. Na época, eu estava focado em reeducação alimentar para perder peso (comia só alface e filé de frango). A dieta naquela época resolveu (pois perdi 12 kg) e usava as horas em que não estava trabalhando e estudando para treinar. Nos treinos especiais em Uberlândia, treinávamos movimentação de chão e agarramentos (tipo jiu-jitsu), afinal, um graduado precisa estar pronto para qualquer situação, não tem dessa de que precisa aquecer ou se for para o chão, aconteça o que acontecer tem que resolver. Note bem que isso é literalmente um vale-tudo. Então treinava corrida na rua, musculação (horas, 2 e às vezes 3 horas de peso, eu já fiz o leg press com 260 kg!..hoje não consigo fazer certos exercícios de pernas com 5 kg de peso, isso é triste para quem já esteve onde estive) e os treinos da capoeira (2 horários e às vezes quem puxava o treino era eu). Em um dia, estava nessa academia do Azeitona, fizemos um aquecimento, corremos descalços pela rua (para criar couro nos pés…rsrs) uns 5 quarteirões em volta da academia, fizemos o treino de movimentação. No final, era uma rodinha de 15 minutos, que

não podia faltar. Nesse dia, eu estava particularmente animado. Então peguei o berimbau para iniciar, fiz os primeiros toques e puxei um longo "IEEEEEEEEEEEEEEEE"…desmaiei. Não sei se foi a fraqueza que estava devido à dieta, o esforço excessivo, ou ainda o longo grito que deve ter tirado oxigênio para meu cérebro. Não foi um desmaio total, não perdi a consciência, só desabei. Eu conseguia ouvir e perceber o que estava acontecendo e o pessoal ficou preocupado, mas em 10 segundos retornei, me levantei e voltamos para a roda com toque e canto, como se nada tivesse acontecido.

Ao longo das andanças e bagagem, acabei transformando o meu quarto na casa dos meus pais em um museu dedicado à capoeira, e o quadro a seguir expressa isso. Infelizmente, eu o desmontei em 2006, quando me mudei para Belo Horizonte, já que não havia espaço para mantê-lo onde eu iria morar em BH. Ficou a lembrança. O quadro desenhado ao lado foi feito pelo meu irmão a meu pedido. Ele estava fazendo aulas de desenho e deu esse desafio para ele. O quadro se chama "O Aprendiz", para me lembrar de que, apesar de tudo, somos sempre aprendizes. Ser mestre é um orgulho, mas não devemos deixar o título nos embriagar a ponto de nos esquecermos de que continuamos aprendizes na vida.

Algumas fotos preferidas. Meu diploma de mestrando, mais: navalhas, facões, facas e bastões para treino. O caxixi que comprei do Mestre Corisco; fita vermelha do Bonfim e gorro jamaicano trazidos da Bahia; baqueta que comprei em BH; no quadro à direita, uma das fotos que comprei em Osasco na viagem de mais de 1.000 km atrás de bagagem. No quadro à esquerda, a música com a qual venci o campeonato em 1998 e também o significado das cores das cordas da ASCAU,

minhas obras-primas musical e textual (o texto no livro Cores da ASCAU). No meio dos facões, tem uma faca de madeira simbolizando uma "faca de tucum" — a mesma da música abaixo. Era uma espécie de faca feita de madeira ou osso, que não perfurava, e sim, rasgava a pele. Assim, no início dos anos de 1900, era fatal, sem chance de recuperação, e por isso se criou todo um folclore a respeito. Ela foi feita pelo irmão do Chumbada para mim.

"Faca de tucum matou Besouro Mangangá…
Diz a história que mataram seu Besouro,
**Lá na Bahia, em Santo Amaro."*

A cantiga narra a morte de Besouro Mangangá, figura histórica e mítica da capoeira, ressaltando a ideia da traição como única forma de vencê-lo, tema recorrente nas narrativas tradicionais sobre o personagem. Cantiga de capoeira sobre Besouro Mangangá. Autoria não identificada. Interpretação: Mestre Cobra — Abadá-Capoeira. Registro da tradição oral e fonográfica da capoeira. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

Contramestre Sapulha: Escritor

Minha bagagem de conhecimento chamou a atenção do Mestre Corisco, que passou a me solicitar para redigir textos a serem lidos na abertura dos eventos (esses textos estão no livro: Cores da ASCAU), para passar alguma mensagem, uma espécie de preleção, uma abertura para os jogos. Evidentemente, me senti muito prestigiado pelo Mestre Corisco e isso certamente aumentou a minha autoconfiança e ajudou a encontrar o meu lugar no grupo. Minha conclusão: não preciso da violência, tem lugar para todos, e o meu lugar é com conhecimento e musicalidade. Esse sou eu na capoeira.

Evento no Clube Girassol em Uberlândia. Leitura dos meus textos de abertura e preleção para o evento.

Leitura de texto de abertura produzido para a formatura de Mestres do Grupo (Caju, Caveira, Carbono, Tadeu, Gasolina, Urso, Calango e Pedrada). Tive uma grande produção de textos e todos eles estão em outro livro (Cores da ASCAU), dedicado exclusivamente para essas mensagens.

Eventos no Clube Giriassol em Uberlândia (MG)

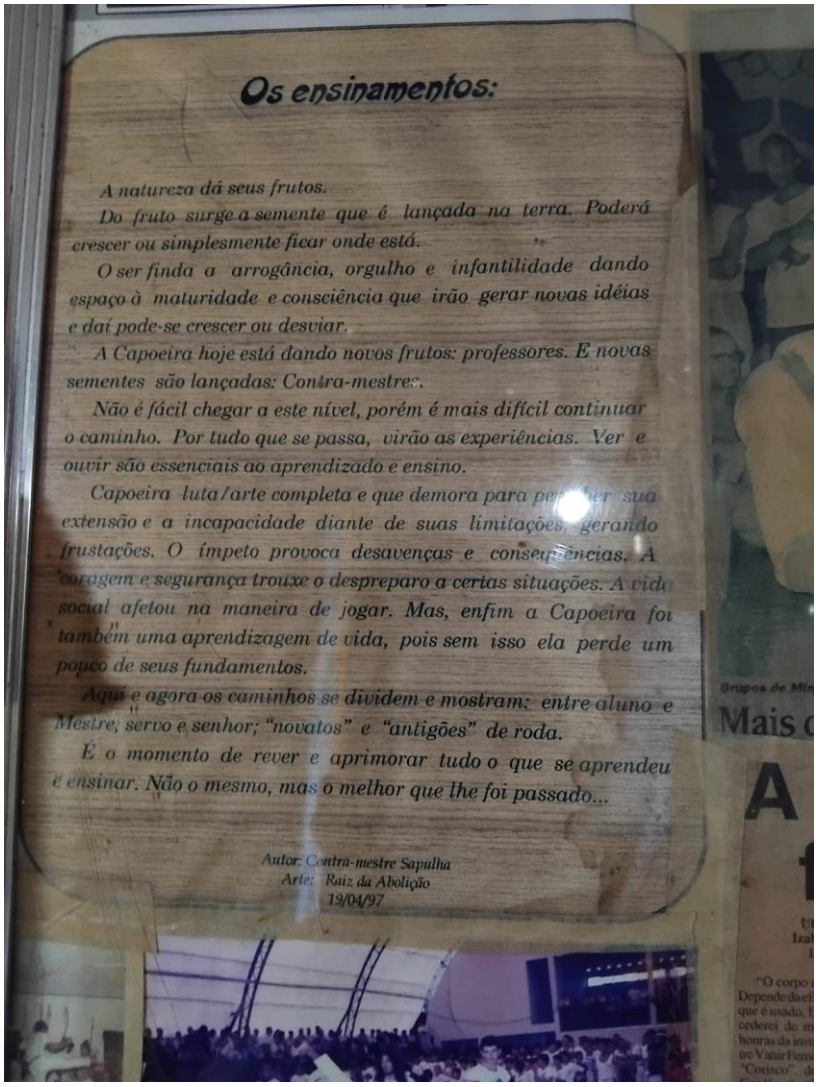
Os eventos do grupo eram impressionantes: na sede da ASCAU na Rua Quintino Bocaiuva, que ficou pequena, passaram a ser no Clube Girassol em Uberlândia, com organização do Urso (hoje, Mestre Urso).

Mestre Corisco inspecionando o jogo… Nessa época, em que havia muitos graduados, "o pau caía a folha" e tinha que ficar esperto para a coisa não degringolar para fora de controle. Lembro-me de um evento em que alguns graduados receberam um colete colorido e deveriam agir rapidamente para separar os brigões e evitar que se machucassem. Aqui estou, assistindo ao lado do tocador de berimbau

(calça vermelha). Os uniformes ainda não eram padronizados. Às vezes eu deixava a roda e ia ficar na plateia um pouco, assistindo de longe ou vendo as coisas acontecerem por outros ângulos.

Aqui estou tocando pandeiro. Professores jogando… Lembro-me de que nesse evento tiveram vários jogos muito duros. O caminho dos graduados não era nada fácil. Era preciso muito preparo e estratégia para sobreviver nesse ambiente. A confusão procurava a gente a todo momento.

Professores Kong e Eustáquio: note a expressão de tensão no ar. "É defesa, ataque, é ginga de corpo, é malandragem". Após a morte do Mestre Corisco, o Mestre Kong atuou como dirigente da ASCAU por alguns anos. O professor Eustáquio se tornou mestre e criou seu próprio grupo, construindo um trabalho de sucesso em Tapuirama.



Ao fazer os contatos com as pessoas sobre a utilização da imagem e a publicação nos livros dessa coleção sobre a minha história, todos com quem contatei foram muito receptivos. Com muitos, eu já não tinha contato há quase 20 anos.

Um dos contatos foi com o Eustáquio, que naquela época era professor. Hoje ele é Mestre e tem seu próprio grupo, que funciona em Tapuirama. Assim que ele me identificou, ele me enviou essa foto. Ele guardou esse texto, de 1997, para a história. Está em um quadro. Recebi isso como uma grande homenagem que me emocionou. Estamos em grupos diferentes, mas compartilhamos uma história de respeito mútuo e admiração. Obrigado pela lembrança, Mestre Eustáquio.

Isso me faz pensar sobre o quanto minha arte e meu legado estão espalhados pelo mundo, através daqueles que conviveram comigo e compartilharam a história.

Mestrando Ferrugem aplicando o movimento de baianada no professor Kong. O Kong pode até ter caído, mas certamente teve troco pesado. Ele era duro na queda, bom de jogo e bem destemido. Não se importava muito com o tamanho, não. E os oponentes geralmente tinham receio dele.

De cotoveleira, mestrando Carangueijo. Em 2018, encontrei-me com o Mestre Carangueijo e ele me disse que todo o esforço corporal ao longo dos anos estava cobrando seu preço: cirurgias em ombros, joelhos e coluna. É, cada um acaba pagando um preço para seu lugar na história. E a história do Mestre Caranguejo foi fantástica… merecia um livro. Todos merecem.

De novo fazendo a entrada no quique de cabeça… Bem previsível, não é, contramestre Sapulha?… Em pé à frente do berimbau, temos o professor Negreti. Esse dia ele jogou muito e enfrentou muitos contramestres e mestrandos. Do que me lembro, esse foi o auge dele na capoeira.

Jogando com o Metrando Pedrada, me preparando para fazer algum movimento de queda de rins… essa era outra especialidade, fazia tudo com queda de rins. Reconheço que eu tinha receio de jogar com algumas pessoas, principalmente de quem não tinha muito contato e proximidade, e o Pedrada era um deles. Esse apelido já era um sinal do que vinha por aí, não podia dar bobeira. E esse evento estava com um clima bem agressivo. Muitos graduados querem fazer seu nome e se cacifar como grandes jogadores. O jogo com o Pedrada foi um dos poucos que fiz nesse dia. Fiquei no som, que era a minha posição favorita, um pouco nos berimbaus e muito no

pandeiro. Mas, olhando para o passado, tive bons jogos com o Pedrada, sem desavenças, quedas ou trairagem. Afinal, nesse caso, o meu receio não era real, era apenas um tipo de pânico preventivo, rsrsrsr.

Eventos em Ituiutaba do Mestre Calango

Os eventos realizados pelo Mestre Calango em Ituiutaba também eram concorridos. Íamos para lá no dia anterior e dormíamos na academia. Uma vez fomos a uma festa à noite. O contramestre 1,2 no meio da música, fez sinal que queria fazer o mortal bico de papagaio no meio da multidão na festa. Então preparei a mão, mas quando ele veio chegando perto, as luzes se apagaram e eu não consegui jogá-lo adequadamente no tempo certo. Segundos depois, quando a luz retornou, ele estava no chão e me disse: "mas você não me jogou, você é foda…rsrss". Rimos muito disso depois. Em um desses eventos em Ituiutaba, haveria uma graduação para marrom (isso foi antes de os eventos para essa graduação e acima fossem centralizados e concentrados no final do ano). Não me lembro do apelido dele, talvez Zumbi, mas me lembro de que o Bifão (na época contramestre) tirou-o do ar umas 3 vezes. Já viu isso? Não era propriamente um desmaio, estava mais para aquele apagão no qual os boxeadores acusam o golpe e abrem contagem, mas foram 3 vezes… Enfim, ele pegou a corda, mas tempos depois deixou o grupo e foi para o grupo Abadá.

Outro evento histórico, mas que infelizmente não participei, foi um evento que ocorreu em Itumbiara em meados da década de 1990. Nele se encontraram o Mestre Corisco e, na ocasião, o Prof. Charme de Goiânia (não sei se na época ele já era do Abadá). O Contramestre 1,2 me falou desse evento com entusiasmo e, muito tempo depois, ainda se ouvia desse encontro.

Abadá Capoeira em Uberlândia

Aproveitando para falar do Charme, que tinha alunos em Uberlândia (agora como Abadá Capoeira), criando cisões de grupos e acomodando vários capoeiristas formados e saídos da ASCAU. Eles realizavam eventos frequentemente. Eu sempre ia, mas na arquibancada, como plateia. Sua presença era absolutamente imponente, o toque de berimbau (berimbaus padronizados, eu achava estranho aquele negócio sem cor), tudo padronizado e certinho. Os berimbaus chegavam em sacolas. Parecia-me até que não combinava, pois a capoeira sempre foi diversidade… Mas é inegável, eles produziam um espetáculo organizado e bonito de se ver. Presenciei jogos memoráveis. Um deles foi o jogo entre o Charme e o Guimes (hoje ambos são mestres em

seus grupos). Esse foi um jogo de angola entre um que fazia a angola pela visão contemporânea (Charme do Abadá) e outro que era mais apegado às raízes (Guimes). Um dos últimos eventos que assisti do Abadá em Uberlândia ocorreu meses após a morte do Mestre Corisco e digo, o Charme promoveu uma comovente homenagem ao Mestre Corisco. Ele falou sobre a morte do Mestre Corisco e de que sentia muito. Não eram amigos, mas de que ele o respeitava, promoveu um minuto de silêncio e fez o toque longo de Iuna. Tinha outros integrantes da ASCAU na plateia e sei que todos se emocionaram ou pelo menos não se esqueceram desse momento, assim como eu. Obrigado Mestre Charme!

"É tempo de caju, eu subi no cajueiro.
Cuidado para não cair da galha do cajueiro."

A cantiga é usada de forma leve e bem-humorada na roda, remetendo à malícia, ao equilíbrio e à atenção constante exigida no jogo de capoeira. Cantiga de capoeira. Autoria não identificada (tradição oral). Interpretação: Mestre Charme — Abadá-Capoeira. Registro oral e fonográfico. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

Evento do Grupo Abadá em Uberlândia. Se não me engano, esse foi um dos primeiros. Quem estava conduzindo esse grupo era o Jipe (graduou-se marrom na ASCAU na mesma turma que eu), mas acabou saindo e se filiando ao grupo Abadá e passou a se chamar de Candango. Essa foi mais uma das cisões do grupo. Houve outras anteriormente e também muitas outras depois. Após a saída dele, o Mestre Monge e o Mestre Lacraia também tiveram uma passagem pelo Abadá.

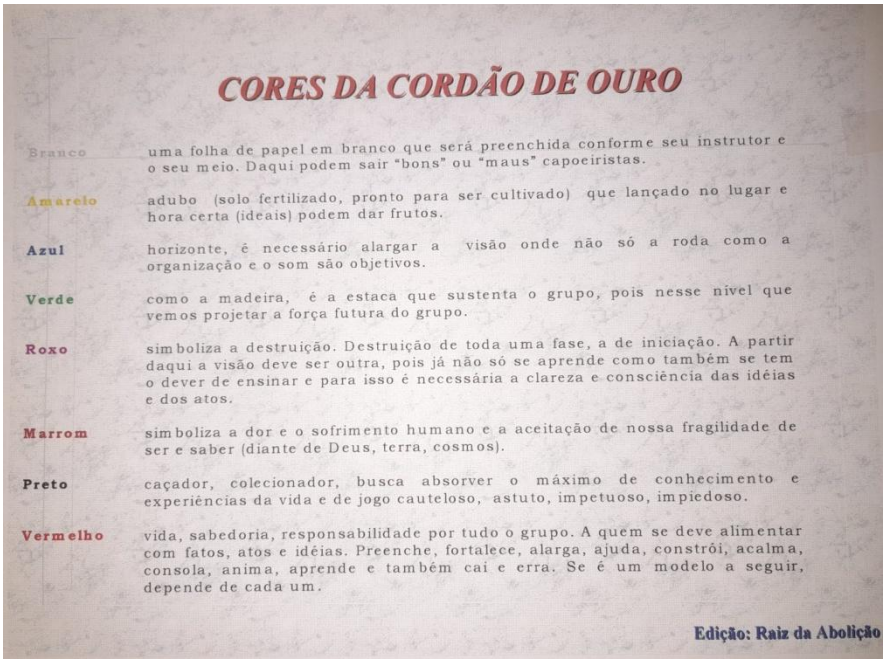
Em outro evento, pude ver de perto o Mestre Camisa (no berimbau com a perna dobrada) e o Prof. Charme, que na época era simplesmente gigante. Lembro-me de vê-lo entrando na quadra, carregando um atabaque no ombro e, após armar o berimbau, fazer o aquecimento. O Abadá sempre foi muito organizado. Seus eventos não atrasavam, tinha horário (início e fim) e eram muito bem pensados para ser um espetáculo para a plateia. Sempre achei muito limpo, com uma vibe de esporte e competição, mas, por outro lado, sempre me deu a impressão de estar faltando algo que não sabia o que era. Isso é um confronte de modelos mentais...

"Lá na Bahia, corre água sem chover.
A água do coco é doce, eu também quero beber."

A cantiga exalta a Bahia como espaço simbólico da capoeira, evocando abundância, ancestralidade e pertencimento cultural na roda. Cantiga de capoeira. Autoria não identificada (tradição oral). Interpretação: Mestre Boa Voz — Abadá-Capoeira. Registro oral e fonográfico. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

Nesses eventos, eles distribuíam um pequeno panfleto falando sobre a história da capoeira, do grupo e descrevendo as cores das cordas e seus significados. Achei isso bem interessante e pensei: "na ASCAU não temos uma descrição de cores das cordas… por que não temos? Vou fazer isso em homenagem ao meu grupo e ao Mestre Corisco". O significado das cores da ASCAU está a seguir e consta no livro: Cores da ASCAU. É um texto distribuído e criou vida. Está no estatuto do grupo, está em quadros em academias. Ele foi escrito em 1997. Em 2003, eu o encontrei em sites. Foi uma obra que se espalhou e teve vida própria. Pode ser que tenha inspirado outros textos e reflexões, assim como o panfleto da Abadá me inspirou. Pode ser que o pessoal mais novo não o entenda perfeitamente, mas os contemporâneos entendem certamente o sentido do texto e da descrição das cores da ASCAU.

Cores da ASCAU



No Livro Cores da ASCAU contem os textos e reflexões que elaborei entre 1994-2025.

Eventos do Procurar-te em Araguari

Essa época de viagens intensas aos finais de semana para eventos foi acompanhada por apresentações em eventos comuns da cidade (ruas de lazer, encontro da juventude, festas em clubes — como o Pica-Pau, Cometa, Recanto do Galo, comemorações na Casa da Cultura). Em alguns, a capoeira é mais uma atração e, em outros, era a atração principal. Vou indicar alguns exemplos:

- Meu dia tinha 48 horas, de tantas atividades. Trabalhava, estudava, tinha vida social, grupo de jovens, capoeira, namoro… Como se isso fosse pouco, entrei em uma entidade cultural: Procurar-te. Era um grupo de debate e desenvolvimento da cultura, mas que tinha um viés político. Minha parte era voltada para a cultura negra e capoeira, evidentemente. Promovíamos eventos e principalmente convidávamos pessoas nas escolas para conhecer e entrar para o movimento. Em uma dessas rodadas nas escolas, era para fazermos uma roda no intervalo do recreio pela manhã na Escola Estadual Paes de Almeida. No dia, não

apareceu ninguém. Só estávamos eu e um berimbau. Chegou o recreio, resolvi improvisar. Importante fazer um aparte: eu já tinha participado de 2 outros grupos de teatro: A Companhia Araguarina de Artes Cênicas — CACA e o ETC, inclusive participando de cursos de atuação e direção em Araguari e em Campina Verde em grandes eventos regionais de teatro. Outro fato que antecede e que me inspirou a fazer o que fiz foi uma apresentação do percussionista Nana Vasconcelos (LINK) em que ele faz a plateia reproduzir os sons do rio e da tempestade com sons da boca e palmas. Retornando ao recreio, eu subi em uma mesa de concreto e, assim que o sinal tocou e os estudantes saíram, passei a tocar o berimbau de forma frenética para chamar a atenção. O pessoal veio para perto e eu reproduzi em parte o que o Nana Vasconcelos havia feito. Quando o pessoal estava envolvido, eu solicitei que me ajudassem a cantar uma música, a mais conhecida, Paranaué. Inicialmente, fizemos sem berimbau, e eu desafiei o volume da plateia para que eles se soltassem. E a cada coro eu cantava mais alto e desafiava: "mas eu sou só um e faço mais barulho que vocês todos". Quando eles entraram no ritmo, toquei o berimbau e fizemos a música. Foi de arrepiar, operamos como um coral. Ao final, eu disse: "isso que vocês fizeram agora é cultura e cultura brasileira. Venha conhecer mais conosco e entre para o Procurart-te". Simplesmente apoteótico. O Procurar-te promoveu outros eventos nos quais a capoeira foi o destaque, como no encontro nacional da juventude, ocorrido no Ginásio da FAFI de Araguari, e uma apresentação no Teatro da FAFI (nesse aí encenei a música do Tony Vargas: "*dor, dor, dor, o negro sofre no chicote do feitor….dor, dor, dor, D. Isabel a sua lei não adiantou*…").

Jogando o Black no mortal bico de papagaio. Esse era um vício. Uma vez, na academia Podium, eu estava na corda azul e sempre treinávamos esse salto. As meninas da aeróbica terminavam as aulas delas e ficavam na porta do salão da capoeira olhando. Um dia, eu e o Bifão estávamos treinando esse salto e a plateia nos animou. Eu o jogava e ele me jogava, fizemos vários saltos alternados e cada um indo mais alto que os anteriores. Em determinado momento, pareceu que já tinha dado, então levantei a mão e falei: "esse é o último". Todos os outros que também estavam fazendo o aquecimento, pois esses momentos aconteciam antes do treino, pararam e, juntamente com a plateia, ficaram me olhando… Então, quando fui fazer o movimento, erramos o tempo e, ao invés de subir, fui lançado para trás… Na minha memória, fiz um movimento tipo Matrix, mas no ar e após uns 3 metros, caí de costas. Quem já caiu de costas sabe que ficamos sem ar… Então me levantei tentando puxar o ar… Para mim, foi doloroso e vergonhoso e, para a plateia, engraçado… Durante um tempo, o pessoal ficou me zoando… Faz parte, fiquei mais esperto e parei de fazer graça desnecessariamente.

Contramestre Gasolina se lançando para um mortal...muito alto! Estou no pandeiro.

Contramestre Gasolina em um quique de cabeça e o Professor Grilo se preparando para uma armada solta... Era a especialidade dele, saia muito alta. Sapulha no pandeiro.

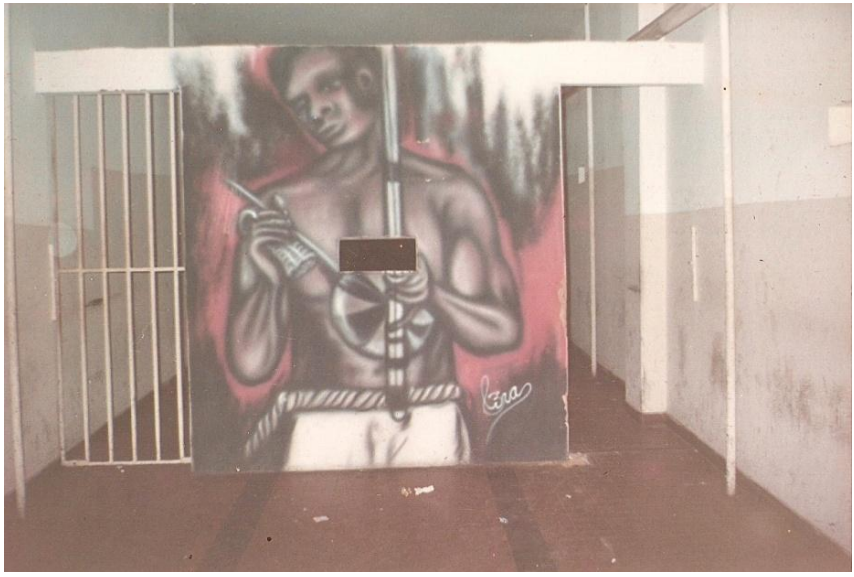
Eventos culturais e apresentações promovidas pelo Procurar-te. Essa roda aí foi na Sipat da Usina de Emborcação. Nesse jogo, fiz a entrada em um quique de cabeça, enquanto o Professor Grilo entrava na rasteira de costas. Agora, o Gasolina estava no pandeiro.

A Maior Academia de Capoeira que já Vi: Ferrugem em Araguari

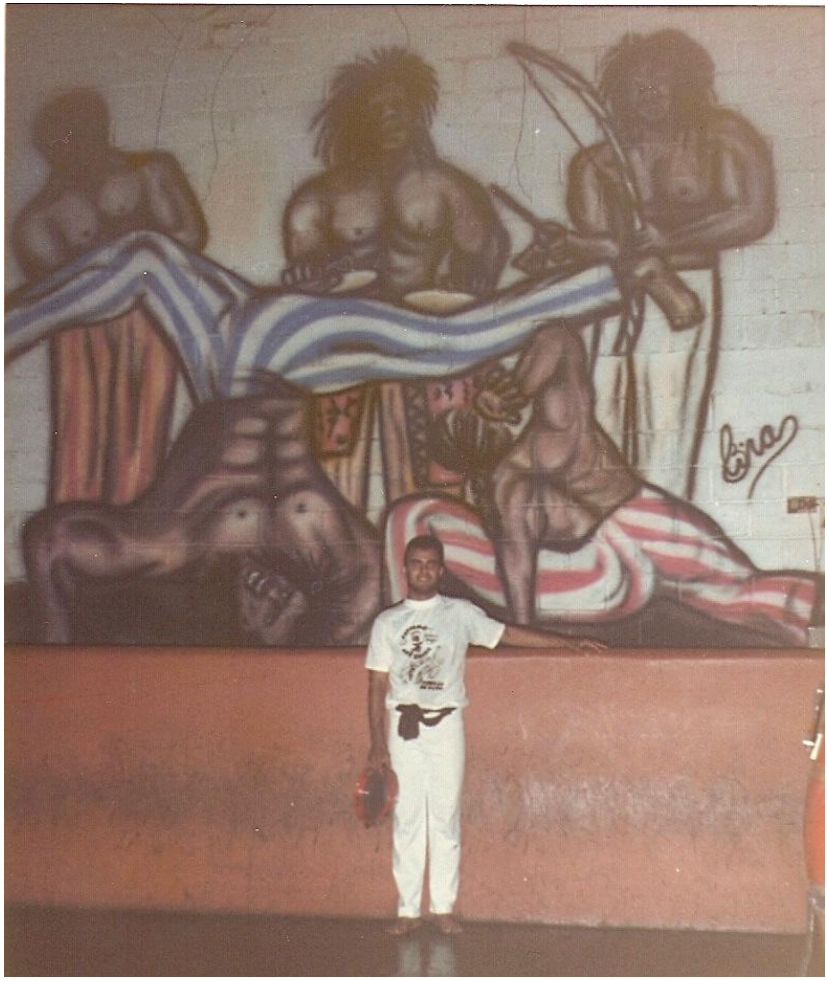
- O Mestrando Ferrugem era dono de casas de show na década de 1990, como Relicário e Kabanas do Bosque. O Kabanas tinha festas nas quais a moçada e juventude curtia bastante. Era uma galera muito bonita. Regadas principalmente a bandas de rock e muita bebida, eram festas memoráveis. Mas o Ferrugem gostava muito de capoeira também. Foi dele uma das principais academias de capoeira que já vi (a que foi localizada em frente à praça Getúlio Vargas, onde anteriormente era uma casa de show — forró). Essa academia devia ter uns 1.000 m², veja as fotos a seguir. Mas voltando às festas, no Kabanas ele promovia apresentações de pirotecnia, tequileiras e capoeira. Eu achava inacreditável. Ele simplesmente parava a festa em seu auge para jogarmos capoeira no meio do povo. Evidentemente, era ele quem comandava a roda, então tinha certo narcisismo. E lógico que eu também estava lá, jogando e cantando. Eu tinha certa ilusão de que isso atrairia mais alunos para a academia, mas raramente tinha esse efeito e, se entravam, saíam no mês seguinte. A capoeira em Araguari no passado sempre existiu, sendo mantida pelos mais pobres. Ela era ainda uma luta de resistência

cultural.

Fachada da entrada da academia.

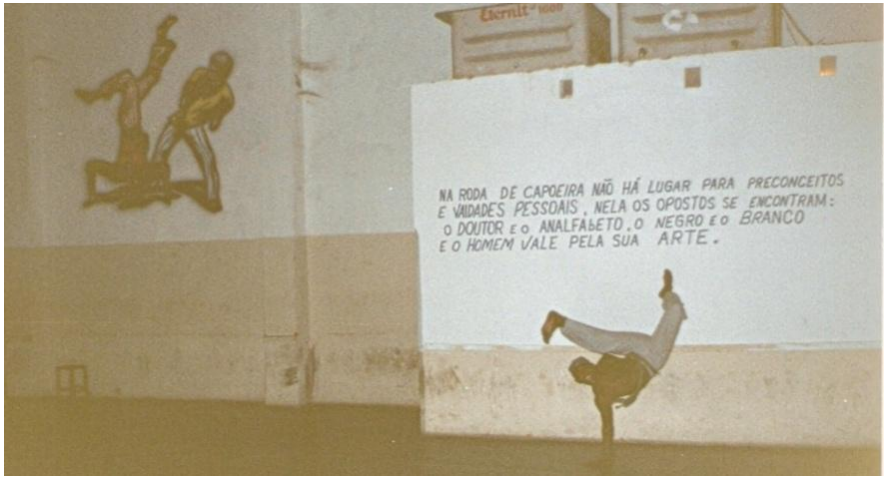


Entrada da academia do Ferrugem na Praça Getúlio Vargas em Araguari.



Cara… olha a grandiosidade disso. As paredes foram grafitadas por um amigo do Mestre Corisco de Uberlândia (foi esse amigo do Mestre Corisco quem fez a pintura na icônica moto do Mestre). Nunca vi nada igual, nem antes e nem depois. A academia durou pouco tempo, mas foi bem marcante. Lembro-me de treinar aqui como Mestrando Gasolina para a formatura dele e para a minha corda preta. A academia ficava sempre aberta, então às vezes treinávamos de manhã, de tarde, de noite, dias de semana, sábados, domingos e feriados. Infelizmente, os custos de manutenção do espaço eram altos, e como a maioria do pessoal treinava na base da cortesia, não havia receita suficiente para manter essa estrutura. Acredito que essa academia represente o auge da ASCAU em Araguari. Diversas academias abertas. Depois disso, as academias foram se fechando, até que o Mestre Corisco parou de ir para Araguari e as demais academias foram se fechando.

O espaço era realmente inacreditável, pois era um grande salão de festas, que pouco antes era um forró. Foi uma época de grande presença feminina no grupo da cidade. Ao lado do saco de pancadas estava a irmã do Ferrugem, eu era corda amarela. Ela treinava esporadicamente e nunca avançou disso.



A imagem de xibata não é uma pintura… é uma pessoa!!! Lêgo era o apelido dele.

Mais grafites… A sede do grupo em Uberlândia, na época da Rua Quintino Bocaiúva, também tinha muitas pinturas nas paredes.

Mudança de Cordão de Ouro para ASCAU

No final dos anos 1990, houve uma mudança no grupo. Em função de processos de formalização e registro da capoeira e também considerando que o grupo do Mestre Suassuna já detinha o nome Cordão de Ouro, o grupo do Mestre Corisco passou a se chamar

ASCAU — Associação de Capoeira de Uberlândia, adotando uma padronização que se mantém até os dias de hoje.

Viagem para Alcobaça (Ba): 1996/1997

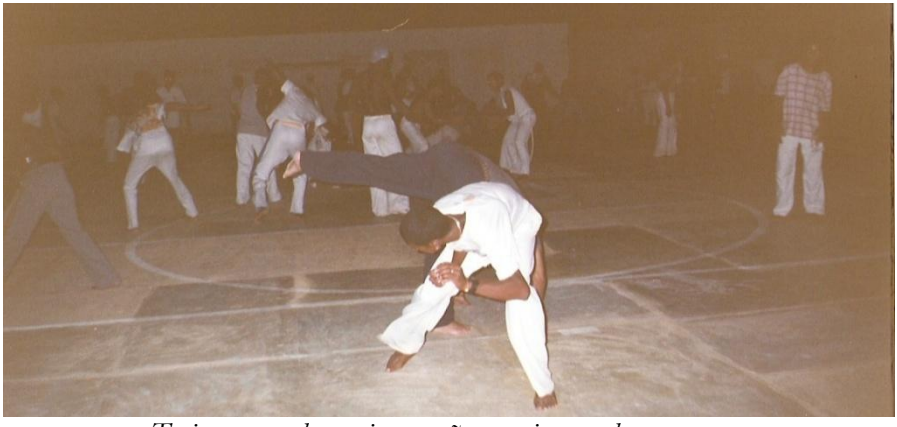
O Mestre Corisco já tinha feito outras viagens para a Bahia, para jogar a capoeira em sua origem. No final do ano de 1996 para 1997, ele promoveu uma viagem para Alcobaça e Prado. Lotamos um ônibus e partimos. Foi a primeira vez que vi o mar. Lá, treinávamos todos os dias na areia. Fomos visitar uma academia que tinha lá (e só tinha essa), do Mestre Alegria.

Na porta da academia, se preparando para a viagem… e foi uma longa viagem até Alcobaça. O pessoal saiu de Uberlândia bebendo e a bebida acabou por volta de Patos de Minas. De Pirapora até Montes Claros, fomos parando a cada 5 min. Lembro-me também que, quando entramos na Bahia, sentimos pela estrada, pois parecia que não havia mais asfalto. Foram 20 horas de estrada. Saímos por volta de 8h e chegamos a Alcobaça às 4h do outro dia. Foi o meu primeiro contato com o mar, ver o nascer do sol… depois que fomos dormir…

Ao chegar à cidade, o Mestre foi arrumar um lugar para ficarmos. Foi uma casa onde espalhamos os colchonetes em todos os cantos. Alguns mais abastados levaram barracas e armaram no terreno no entorno da casa. O Mestre Corisco também buscou informações sobre academias de capoeira no local. Acho que chegamos lá de surpresa, mas

o Mestre do local (Mestre Alegria) já sabia que iríamos, pois o pessoal da cidade provavelmente o avisou. Chegamos e fomos bem recebidos, jogamos e voltamos novamente em outros dias… Aprendemos e ensinamos.

"Pisa devagar, pisa devagarinho"... pois é… é sempre bom chegar na casa dos outros pianinho… Essa era uma demonstração de força e de que, se fôssemos uma turma da confusão, acharíamos o que estaríamos procurando… Todos muito bem treinados e disciplinados. E para isso, nada melhor do que o Maculelê, desde crianças até graduados e Mestres.



Treinamento de movimentação… misturando os grupos.

E o treino continuou…

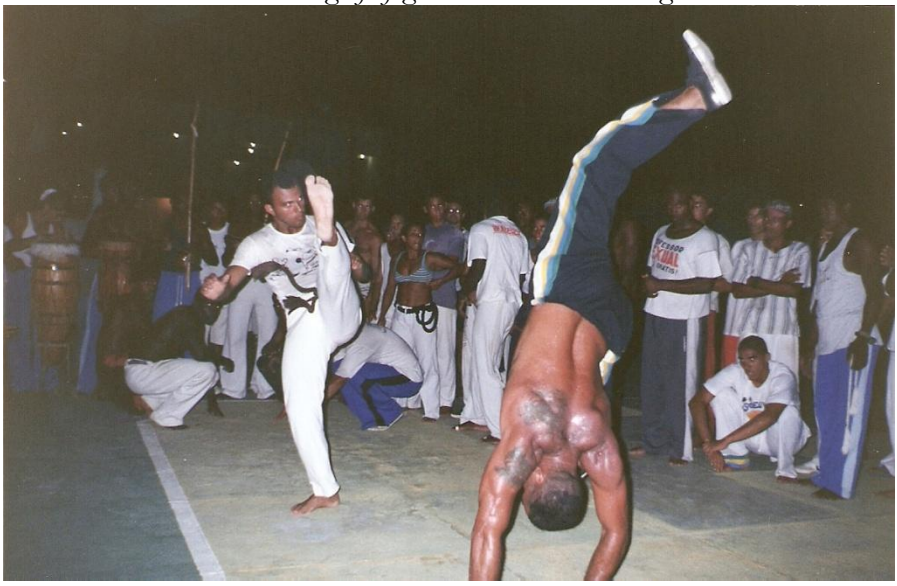
Lembro-me de que aprendemos técnicas diferentes e isso me mostrou que quem quer crescer na capoeira tem que rodar viajar, visitar e interagir. Como dizia Vinícius de Moraes: "capoeira que é boa não cai e, se um dia ela cai, cai bem". As quedas também fazem parte da vida.

Professor Pantera na chamada para o passo a dois. Esse é um momento de encontro e preparação para o bote na capoeira angola. E o jogador atingido prepara o revide. Chama para a dança e dá o sinal para que o outro jogador reinicie. No passado, era o momento para a traição. Hoje é um passo simbólico em que pode ou não acontecer alguma coisa. Mas tem técnica para a execução e precisa de treino para fazer as entradas corretas. Capoeira de angola é cheia de mistérios e segredos.

"Ela é bonita, ela é ligeira, joga capoeira lá na praia da Ribeira. Contramestre Miúda mostrando sua técnica na Bahia. "… É ou não é, capoeira é para homem, menino e mulher…"

Mestre Corisco jogando com o Mestre Alegria (BA), o ponto alto do encontro entre os grupos e a celebração da capoeira em Alcobaça em 1996/1997.

Mestre Caranguejo jogando com o Mestre Alegria.



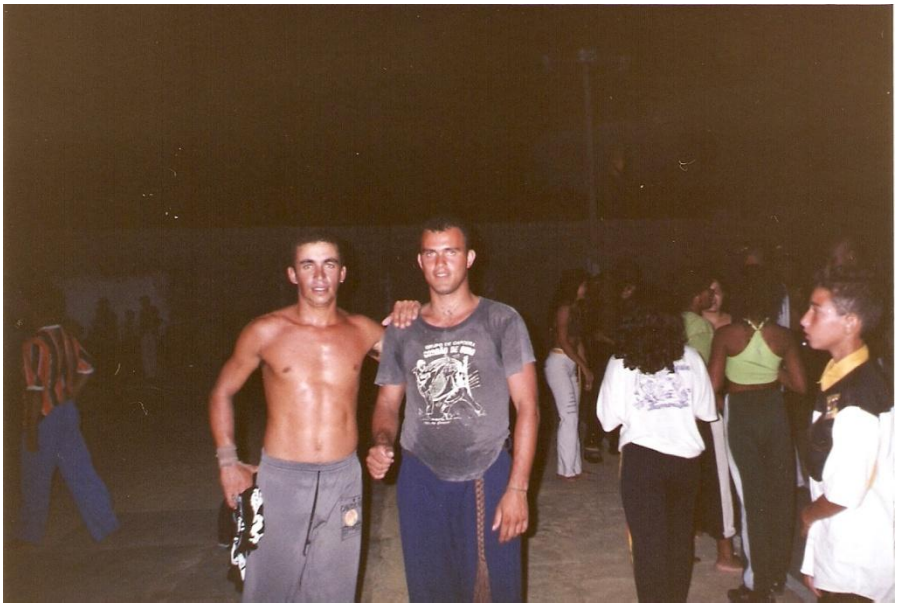
Contramestre Sapulha aplicando uma ponteira enquanto o Mestre Caranguejo saía no Aú.

Jogo em casa dos contramestres Sapulha e Pirapora. O contramestre Pirapora era um verdadeiro lutador regional. Objetivo, jogar com ele exigia muita atenção, pois seus movimentos eram para valer, como é na Capoeira Regional… O mesmo fotógrafo que gostava de me cortar nas fotos também estava na Bahia. Dessa vez ele cortou minhas pernas e deixou a cabeça..rsrsrs.

Olha a mãozinha aí para fazer um giro de mão… ou uma queda de rins. No berimbau, o Mestre Alegria comandava a roda. De azul, se preparando para entrar na roda, estava o Lek Luck.

Olha o domínio da ginga… que nesse caso estava cruzada com o parceiro de jogo.

Professora Nair fazendo o samba de roda no encerramento da visita. Um momento de cultura completa da Capoeira: jogo, maculelê, samba de roda, puxada de rede, canto… "Olha a flor da mangueira, alô Bahia"… O disco do Mestre Caiçara foi o primeiro contato com o samba de roda. Mas aqui o pessoal o incorporava aos treinos da capoeira.



Mestre Alegria (BA) e contramestre Sapulha (MG), marcando um grande momento de viagens pela capoeira e o meu auge na corda marrom.

A solidão do capoeirista após um êxtase de adrenalina, agitação e movimentação. É a reflexão de quem sabe que participou da história, que ficará na memória de quem esteve nesse momento.

A viagem para Alcobaça teve algum turismo, mas todos eram viciados mesmo em capoeira. Correr na areia da praia, jogar capoeira na praia durante o dia, fazer visitas à academia de capoeira do Mestre Alegria à noite… Enfim, 24 horas de capoeira sem distração, durante vários dias.

Treino na praia pela manhã.

Polichinelos.

E apoio...

E treino em duplas…

E uma queda.

Um Pequeno Aparte Nessa Viagem Sobre o Cabelo (Araguari)

E mais quedas… Não há nada melhor do que cair na areia. Esse aí é o Cabelo de Araguari. Ele era irmão de um amigo meu (Henrique, fazíamos teatro juntos). Sobre ele, tenho uma lembrança ruim. Em uma das comemorações da vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1998, o pessoal ia para o centro da cidade de Araguari e então acabava rolando uma roda de rua no meio do povo. Nesse dia levei um pandeiro vermelho, novinho, que havia comprado em uma casa de instrumentos musicais em Uberlândia (foi caro). O pessoal ainda não havia estabelecido uma amizade comigo e eu sentia que vivia sendo perseguido. Nesse dia, na roda, alguém forçou o dedo no pandeiro para furá-lo, ficou a marca do dedo. Enfim, quando o pandeiro chegou até mim novamente e vivi essa marca, fiquei furioso e acabei descontando em quem estava com ele, que foi justamente o Cabelo. Mas depois fiquei muito mal com isso e me arrependo. Por isso sou o Sapulha, o que prefere apanhar a ser injusto, mas nesse dia fui injusto. Acabei não tendo a oportunidade de me desculpar com ele. Logo ele saiu da capoeira, se envolveu com drogas e, poucos anos depois, ele faleceu. Tenho esse pandeiro até hoje, inclusive com essa marca.

Voltando para a viagem a Alcobaça...

Jogando na praia: "Sereia, sereia, eu nunca vi tanta areia no mar…"

Excelente local para treinar também os saltos cinturados, que fazem parte da sequência de Mestre Bimba, movimentos utilizados para a formatura dos graduados e mestres.

Turistando em Alcobaça… Olha esse de calça verde: hoje é o Mestre Gargamel e o de azul, o Mestre Luck… quanta diferença, pois estavam bem magrinhos. Lembro-me de treinar com o Gargamel nessa viagem. Tínhamos uma proximidade que foi reforçada nesse evento. Participei da formatura dele a Mestre em 2019 com muito orgulho. Uma parte da galera aí não fazia parte do grupo de viagem. Eram nativos, mas como éramos muitos e muito animados, acabávamos chamando a atenção de muitas pessoas que se aproximavam e participavam da nossa animação.

Samba de roda em um quiosque na praia em Alcobaça. "Oh, baiana, me pega, me leva para o samba, eu sou do samba e vou jogar…"

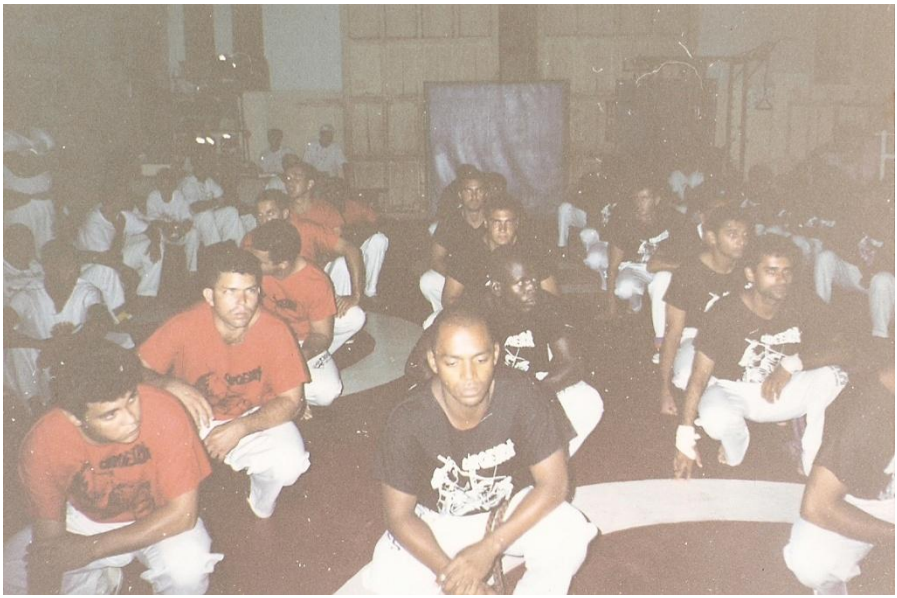
Nosso cozinheiro durante a estadia em Alcobaça. Sem dúvidas, o Mestre Corisco tinha muito estilo. Eu tinha uma percepção de que a capoeira era um modelo tribal conduzido por um cacique, mas avançar nas graduações e ampliar a convivência me trouxe um sentimento de família e irmandade, que sinto até hoje quando me lembro daqueles com quem convivi muito. Sinto a falta de cada um, como se fossem meus irmãos de sangue e do Mestre Corisco como de um pai (infelizmente, também perdi meu pai biológico em 2022).

Esse do meio de boné azul, ao lado do Mestre Carangueijo, não era capoeirista, mas tinha um braço muito grande e acabamos fazendo essa foto como turistas, tendo ele como a atração. Não parecia um braço natural e de fato não era.

Grauação a Mestrando – Isso aqui é a Elite da Elite

Em muitas ocasiões, na ausência do Mestre Corisco, eu assumia o controle da academia e da roda em Araguari. Considero que, com o tempo, fui reconhecido por muita gente, dentro e fora do grupo e até mesmo dos poucos desafetos. Treinava pesado, trazia novidades sonoras, tentava inovar. Assim, após tanto esforço, consegui que o Mestre me convidasse para pegar a corda Preta (Mestrando). Um sonho. Com quase 10 anos de envolvimento na capoeira, eu avançava ao patamar que poucos alunos em Araguari conseguiram. Antes de mim, haviam sido apenas: Caju (que deixara Araguari na corda marrom), Gasolina, Baianinho e Ferrugem. Assim eu entraria para esse seleto grupo.

A experiência nesse momento foi fundamental: realizei a movimentação, toquei, cantei, joguei angola, regional, jogo duro. Joguei de igual para igual com os demais graduados à preta. Ao final, corda preta na cintura e partiu Salvador!



Em posição de Salve para iniciar o evento. As cores das camisas denotavam para qual graduação as pessoas estavam se formando. O destaque para os novos mestres nesse evento foi (por ordem): Periquito, Tadeu, Pedrada, Caju e Calango, na foto. Na fila do lado de camisa preta: Chocolate, Diesel e eu (Sapulha).

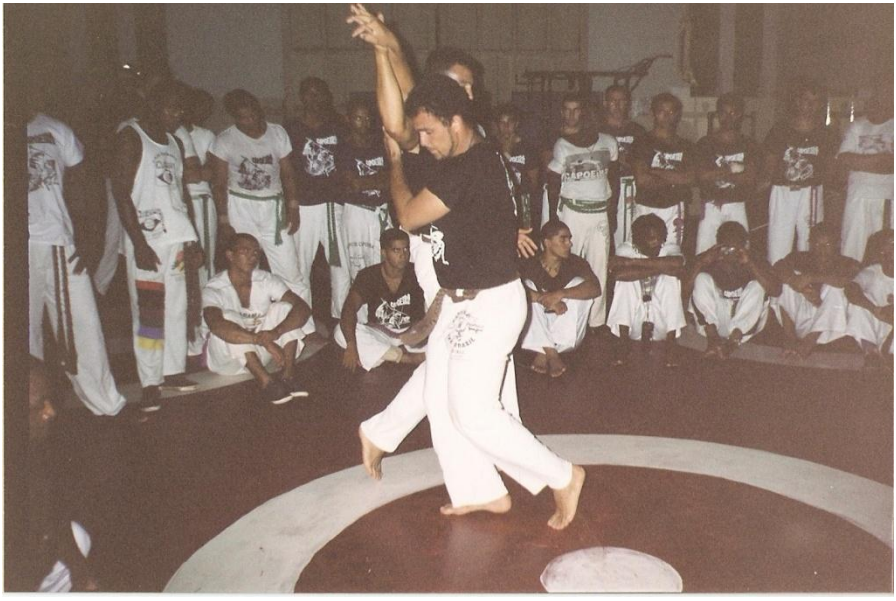
"Berimbau me confirmou
Vai ter briga de amor.
Tristeza, camará"

Os versos da canção Berimbau, de Vinícius de Moraes, dialogam diretamente com a ética da capoeira, associando malícia, dignidade e elegância ao modo de jogar e de viver. Berimbau — Vinícius de Moraes. Canção. Registro fonográfico LINK . Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

Tomada de movimentação para a corda preta, apresentação do mestrando Sapulha.

Movimentação… Olha o fotógrafo arrancando a minha cabeça de novo. Até de cabeça para baixo. Foi exatamente esse movimento que causou uma lesão grau 2 na minha coxa em 2019, que vou relatar à frente.

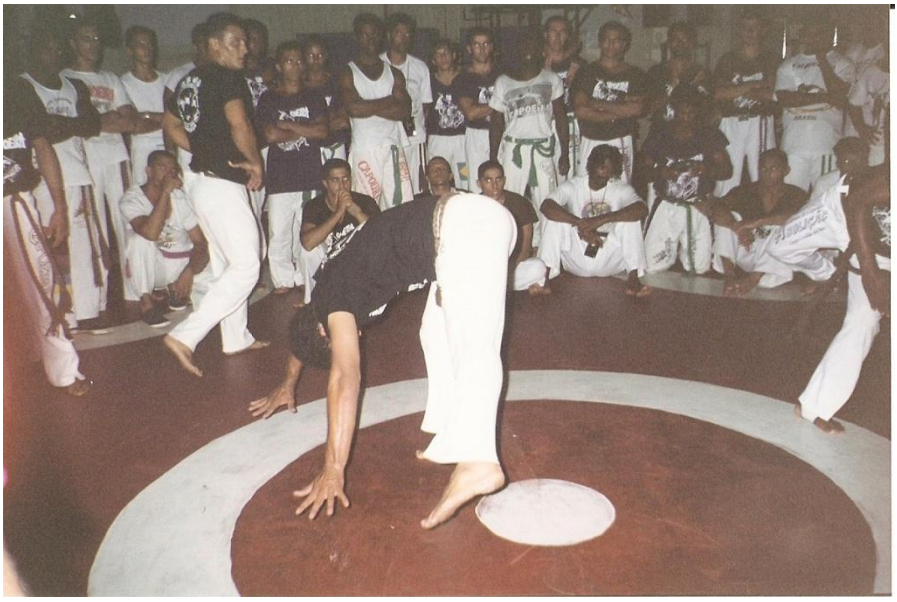
E mais movimentação… agora ele cortou parte do pé.



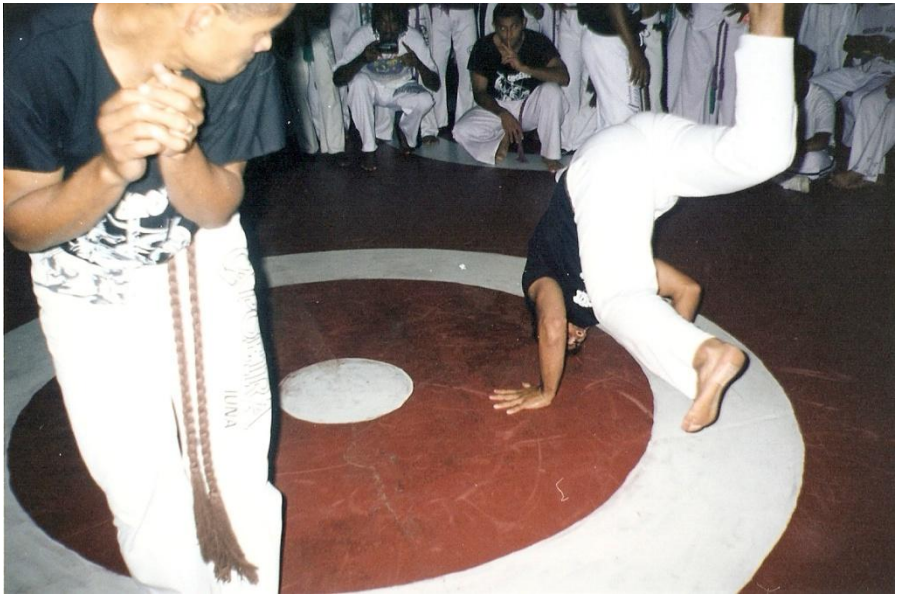
Chamada de Angola e passo a dois no jogo de capoeira angola com o contramestre Virjão. Uma linda imagem, das melhores que já tirei na capoeira.

Movimento de queda de rins no jogo de angola.

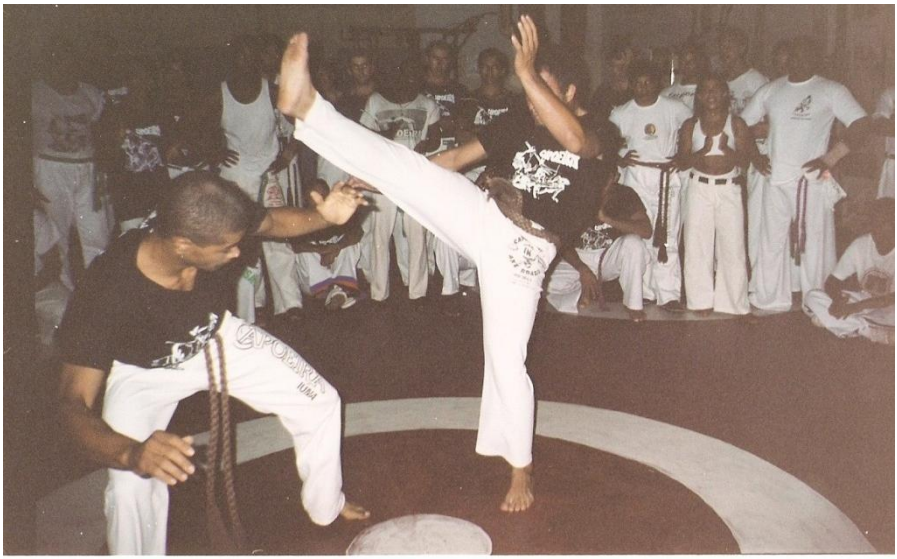
Contramestres Sapulha e Diesel jogando. O Diesel era muito de boa. Eu não tinha receio de jogar com ele. Apesar de ele ser muito bom e forte, não era de traição e maldade. A sua vibe era tranquila e o resultado era um jogo que fluía muito bem.



Ainda no jogo de chão.



Preparando para o giro de cabeça… não é à toa que estou careca hoje…



Movimentação de regional com o contramestre de Patos de Minas (não me lembro o apelido dele, acho que era Pepeu). Nas minhas lembranças, o jogo firme, de contato, se iniciou justamente nesse momento, trocamos um, dois ou três contatos cada um. Como eu era um pouco maior do que ele, tenho comigo a sensação de que me saí melhor. Mas a plateia pode ter visto uma igualdade. Note a diferença e evolução entre a marrom (em que saí na pior) e agora, em que consegui dominar técnica e sentimentos para fluir a capoeira, sem medos e com confiança.

Mestre Corisco, me graduando a Mestrando… Cadê minha cabeça, fotógrafo? E note que os fotógrafos diferiam nos eventos, mas todos tiveram o mesmo defeito.

Graduados a Mestrando e formados a Mestre… Era o Grupo ASCAU crescendo. Só feras nessa foto.

Registro histórico dos Mestres da ASCAU. Em pé, da esquerda para a direita: não me lembro do primeiro, Carbono, Corisco, Tadeu, Calango. Agachados da esquerda para a direita: Pedrada, Caju, Calango e Periquito.

Uma foto do Mestre Corisco com os capoeiristas de Araguari: contramestre 1,2, mestrando Sapulha e Mestre Gasolina.

Partiu Salvador (Ba), 1998

No dia seguinte à graduação na Corda Preta, partimos em mais uma viagem para jogar na Bahia, dessa vez em Salvador. Joguei na Academia do Mestre Bimba (herança da regional, na época conduzida pelo Mestre Bamba) no Pelourinho, na academia do Mestre João Pequeno (herança da angola, no Forte de Santo Antônio) e no mercado modelo. Vimos os recortes originais de jornais das décadas passadas e da origem da capoeira. Circulamos pelo Pelourinho, Praia de Itapuã, Farol da Barra, Terreiro de Jesus.

Aguardando a saída para Salvador. Em primeiro plano, minha companheira de todas as horas, que me acompanhou anos e anos nos eventos… Interessante como ela não se tornou capoeirista. Mas todos a conheciam no meio e acho que muitos até pensavam que ela treinava. Estávamos na porta da academia na Rua Quintino Bocaiúva em Uberlândia, próximo ao UTC.

Chegada a Salvador. Ficamos na praia de Itapuã. Normalmente, não tínhamos lugar definido previamente. Chegávamos à praia e então o Mestre saía à procura do local. Enquanto isso, já ficamos na praia nos divertindo e fazendo capoeira.

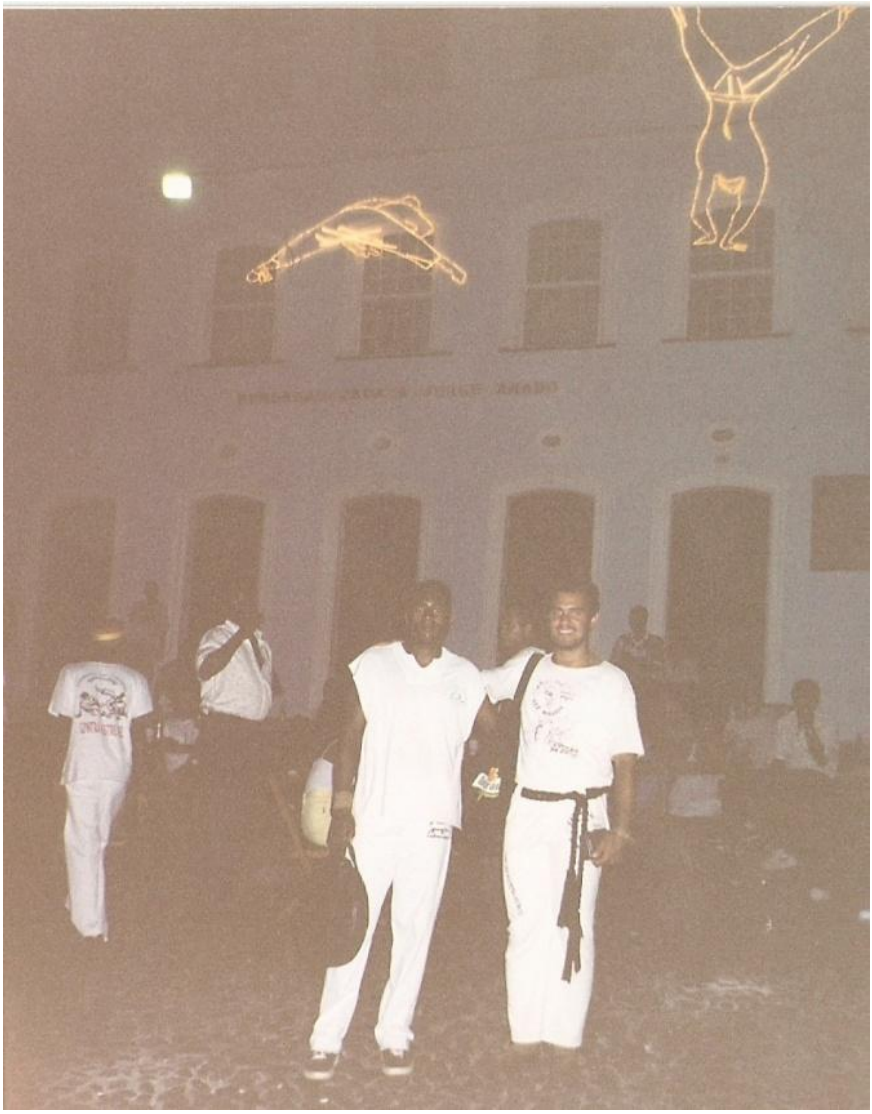
Elevador Lacerda em Salvador, ligando a cidade baixa (Mercado Modelo) à cidade alta (Pelourinho).

Terreiro de Jesus: tem esse nome por ser uma praça com igrejas em seus 4 lados. Da esquerda para a direita: professor Pantera, mestrando Sapulha, Mestre Carangueijo (essa época foi o seu auge, na minha lembrança) e mestrando Raio.

A barraquinha de berimbau virou ponto turístico. Em pé: Cateto, Pirapora, Mestre Corisco, de camisa azul (não me lembro de quem era, acho que nosso guia local), Mestre Carangueijo. Aguachados: Sapulha, (também não me lembro), Lek Luck, Raio e Miúda.

Sapulha na Bahia de Todos os Santos… Esse foi nosso uniforme de todo o tempo durante nossa passagem de 10 dias por Salvador.

Mercado Modelo em Salvador. Aqui o Mestre Corisco comprou vários berimbaus de metal em vários tamanhos para os primeiros lugares em campeonatos realizados em 1998. O maior deles ficou comigo, pois venci o campeonato de músicas. Essa história está mais a frente nesse capítulo…



Uma foto com o Professor Pantera (mas o admiro como Mestre, ele que preferiu não seguir esse caminho de graduações, pois senão já seria Mestre há muito tempo) em um dos locais de maior sonoridade que já estive: no meio do Pelourinho. Preciso fazer uma reverência aqui. Na década de 1990, comecei a acumular material de capoeira e entendia o diferencial que isso poderia ser. Conhecimento é poder. Mas naquele momento as coisas não eram fáceis. Ainda assim, em uns 8 anos com esse pensamento, acumulei muita bagagem. Dezenas de vídeos, centenas de fitas, milhares de músicas e um acervo de livros difícil de encontrar mesmo em grandes universidades. Imagine então alguém com sede de bagagem e experiências ao longo de décadas e mais décadas. Bem, esse é o professor Pantera (Uberaba e hoje em

Uberlândia). Ele certamente é uma das pessoas que mais possui bagagem e conhecimentos de capoeira e está na ASCAU!!!! Merece todo o mérito e reconhecimento por isso de todos os capoeiras, pois ele é a história viva. Ainda trocamos material… Claro que ele possui muito mais do que eu, mas sua generosidade comigo me faz classificá-lo como um irmão, a quem sou grato pelas conversas, orientações e compartilhamentos.

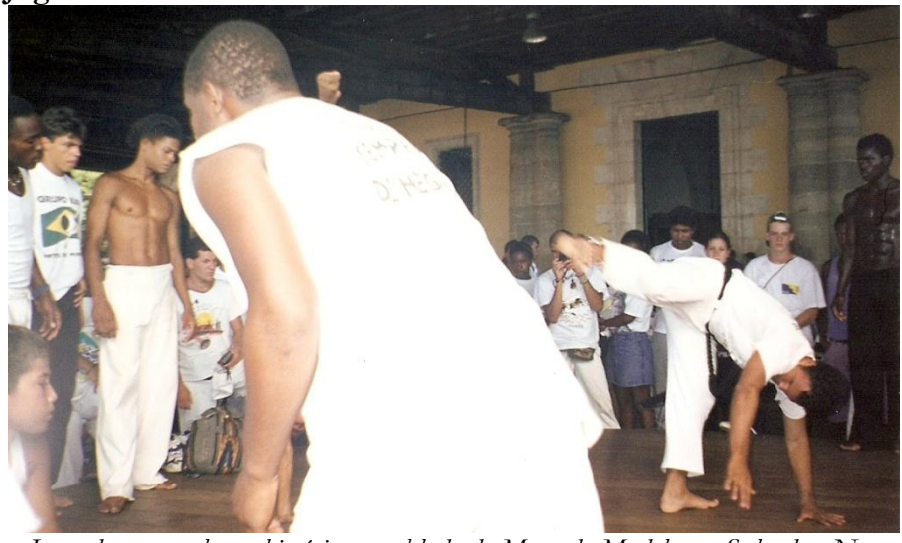
Andando no Pelourinho, escutávamos um som maravilhoso, e andando chegávamos a um largo com apenas 4 pessoas tocando e cantando como se fosse algo casual…simplesmente mágico.

Jogando no mercado modelo, um mestre (Mestre Macumba) me ofereceu um berimbau simples. No lugar do couro para não rachar a madeira, havia um pedaço de casca de coco. A cabaça é pequena. Mas a verga era biriba. Ele me solicitou 5 reais (1997), comprei e ainda tenho essa verga de biriba até hoje no meu acervo.

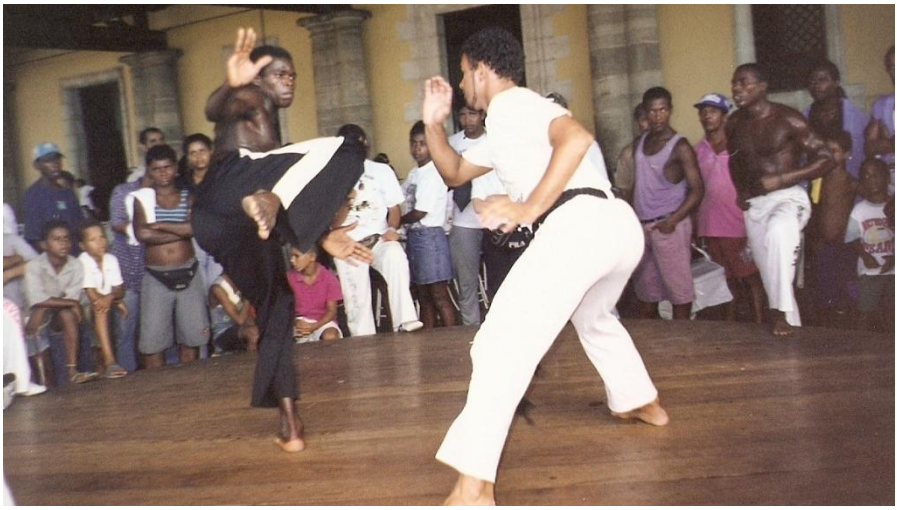
"Olelea, leleó, a turma do Corisco chegou."

Uma visita à Associação Brasileira de Capoeira Angola.

Jogando no Mercado Modelo em Salvador



Jogando em um lugar histórico: o tablado do Mercado Modelo em Salvador. Na minha lembrança, eu tive a impressão de que a nossa capoeira (ASCAU, Uberlândia) era mais refinada e evoluída do que a baiana (evidentemente mais tradicional). O jogo no Mercado Modelo foi amistoso, mas de ambos os lados com capoeiristas doidinhos para arrumar confusão. De costas, em primeiro plano, o Mestre Macumba, de quem comprei o berimbau.



"Eu, quando chego no mercado modelo, modelo, na prece do amanhecer, já tem muita gente me esperando, perguntando: 'Negão, o que vai fazer?' e eu respondo: eu sou capoeira e batuqueje". Essa música foi lançada nessa época. Inclusive, tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente o Mestre Gajé e também comprar o CD dele.

A cantiga associa a capoeira ao cotidiano de Salvador, especialmente ao Mercado Modelo, espaço simbólico de encontro, trabalho e afirmação identitária do capoeirista. Registro tradicional da capoeira baiana. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.
Autor: Mestre Gajé e Valú. LINK

Da esquerda para a direita: eu, aluno do Pantera, Pantera, um dos Mestres que comandavam a roda do Mercado Modelo em 1997, e o Mestre Corisco.

A capoeira do Mercado Modelo era rústica, raiz e muito dura, cheia de trairagem e malícia. Os mestres do local se revezavam ao final das rodas para controlar a passagem do chapéu, coletando uns trocados de quem assistiu à demonstração. E a roda acontecia durante muito tempo, tempo necessário e suficiente para se satisfazer (cansar) do jogo.

Academia do Mestre Bamba no Pelourinho

Esse local foi a academia do Mestre Bimba, que passou para Mestre Vermelho 27 com a ida de Mestre Bimba para Goiânia.

Um momento de se ouvir e falar sua história. Apresentação da Academia pelo mestre local e apresentação da ASCAU pelo Mestre Corisco.

Fomos também à Academia do Mestre Bamba, no local em que havia sido a Academia do Mestre Bimba na Bahia. Acima, o Mestre Corisco em ação, jogando com um graduado local.

Mestrando Pirapora fazendo uma acrobacia… lembro-me de que o pessoal de lá não gostou muito não. Eles eram contra esse movimento na capoeira, então rolou um zum-zum-zum entre eles. Capoeira regional é objetividade.

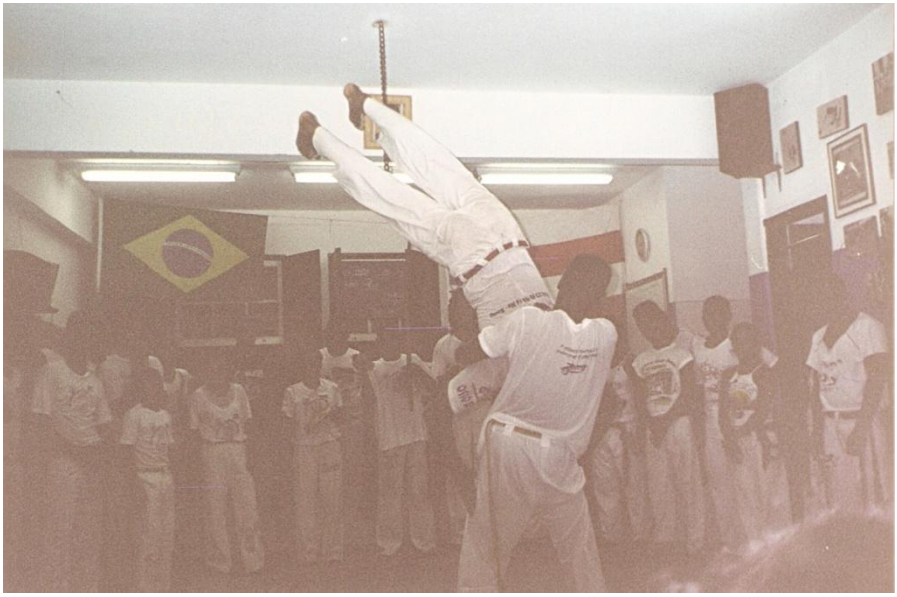
Mestrando Sapulha se movimentando em um ambiente histórico para a capoeira.

De novo, um estranhamento deles com nossa capoeira. Como a academia segue a regional, não há movimentos de chão, presentes na angola ou na capoeira contemporânea. Mas isso não nos impediu de fazer a festa.

Mestrando Sapulha na saída de jogo de Aú.

E tome mais jogo… "Não paro nunca, só paro quando morrer". É, não deu certo a música nesse caso, pois acabei parando. Hoje, mesmo que quisesse, não conseguiria jogar. Os músculos se enrijeceram ou atrofiaram, a coluna dói, o joelho dói…

Movimentação dos saltos cinturados conforme a tradição do Mestre Bimba e executados em sua casa original.



Mais uma sequência com cintura desprezada.

Uma lembrança daquele grupo que foi à Bahia.

Mistura e integração dos grupos na Academia do Mestre Bamba.

Da esquerda para a direita: Mestrando Sapulha, Mestre Bamba (BA), Professor Pantera e seu aluno de Uberaba. Em 1996, eu consegui um livro: Bibliografia Crítica da Capoeira. Nele eram citados os livros, artigos e discografia da capoeira (oficial) catalogada até 1993. Durante muito tempo, persegui as informações desse roteiro e, na Academia do Mestre Bamba, pude ver "in loco" a maioria dos artigos e jornais antigos citados no livro. Essas paredes tinham histórias e estórias da capoeira.

Turma ainda no Terreiro de Jesus, procurando outra capoeira à noite, na saída da Academia do Mestre Bamba.

Cada um buscava um estilo e eu também experimentava algum, nesse caso um "Olhar 43… indo embora".

Academia do Mestre João Pequeno no Forte Santo Antônio em Salvador

Visita à Academia do Mestre João Pequeno no Forte Santo Antônio Além do Carmo. O Mestre João Pequeno não estava no Brasil naquele momento, mas isso não nos demoveu de absorver as energias da capoeira raiz, a capoeira angola, e aprender um pouco mais.

Acompanhando os treinamentos de Angola. Não me lembro de ter havido roda. Acho que não houve. O pessoal de Angola costuma ser bem sistemático quanto ao planejamento de suas atividades, então quando é treino é treino e, quando é jogo é jogo (e só jogo, ou só roda). Acho que é assim até hoje.

ASCAU Capoeira fazendo a festa em Salvador, na Praia de Itapuã, 1997.

Durante essa viagem, a minha turma era Mestre Corisco, Mestranda Miúda, Mestre Carangueijo, professor Pantera e minha namorada (Tete). Circulamos em muitos lugares à procura de material de capoeira e em um deles encontramos discos originais do Mestre Bimba (LINK, comprei vários, mantive um comigo, presentei outras pessoas com os outros, mas só os que mereciam a minha amizade…), em que vinha também um livreto ensinando a sequência original criada por Bimba. Mas me lembro da experiência da pesquisa com meus grandes amigos.

Outro achado que fizemos em Salvador em nossas andanças foi encontrar os discos do Silvio Acarajé. Esses realmente possuem uma sonoridade muito diferente, principalmente o: Capoeira Primitiva (LINK) com toques que não são mais executados em rodas (perdeu-se as tradições deles), mas que, por outro lado, fornecem repertório para quem os aprende, desenvolvendo mais a improvisação e o domínio do berimbau. Treinei muito o ouvido e esses toques, que realmente estão muito bem executados com instrumentos nítidos.

Aprendendo a Fazer Caxixi com o Mestre Corisco (1998)

Tempos após voltar de Salvador, um dia cheguei à casa do Mestre Corisco e ele estava fazendo caxixi. Solicitei-lhe para me ensinar e assim ele o fez rapidamente, me mostrando como fazia e dizendo o único segredo desse pequeno instrumento ("furo ímpar"… entendedores entenderão). Foi assim que fiz alguns dos meus primeiros caxixis, ainda na década de 1990… Mas naquela ocasião não dei tanta importância para o caxixi. Minha preocupação maior era o berimbau. Mais isso mudaria no futuro, aguardem.

Da esquerda para a direita: caxixi que comprei do Mestre Corisco, som forte e alto e não dava para tocar com qualquer berimbau; caxixi que ganhei de presente do Mestre Gasolina quando ele passou a fazê-los para vender, foi o que utilizei durante muitos anos; o terceiro comprei em uma viagem a Belo Horizonte no Mercado Central no final de década de 1990 e também me acompanhou em muitas rodas, era o preferido; o quarto foi um presente da loja Gupiara (vou falar mais dele mais

tarde) após uma compra (é o que uso hoje). Os outros 4 caxixis foram os primeiros que fiz, ainda na década de 1990, sob orientação do Mestre Corisco. Já naquela época eu tinha a intenção de testar formatos e materiais diferentes.

Primeiro Campeonato de Canto de Capoeira da ASCAU (1998)

Passamos entre o Natal e o Ano Novo de 1997–1998 em Salvador. Durante essa viagem, o Mestre Corisco comprou muitos artesanatos e peças de capoeira no Mercado Modelo. Dentre tantas peças, havia vários berimbaus de metal, em diferentes tamanhos. Perguntei a ele o que faria com eles e ele me disse que seriam os troféus para os primeiros lugares de um campeonato de música do grupo que ele pretendia organizar em 1998. Eu ainda brinquei com ele: "Esse maior será meu."

Primeiro lugar no campeonato de músicas da ASCAU em 1998.

Essa foto coloca o troféu em comparação de tamanho. Mas também é uma oportunidade de dar destaque a outro presente que recebi, logo após formar como Mestre. Trata-se da cabaça vermelha pintada também com o logo da ASCAU, uma exclusividade que tenho do Contramestre Cascavel do Mestre Necão (Araguari). Eles sempre me consideraram, respeitaram e me trataram muito bem.

O primeiro campeonato de música e ladainhas da ASCAU ocorreu em um ginásio em Uberlândia, próximo ao 36º Batalhão de Infantaria Motorizado, se não me engano, foi organizado pelo Mestrando Kong. Como todo evento do grupo, houve o comparecimento em peso. Eu estava em um momento inspirado, em que resolvi que criaria canções próprias e vinha de muitos rascunhos (essa parte musical está relatada no livro: SONS DE CAPOEIRA). Outro diferencial foi a impressão da música que escolhi para participar do campeonato no formato de uma tirinha. Fiz uma impressão em papel A4 em que cabiam 5 tiras e fiz várias cópias. No dia do evento, eu já cheguei distribuindo essa tirinha

para as pessoas poderem cantar e acompanhar a música. A escolha de quem faria a apresentação comigo (tocando os demais instrumentos da bateria) foi encontrando voluntários, eu toquei o berimbau, comandando e dando o tom do canto. Lembro-me de que o pessoal que cantou comigo se empenhou bastante e a música foi bem executada, impressionando os jurados. Lembro-me de que dentre eles, um era o Mestre Caju, referência minha para toque e canto. No anúncio dos vencedores, fiquei bastante apreensivo no anúncio de segundo lugar, que foi para o Lek Luck, contando a música do Tony Vargas que trazia muito axé para as rodas (Corta cana). O Lek Luck também imprimiu sua música e distribuiu para as pessoas e executou magistralmente. Creio que o diferencial que fez com que eu vencesse esse campeonato talvez tenha sido a originalidade. Quando foi anunciada a música vencedora, dei pulos e mais pulos de alegria (novamente, meus pulos reproduziam o que havia visto em vídeos de campeonatos do Abadá) e quase fui carregado pelos amigos. Levei para casa o troféu que o Mestre Corisco havia comprado no Mercado Modelo em Salvador (BA) e cumpri a frase que havia dito para ele lá na Bahia.

CORTA CANA

Corta cana, corta cana, corta cana, o corta cana no canavial.
Corta cana, corta cana, corta cana ,o corta cana no canavial.

Eu tive pai, eu tive mãe, eu tive filha mas perdi toda família. A liberdade o amor a hoje em dia
eu só tenho dor e cale, trabalhando no embalo do chacote do feitor

Coro

Eu já fui rei, minha mulher foi rainha, pela mata eu invenha livre como um animal mas hoje em
dia sou como um bicho acuado, trabalhando acorrentado preso no canavial.

Coro

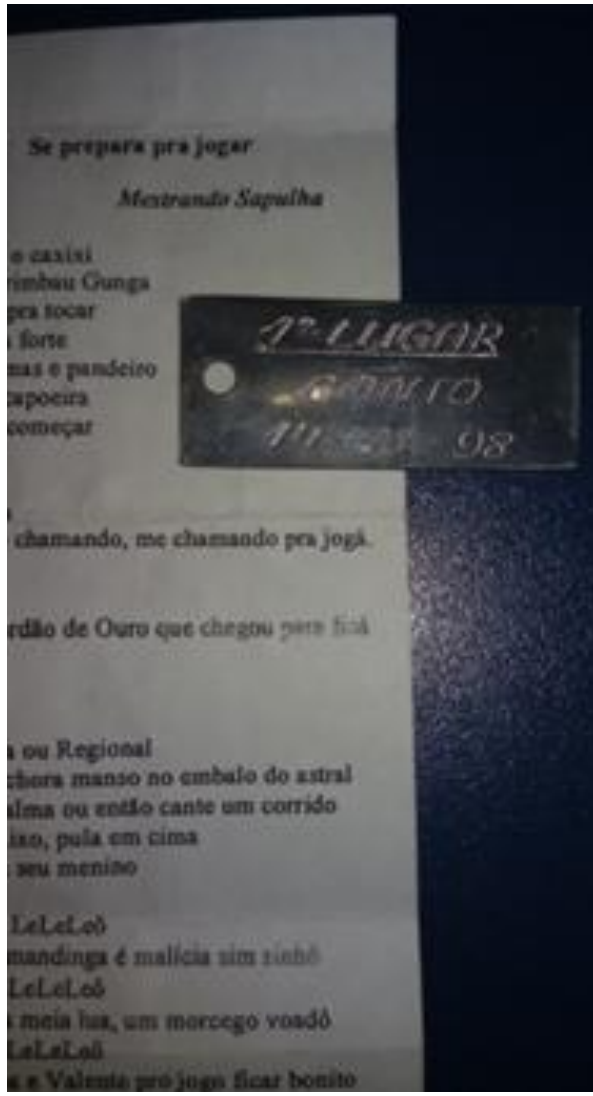
A pele negra nunca foi escravizada, correu menina levada brincando no céu de lá, roubaram o
sol , roubaram a noite e o meu dia, só não roubaram a poesia que eu trago no meu cantar

Coro

Eu sou guerreiro tenho fé e tenho começa porque me vivi benção que ganho dos orixás, sou cana
forte sou moreno a cana caiana minha doçura cigana e ruim de me derrubar

Corta cana, corta cana, corta cana , o corta cana no canavial.
Corta cana, corta cana, corta cana, o corta cana no canavial

CONTRA – MESTRE LUCK



Música, plaquinha e história.

As minhas grandes referências para criar músicas foram os CDs do Mestre Camisa/Cobra/Charme/Boa Voz (Abadá — LINK), Muzenza (LINK), Mestre Mão Branca (LINK), Mestre Moraes (LINK).

Infelizmente, essa música foi um momento encapsulado nesse troféu. Eu mesmo não dei sequência para a sua divulgação, assim como não cantei ou divulguei as demais músicas de minha autoria e não sei por que não o fiz. O importante é que foi um momento especial e que ficou na memória de quem viveu.

Essas músicas não são minhas, mas
eram as minhas preferidas para cantar.
Elas traziam uma energia para a roda.
Uma empolgação de clímax.
Normalmente, eu fazia na sequência.
Acho que era um tipo de marca
registrada. Peço licença aos criadores
para homenageá-los aqui

"Lá vai, lá vai o sol,
E por cima do morro vai o sol
(coro)
Lauê, lauê, lauê,
Levanta esse jogo que o povo quer vê
(coro)"
É berimbau, êêê berimbau
(coro)

(Comentário: aqui é o ápice)

Lá, lauê, lauê, lauê, lauá
(coro)
Pedaço de arame, pedaço de pau
Olha como é gostoso tocar berimbau.
(coro)
Capoeira é bom para mim, capoeira é
bom para vc
(coro)"

Uso com finalidade memorial, histórica e não comercial.

Às vezes, nesse ponto do coro, eu entrava cantando junto, usando um tom acima.
Putz, chego a me arrepiar com as memórias.

Treinamentos Especiais

Com o aumento da quantidade de pessoas graduadas no grupo, o Mestre Corisco tinha vários modelos de treinamento especial. Um deles ocorria todos os sábados, na sede do grupo em Uberlândia (Rua Quintino Bocaiúva, próximo ao UTC). Esse treinamento era realizado a portas fechadas e destinado apenas para graduados acima da corda roxa. Nesse caso, as atividades físicas eram mais intensas, o esforço mais exigente. A lógica era simples. Para ser mestre, precisava-se

dominar o corpo. Para aprender a cair, precisa cair. Para acostumar o corpo, ele precisa ser tocado, testado ao limite, pois conhecendo-se a dor e essa não sendo estranha em um jogo ou momento em que o contato seja inevitável, o corpo resistirá e dominará a situação. Nesses treinamentos tive um grande companheiro, mestrando Urso (hoje Mestre Urso), com quem dividi muitos momentos de dor. Depois dos treinamentos, seguia uma roda com jogo duro. Em alguns dias, havia até a solução de conflitos da academia e da vida no jogo. E, para terminar, fazíamos um nó na ponta das camisas enxarcadas de suor para um relaxante "corredor polonês". Eu sei, é assustador e por isso mesmo esse treino era a portas fechadas. Os iniciados da capoeira clamam por isso, mas a sociedade certamente não entenderia o que está acontecendo ali: a forja de cordas roxa, marrom e preta, preparando-os para serem mestres. É inevitável na capoeira. É parte integrante do processo para formar mestres e cada um será forjado em sua dor, dominando-a. Só quem vivenciou aquilo sabe a importância. Os ensinamentos aprendidos nos prepararam para o mundo cão em que vivemos.

Um dia, em um desses treinamentos especiais, ao final na roda, o jogo pegou fogo. "Pau rolou, caiu, lá na mata ninguém viu"… "quebra, quebra gereba, quebrar tudo hoje, amanhã o que que quebra"… A coisa foi feia mesmo, mas o Mestre deixou que rolasse. Parece-me que era um acerto de contas. Nesse dia, estava o professor Mulata de Araguari. Ele era bem encrenqueiro e gostava de um jogo duro. Durante a semana, nos treinos na academia de Araguari, ele ficava caminhando de um lado para outro, batendo no peito, e dizia: "todo doido por um choque…". Nesse dia, no calor da roda, ele estava do outro lado e fui lá provocá-lo, dizendo: "Uai, você não estava dizendo que queria um choque, cai dentro"… Bom, ele respondeu: "Hoje não posso, amanhã tenho jogo" (ele era jogador de futebol profissional no time de Araguari da série B do Campeonato Mineiro). Essa situação me dá uma oportunidade de falar sobre choque e violência. No fundo, todo mundo é igual e cada um sabe onde lhe dói, ou onde o calo aperta. Naquele dia, ele não queria o jogo duro, pois tinha compromissos profissionais e essa sempre foi a minha situação. Vi muita gente se machucar e ficar sem trabalhar ou estudar, atrasando ou dificultando a vida. No meu caso, não é que eu não seja violento, sempre fui, mas com uma fúria contida ou pelo menos um senso de responsabilidade. A racionalidade sempre me afastou dos confrontos porque, se eu quebrasse uma unha, isso já me atrapalharia muito, então sempre houve racionalidade da minha parte, mesmo que isso tenha criado uma ideia de que eu fosse

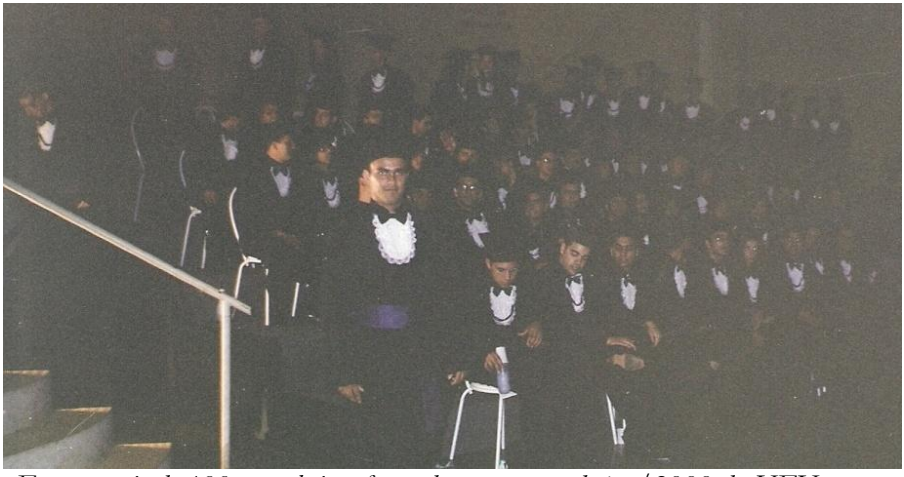
fraco no jogo. O tempo me mostrou que sempre tive razão, pois as coisas comigo só me levaram onde estou por haver um casamento perfeito de tempos, que não foram atrapalhados por contusões mais sérias. E assim consegui estar nos lugares certos, nas horas certas e contando ainda com o fator sorte.

Outro treinamento especial, para quem tinha disponibilidade, ocorria durante a semana no sítio do Mestre Corisco entre Uberlândia e Prata. Íamos, bem cedo, na caminhonete do Mestre, mas antes de chegar já começávamos: com corrida na estrada de terra, domínio de habilidades, uso da força. Quem participou não se esquece da experiência desses treinos que duravam o dia todo e eram feitos ali, em uma caminhada, no curral, com vacas e cavalos, em melhorias no sítio, em plantação, na corrida pelas trilhas e deslocamentos pelos rios. Eu não sabia nadar e estou vivo… bem… o Mestre me falou: "mas você não é Sapo? Como não sabe nadar? Onde estamos não tem jeito, vai ter que cair na água"… e aqui estou eu. O povo se distanciou ao longo do rio e foram me conduzindo (que loucura, que perigo). Que lições tirei disso: enfrentar o medo e as adversidades, a tensão real, o esforço físico, o trabalho em equipe, o cuidado com o outro. São lições que não se aprendem nos livros, não há nenhum coach que tenha condição de ensinar isso apenas em discursos. Esses momentos me mostraram que a capoeira era mais do que o movimento, a roda, era muito mais: amizade, companheirismo, aprendizado constante até em coisas que nada tinham a ver com capoeira. Pude ver também o quão sábio era o Mestre Corisco. Fazíamos na década de 1990 o que tenho visto atualmente no TikTok, outros mestres como Dunda e Camisa fazendo em seus sítios, uma imersão total na capoeira.

Mestre Corisco e Mestre Caju na Colação de Grau

Como resultado, dessa proximidade com o Mestre Corisco, tive o privilégio de vê-lo, juntamente com o Mestre Caju, em minha colação de grau na formatura de Engenheiro Químico ocorrida em janeiro de 2000. A cerimônia aconteceu na Acrópole em Uberlândia. Eu era um entre outros 110 engenheiros formados (civil, elétrica, mecânica e apenas 8 da química). Estávamos em uma espécie de arquibancada quando, ao longe, consegui perceber a presença dos Mestres em pé, próximos à porta de entrada. Quem já foi a uma cerimônia de formatura sabe o quanto é demorada. Mas os Mestres se mantiveram lá acompanhando até a minha saída para que me parabenizassem e me abraçassem… Esse realmente foi uma situação em que verifiquei o quanto o Mestre Corisco e o Mestre Caju me consideravam, reforçando

ainda mais a minha admiração por eles e pelo grupo como símbolo de união.



Foram mais de 100 engenheiros formados na turma de jan/2000 da UFU, mas apenas 8 eram engenheiros químicos. A cerimônia de colação de grau foi longuíssima. Começou no final da tarde e avançou pela noite e madrugada… Assim como também nas formaturas de mestres, uma similaridade conveniente. O formalismo e o rito servem como ritual de passagem, sinalizando o final de um ciclo, para o começo de outro.

Minha Redenção na Capoeira – A Semente do Mestre Nascendo

Após alguns anos do retorno (uns dois talvez), eu já tinha voltado novamente ao ritmo. Um momento representativo de virada aconteceu na Academia Runner (do Bibi em Araguari) na Rua Marciano Santos. O Mestre Corisco veio de Uberlândia para dar o treino. Nessa época, tinha poucos alunos. Nesse dia estávamos treinando e chegaram dois antigos (cordas roxas) na hora da roda. Um deles me chamou para jogar logo na abertura, com o mestre tocando o berimbau. Já na saída, nos estranhamos e alguém, sentindo o cheiro de confusão, cortou o jogo. Eu que passei anos fugindo desses confrontos, não sei o que me deu nesse dia, fiz a volta ao mundo (quando o jogador circula a roda e retorna ao berimbau, e não foi a volta completa, a volta completa na roda durante o jogo é que é a volta ao mundo…) e retornei ao pé do berimbau e o chamei para o jogo novamente. Agora entramos sem floreio, me lembro de algo assim: martelos seguidos de biqueira, contragole de escala e galopantes, e foi aí que ele soltou um martelo que encaixou no meu ombro. Então segurei a perna com meu braço esquerdo, mão direita no pescoço dele para baixo e meu pé direito para

dar rasteira no pé de apoio dele para levantá-lo a queda e enfiá-lo de cabeça no chão. Normalmente, nos jogos, eu sempre mostrava o que fazer, mas nunca realmente executava de fato (o povo, a plateia, de maneira geral, gosta disso, desavença e sangue). Mas esse dia foi diferente e o estrago seria certo. Com esse golpe, seria hospital, com certeza. Encaixado, não consegui concluir a finalização, pois o outro corda roxa nos agarrou e caímos todos no chão. O jogador com quem eu estava ficou vermelho, encostado no canto da roda. E tudo ficou bem, afinal, para eles, esse tipo de jogo era normal. Quando terminava o treino, eu levava o Mestre Corisco na rodovia BR050, próximo a Curinga Veículos, para ele pegar o ônibus de volta para Uberlândia. Quando ele entrou no veículo, olhou para mim com cara de assustado e disse: "Uai, Sapo (às vezes ele me chamava assim), o que foi isso que aconteceu hoje?… o que te deu?". Respondi: "Não sei, Mestre, acho que cansei dessa história de fugir ". Senti que, depois desse episódio de autoconfiança (e risco também), não só o Mestre Corisco viu uma virada em mim, como as pessoas, de maneira geral, passaram a me respeitar como Corda Preta — Mestrando e de que eu não era tão passivo e inofensivo assim. Esse pode ter sido o momento em que o Mestre Corisco viu que em mim crescia a semente de um mestre.

4 Não Basta Ser Bom, Tem que ter Sorte (ou estar no lugar certo na hora certa)

O Mestre Corisco vinha enfrentando problemas com câncer já há alguns anos. Ele passou por cirurgia para retirada do tumor no final da década de 1990 (se não me engano, ele descobriu em 1998, após o retorno da viagem a Salvador) e se recuperou até rapidamente (em grande parte pelo vigor e força física), mas em 2001 a doença retornou devastadoramente. Nessa situação, o Mestre resolveu promover um evento de formatura, em que foram convidados todos os cordas pretas para a formatura. Tive esse privilégio. Provavelmente por não ser adepto do modelo de violência, o meu estágio final seria de professor (corda roxa). Mas minha resistência e persistência me levaram até a corda preta e, nesse momento, apesar da tristeza imensa pela doença do Mestre, tive a oportunidade de chegar ao topo, à elite do grupo como mais um mestre. De 2000 a 2002, estava fazendo o Mestrado em Engenharia Química, e quem já teve a oportunidade de enfrentar esses estudos sabe que não sobra muito tempo para a vida. Mas ao sentir o chamado para esse evento único, me botei a treinar com intensidade novamente. Naquele momento, os meus grandes companheiros de treinamento foram: Mestre Gasolina, Contramestres Chumbada e Veneno e Saturnino (hoje professor de capoeira angola reconhecido em Uberlândia). Treinávamos em praças e na casa dos gêmeos (Chumbada e Veneno). A minha sintonia era maior com o Chumbada. Algumas

semanas antes da formatura, ele quebrou o braço e teve que engessar. Isso foi um choque para mim, pois poderia inviabilizar minha formatura, já que a demonstração principal da formatura de mestre era a sequência de Bimba com os saltos cinturados (acrobáticos e mortais). Contudo, com o esforço dele, continuamos os treinamentos e chegamos à conclusão de que seria possível realizar as manobras.

Formatura do Mestre Sapulha

No dia da formatura, um domingo à noite, fomos de Araguari para Uberlândia em uma van. O evento estava previsto para se iniciar por volta de 19h. Por volta de 20 h, os portões foram fechados e ninguém mais poderia entrar. Foram aproximadamente 40 mestres formados, muitas cordas pretas, marrons e roxas se graduaram. A sede da ASCAU ficou cheia de praticantes. Não se podia filmar ou gravar, então ficou apenas na memória e nas fotos. Houve discursos, cada um teve sua oportunidade de homenagear o Mestre Corisco. Fiz o meu melhor uso das palavras em sua homenagem. Falas de diversos mestres já formados presentes. Tomadas de golpes, sequência de bimba com saltos cinturados pelos indicados a serem mestres. Toques, cantos, jogo de angola (vestidos a caráter com calça social preta, sapato de bico fino e camisas amarelas), jogo de floreio (já com abada e cordas), jogo duro, jogo de navalha. Após o jogo dos graduados de cordas pretas, cada um se vestiu com a corda vermelha e passaram ao jogo para queda das demais cordas (preta, marrom e roxa). Terminado o evento, o Mestre Corisco recebeu a homenagem e reconhecimento como Grão-Mestre pelas mãos do seu mestre, o Mestre Gatão de São Paulo, que o formou. O evento terminou por volta de 5 h da manhã da segunda-feira e chegamos a Araguari por volta de 7 h. Certamente foi um evento único e mágico, pelo qual fico muito feliz por participar e honrado por chegar ao final da minha trajetória de capoeirista, fechando mais um ciclo para ser Mestre na capoeira e de mim mesmo. Provavelmente, aqueles que tiveram a oportunidade e não participaram desse evento ímpar certamente se arrependem profundamente. A história foi feita naquele momento.

Apresentação do Mestre Gasolina na Abertura do Evento

Abertura do evento com a movimentação do Mestre Gasolina.

Jogo de Angola dos Futuros Mestres

Preparação para o jogo de abertura do evento: Angola. Todos com calça preta, sapatos e camisetas amarelas, conforme a tradição de Angola. Infelizmente, depois de quase 25 anos, não me lembro do nome de todos na sequência em que estão e vou citar somente os que me lembro: Sapulha (lógico, esse ainda não dá para esquecer), Beijim, Gavião, Bola, Polaco, Miúda, Paraíba 1, Paraíba 2, Peruano, Diesel, Pirapora e Lek Luck.

Ao pé do berimbau para o jogo de angola com o Polaco (olha as trancinhas dele).

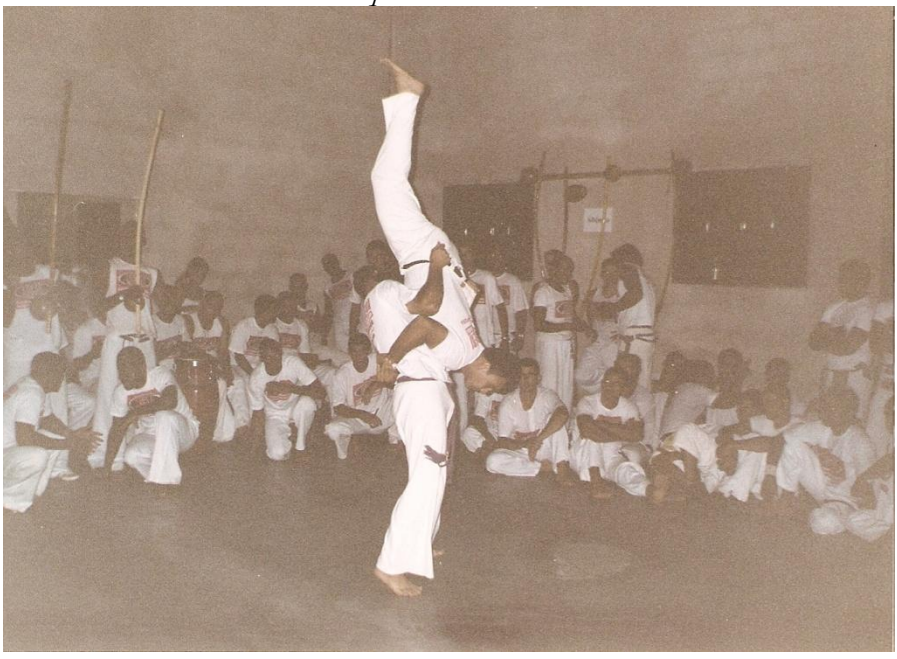
Saída na queda de rins. Bola comanda no Berimbau.

"Mas se hoje é dia de festa…". É dia de festa. Não é momento para estresse. Não é aqui e agora que se demonstra ser bom. A demonstração aconteceu durante toda a jornada de capoeira. Aqui agora é festa!

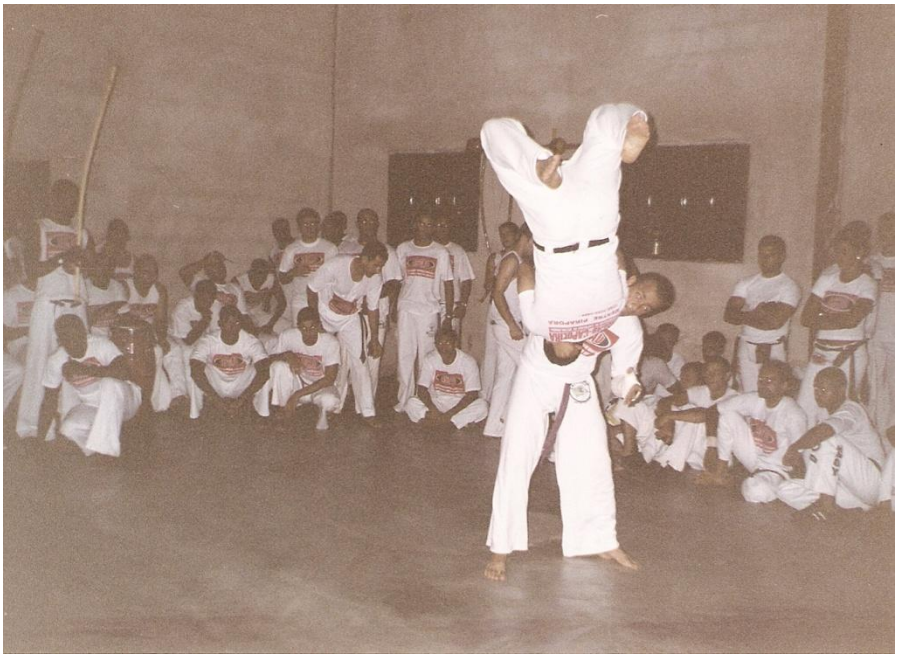
Sequência de Bimba com Balões Cinturados

Sequência de Mestre Bimba com cintura desprezada… Olha o Chumbada com o braço quebrado. Ele foi fiel a mim durante nossos treinamentos e esse dia é a demonstração do seu altruísmo e generosidade. Se ele não tivesse se sacrificado, eu provavelmente não conseguiria fazer com outro (pois esses movimentos exigem treino e confiança, senão é queda na certa, com graves riscos) e assim até minha formatura estaria comprometida. Confesso que nesse aqui senti que até a plateia e o mestre ficaram aflitos… senti o chão de bem perto… mas foi. Deu tudo certo, com alívio para todos.

A sequência continua…



De novo… e de novo…



E mais uma vez… Afinal, são oito sequências com saltos.

No final, deu tudo certo e partimos para o jogo regional e jogo duro.

Mestre Sapulha Formado!

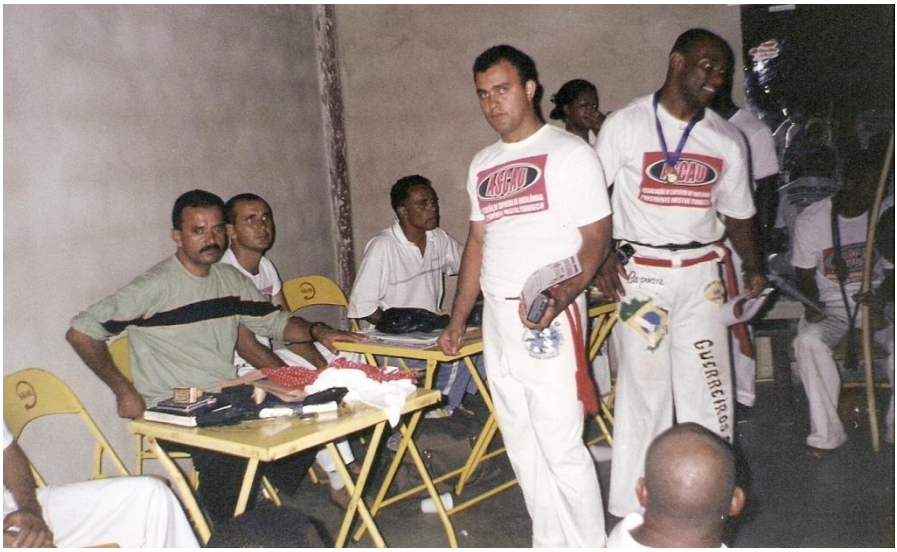
Assinando o certificado de Grão-Mestre atribuído ao Mestre Corisco pela formação de mais de 40 mestres. Isso foi uma homenagem do Mestre do Mestre (Mestre Gatão de São Paulo). Note que o fotógrafo (foram vários ao longo dos anos, pois cada evento era um) deve ter algum problema com minha cabeça, pois a cortou nas cordas marrom, preta e vermelha…rsrssrs.

Corda Vermelha na cintura, medalha no peito e diploma na mão. De novo… só me

lembro de alguns mestres na foto e vou citá-los (me desculpem os demais, mas os anos não foram generosos com a minha memória). Como tinha pessoas de cidades diferentes com as quais não tínhamos uma convivência frequente, mesmo naquela época eu tinha dificuldade em saber quem era quem: Peruano, Diesel, Sapulha, Bola, Pirapora, Pudrim, Paraíba 1, Paraíba 2, Petróleo, Miúda e Beijim.

Mestres Sapulha, Miúda e Beijim. Uma foto final para retornar à vida. O duro é perceber que esse não é e nunca foi o final… nada é o final até que verdadeiramente se acabe com a morte. Aqui, o ser Mestre foi apenas o início de novas etapas, novas descobertas, agregando mais histórias para a capoeira.

Mestre Sapulha com os Mestres do Grão-Mestre Corisco, entre eles o Professor Pantera (na época Uberaba).



Sentado, temos o Mestre Gatão (SP) ao lado do Mestre Calango. Na mesa está a Corda Vermelha-Prata de Grão-Mestre atribuída ao Mestre Corisco como homenagem pela sua carreira, história na capoeira e mestres formados.

Sobre esse evento de formatura, o único arrependimento que tenho foi não ter entregue uma graduação de corda preta (Mestrando) ao Chumbada e ao Veneno em reconhecimento por todo esforço e apoio. Afinal, eles estavam treinando comigo, mas quando pensei nisso, o evento já havia passado. Me desculpem…

O Chumbada e o Veneno me presentearam com uma sacola de berimbaus, logo após a formatura a Mestre. Esse aí que eles haviam comprado do Pirapora. Isso era algo diferente. Creio que ainda é até hoje. Chegava aos eventos com essa sacola, tirar as partes e armar o berimbau era realmente uma demonstração de poder, sendo reconhecido pelos outros. Parece uma coisa simples, mas que chama a atenção. Novamente, sou acumulador, e tenho-a até hoje, guardando parte da minha história na capoeira. Nela estão umas 7 vergas, cipós, dobrões e baquetas.

Quadro com as assinaturas dos mestres formados que está na sede da ASCAU em Uberlândia. Minha assinatura está apagadinha, mas foi bem na cabeça do símbolo Arte Bélica.

Uma Reflexão sobre a Jornada

Corda	Palavra que sintetiza o momento	Observação
Sem corda	Curiosidade	Que coisa diferente. Quero conhecer.
Branca	Fascinação	Bacana demais.
Amarela	Medo	Hum… isso é difícil demais.
Azul	**Ieeeeeeeeeeeee**	**A descoberta da sonoridade.**
Verde	**Berimbau**	**Hora de calejar os dedos.**
Roxo	**Mortal**	**Domínio do corpo: consigo fazer mortal!**
Marrom	**Autoafirmação**	**Talvez essa seja a corda mais difícil para mim. Fui testado ao limite diariamente. Acho que deve ser assim para muitos.**
Preta	**Confiança**	**O domínio do corpo, da mente e da arte. Provavelmente é nesse estágio o auge do desempenho.**
Vermelha	**Reconhecimento**	**Aqui é o topo. O que tinha de ser feito já foi feito. Não é o final, é o início e, com isso, a liberdade para escolher o ritmo e os caminhos. Mas o que vier é lucro. Só o fato de chegar aqui já coloca o nome na História da Capoeira.**

O futuro é algo a ser escrito…

Expectativa de percurso para um iniciante (minha reflexão):

Considerando a sequência de cordas da minha época:

- De branca até verde, 2 batizados por ano. Levando 2 anos.
- Verde para roxo: 1 ano.
- De roxa até preta: no mínimo 2 anos em cada graduação.
- Assim a formação para mestre deveria durar no mínimo 9 anos
- Eventuamente entre preta e vermelha, esse prazo poderia ser maior.
- A formação exige tempo para maturidade. Não é a corda que faz o mestre. O mestre pode até se formar antes. A corda é consequência. Eu já disse isso: o momento de provação é antes de ser corda vermelha. Ser mestre não é somente ter a corda, mas envolve também o reconhecimento no grupo e na sociedade.

Evidentemente que considero que essa lógica se mantenha no atual formato de cordas. Assim, para se chegar à corda verde-roxa seriam 4,5 anos e mais 14 anos entre Roxa e Vermelha, resultando em 18,5 anos de dedicação à capoeira. De fato, ao se mudar a sequência de cordas, inserindo uma etapa intermediária. Mesmo supondo 1 ano entre cada corda alta, resultaria em 11,5 anos. Considero justo. É uma forma de valorizar o percurso e não banalizar, dando o tempo necessário para que o mestre se forme. É muito ruim, para o grupo e para a capoeira, que as pessoas se tornem mestres sem formação, sem domínio do corpo, da história e da sonoridade. Além disso, é no tempo que a seleção acaba sendo feita, resultando na formação sólida de mestres. Mestre com formação aleatória tem vida muito curta nas rodas.

Afinal, é o tempo que gera o reconhecimento, ou deveria ser. Além disso, o importante não é chegar e conquistar, e sim o caminho. No caminho em que adquirimos vivências e experiências, isso será fundamental, caso o novo mestre queira conduzir o seu próprio trabalho com diferencial.

O meu percurso durou quase 15 anos e poderia ter durado ainda mais …

Principais diretrizes:

- Para todos os níveis: dominar a capoeira, os movimentos, aprender a dinâmica da roda, entender as mensagens das cantigas e do jogo;

- Até a corda azul, todos devem ser aptos para os toques básicos da capoeira (angola e regional), dominando também o berimbau;
- Até a verde é necessário dominar a capoeira, o toque de berimbau e cantar;
- Até a roxa: dominar todos os instrumentos e cantar.
- Até marrom: tocar e cantar dominando os instrumentos; e, conhecer profundamente a história da capoeira;
- Até preta: tudo acima, além de: maculelê, navalha, puxada de rede, samba de roda (e outros elementos de folclore e elementos culturais), aqui é o capoeirista explorando um universo de saberes, abrindo a mente e buscando a inspiração para a transformação interior. É de fato nessa corda que nasce o mestre;
- Vermelha: todos acima + organização do grupo e confecção de instrumentos e outros materiais pertinentes à capoeira.

Mestre Gasolina e Mestre Sapulha: ASCAU em Araguari em 2002

Além de dedicação, resistência e persistência, é necessário ter sorte (já disse isso, mas vale repetir). Tive a sorte de conseguir estar no lugar certo e na hora certa. Talvez em outras condições eu não tivesse fechado esse ciclo.

No final, fazendo um balanço de tudo, apesar de ter duvidado de mim mesmo (isso é frequente) durante muitos anos pelo fato de não agredir, ou bater ou ser violento, eu me reconheço como Mestre. Primeiro, porque o meu Mestre Corisco assim o fez, ele me reconheceu, e durante vários momentos. Ele não duvidou de mim. Segundo porque chegar ao final é uma prova inequívoca de resistência, paciência e persistência. Se a capoeira é uma forma de sobrevivência ao mundo, eu sobrevivi e continuo sobrevivendo. E, concluindo, ao encontrar o meu lugar na sonoridade e no conhecimento, pude chegar a pontos aonde ninguém chegoua. Sou autodidata para a arte envolvendo capoeira e seus instrumentos, produzi inovações reconhecidas por outros capoeiristas e, por fim, estou escrevendo essa história para mantê-la para a posteridade.

Mestres de Capoeira da ASCAU em Araguari: Mestre Gasolina e Mestre Sapulha.

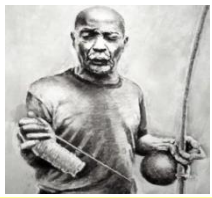
Turma da ASCAU em um treinamento no Clube Cometa em Araguari.

Primeiro jogo como Mestre com o Mestre Gasolina. Um jogo dos mestres da ASCAU em Araguari.

Uma homenagem aos meus últimos fiéis escudeiros em Araguari: no berimbau à minha esquerda, o contramestre Zangão e à minha direita os contramestres Veneno e Chumbada.

Axé a todos e um Salve, Capoeira!

Árvore Genealógica dos Mestres da ASCAU em Araguari-MG



Mestre Pastinha

Mestre Bimba

Mestre Pinatti

Mestre Gatão

Mestre Corisco

Mestre Gasolina: 1º formado de Araguari

Mestre Sapulha: 2º formado de Araguari

Mestra Miúda: Presidente ASCAU

Quem se torna Mestre de Capoeira, entra para a história e por lá permanece. Por isso cito que, em parte, é o final de um ciclo. Mesmo estando distante do grupo há quase 20 anos, em 2025 provavelmente 99% das pessoas que praticam capoeira na ASCAU não me conhecem pessoalmente, não jogaram comigo, não me ouviram e mesmo assim elas sabem e carregam a minha história e existência (mesmo que indiretamente, pois o ator principal sempre é o Grão-Mestre Corisco). Eu me sinto muito feliz com isso tudo!

Diplomas e Certificados da ASCAU para o Mestre Sapulha

Contramestre pela atuação na Academia:

HONRA AO MÉRITO

conferido a

Cláudio Homero F. Silva

(Contra Mestre Sapulha)

Pela inicialização da prática, divulgação e incentivo da arte da Capoeira como Contra Mestre na Academia Camafeu Grupo deCapoeira Cordão de Ouro

15 de Fevereiro de 1997

23 095 086/0001-89

Associação da Capoeira de Uberlândia - ASCAU

CORISCO

MESTRE CORISCO

Pela graduação como Mestrando:

GRUPO DE CAPOEIRA

CORDÃO DE OURO

CERTIFICADO

Certifico que Cláudio Homero F. da Silva frequentou aulas do Curso de Capoeira, ministrado pelo Mestre Corisco.

Foi possuidor de um comportamento louvável, sendo qualificado como Mestrando Sapulha.

Uberlândia, 20 de Dezembro de 19 97

23 095 086/0001-89

Cláudio Homero F. da Silva

ALUNO

MESTRE

Associação de Capoeira de Uberlândia - ASCAU

Recebido no dia da formatura de Mestre

GRUPO DE CAPOEIRA
CORDÃO DE OURO
ASCAU
ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA DE UBERLÂNDIA
CERTIFICADO
Certificamos que Claudio Homero Ferreira da Silva
Frequentou o cursode capoeira, Angola e Regional, ministrado pelo presidente Grão Mestre Corisco;
Foi possuidor de um comportamento louvável, sendo merecedor de sua formatura.
CNPJ 23 095 086/0001-89
ASSOCIAÇÃO DA CAPOEIRA DE UBERLÂNDIA ASCAU.
R. Quintino Bocaiuva Nº 76
Centro CEP 38400-108
UBERLÂNDIA-MG
Uberlândia-MG, 16 de Dezembro 2001
Grão Mestre Corisco
Formando

Diploma de Mestre da ASCAU.

GRUPO DE CAPOEIRA
FUNDADOR GRÃO MESTRE CORISCO
CORDÃO DE OURO
ASCAU
ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA DE UBERLÂNDIA
CERTIFICADO
Conferimos através deste documento legal, o título de
Mestre ao Sr. Cláudio Homero Ferreira da Silva (Sapulha),
em reconhecimento aos trabalhos e atividades desenvolvidas à capoeiragem,
enriquecendo e disseminando os conhecimentos desta arte, luta,
cultura e educação a seus alunos e sociedade em geral.
CNPJ: 23.095.086/0001-89
Associação de Capoeira de Uberlândia - ASCAU
Rua Ibiá, 260 - Bairro Martins - CEP 38400-430 - Uberlândia - MG - Brasil
Uberlândia - Minas Gerais - Brasil, 16 de Dezembro de 2001.
MESTRA MIÚDA
Rute Pereira dos Santos - Mestra Miúda
DIRETORA - PRESIDENTE
Robson Oliveira da Silva
Mestre Kong
GRÃO MESTRE CORISCO
"In Memoriam"

E medalha recebida também na formatura de Mestre (a maior).

Uma brincadeira com a Inteligência Artificial em 2025

Bonecos do Mestre Sapulha gerados por Inteligência Artificial a partir de uma foto...Só porque achei divertido...E o futuro será um desafio. A inteligência artifical está aí, para facilitar, dificultar, ou apenas deixar divertido.

5 Segundo Mestre da ASCAU Formado de Araguari: Uma Breve Jornada

Uma Vez Fomado, Agora é Divulgar para o Mundo

Após a formatura, eu tinha 3 contramestres que me acompanhavam (ou eu os acompanhava, já que o espaço não era meu). Uma das minhas primeiras ações foi buscar patrocínio para divulgação, fazer uma coisa diferente e que nunca havia sido feita por outros. Eu queria fazer coisas que servissem como inspiração para outros, e organização e divulgação foram os primeiros focos. Junto a alguns amigos donos de estabelecimentos, apresentei um orçamento sobre o que pretendia fazer como iniciativa de divulgação e ofereci cotas de patrocínio. Alguns deles aceitaram e consegui realizar o seguinte:

- Cartazes
- Panfletos
- Um estandarte com o emblema da ASCAU;
- Pintura de um muro divulgando o grupo;
- Carro de som;
- Bandeira da ASCAU (grande).

Realizei a divulgação de panfletagem, mas infelizmente isso não surtiu efeito. Evidentemente, prestei contas para meus financiadores do que havia sido feito com o dinheiro. Mas a grande verdade é que eles fizeram isso por mim e pela amizade e não necessariamente por uma divulgação da capoeira ou retorno em vendas. Eu me sinto honrado e os agradeço por isso. Eu tinha muitas ideias para organização,

formalização, produção de cursos e oficinas (vou tratar disso melhor em outro livro: Cores da ASCAU), mas acabei não desenvolvendo nada disso.

Planejamento para pintura do muro.

Antigamente, pintar muros era uma forma de anúncio. Esse foi pintado em um local de grande circulação em Araguari. Era no final da Av. Theodolino, antes da canalização. Quem pintou o muro foi a equipe do Fera (contramestre) que fazia também esse tipo de serviço. Foram eles também quem fizeram um bandeirão da ASCAU, rústico para os padrões de hoje, mas que não era comum naquela época.

Simplificação para bandeira de 7 × 10 m.

Arte para o banner que se tornou também um estandarte.

Banner/estandarte em casa em Araguari e em BH.

Foram 500 cartazes e 1.000 panfletinhos (tipo um cartão). Infelizmente, não surtiu o resultado que eu esperava.

Fundador: Grão-Mestre Corisco

Capoeira é Folclore, Cultura, Esporte Nacional e muito mais.
Capoeira é para homem, menino e mulher. Venha Praticar!

MESTRE SAPULHA

Contra-Mestres: Chumbada e Zangão

Faixa

Fundador: Grão-Mestre Corisco

Grupo de Capoeira ASCAU – Mestre Sapulha

Contra-Mestres: Chumbada e Zangão

"Capoeira é folclore, dança, coreografia, defesa, ataque; jogo e esporte; arte e cultura; maldade, malandragem e companheirismo, têm do bom e do ruim, o bom fica a sua espera e o ruim procura você, mas tudo isto podemos dosar, pois tudo tem a sua vez e hora de usar..."

Capoeira é para Homem, Menino e Mulher. Venha Conhecer!!!

EVENTO: _____

LOCAL: _____

HORÁRIOS: _____

APOIO:

Cartaz

Mestre SAPULHA
Contra Mestres:
Chumbada e Zangão

Capoeira é para homem, menino e mulher.
Venha Praticar!
LOCAL:

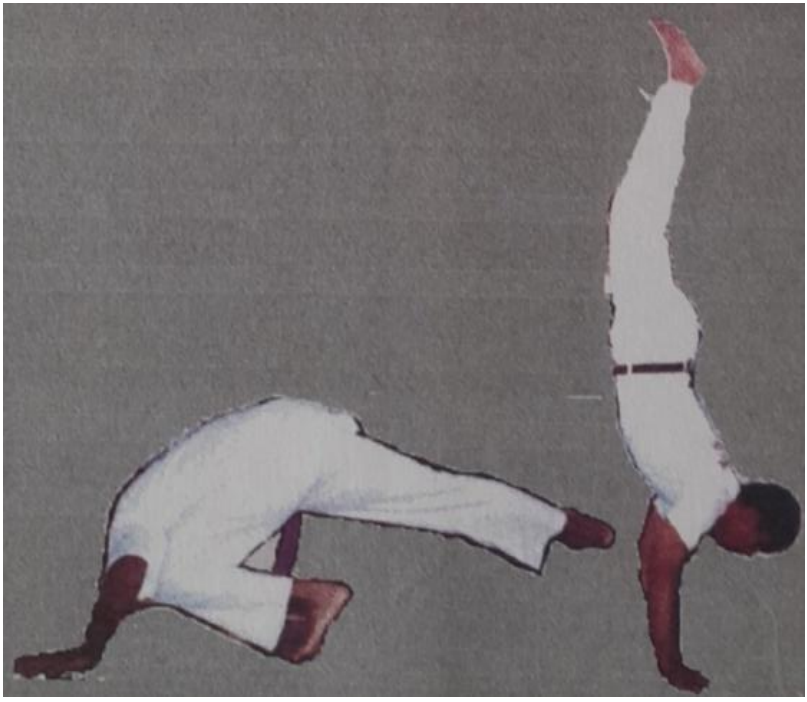
HORÁRIOS:

Mestre SAPULHA
Contra Mestres:
Chumbada e Zangão

Capoeira é para homem, menino e mulher.
Venha Praticar!
LOCAL:

HORÁRIOS:

Panfletos em preto e branco para serem feitos por fotocópias



Extrai esse movimento de uma das melhores fotos que já fiz.
Foi a imagem que utilizei nos meus cartões de visita.
Nessa foto estou na parada de mão e o Professor Grilo entrando na rasteira de costas.

Eventos e Campeonatos do Mestre Zulu (Araguari)

O estandarte e a bandeira foram usados pela primeira vez em um evento em Araguari, no Ginásio Poliesportivo da Cidade. Era um evento do Mestre Zulu. O Zulu surgiu na capoeira na mesma época em que iniciei, me parece que ele era parente do Contramestre Miúdo (esse deixou a capoeira logo após pegar a corda marrom). Mas ele acabou seguindo outros caminhos e muito rapidamente se tornou mestre em outra instituição, abrindo uma importante cisão na capoeira de Araguari. Seguia outro formato de graduação na sequência: verde, verde-amarelo, amarelo e outras. Chamávamos esse formato de cordas trançadas (a nossa corda também era trançada, mas naquela época não misturava cores). O pessoal da ASCAU na época tinha muita rixa com o Zulu. Foram muitas as ocasiões em que o pau quebrou feio. Eu

inclusive tive a oportunidade de interferir em algumas delas, tentando apaziguar os ânimos. Eu o respeitava e ele a mim. Inclusive me convidava para os eventos e campeonatos (em que naturalmente era juiz, e atendia ao convite). Em uma oportunidade, promoveu uma palestra no teatro da Casa da Cultura (no livro Cores da ASCAU, apresentarei mais detalhes dessa apresentação, e o evento ocorreu em 06-05-2005). Esse evento foi um grande reconhecimento do meu trabalho para a capoeira (divulgar o conhecimento e musicalidade) e por isso tenho muita gratidão com o Mestre Zulu.

Já morava há muitos anos em Belo Horizonte e, em 2015, vi uma reportagem no Jornal Nacional falando sobre um representante do Brasil na Capoeira (pela CUFA) em Nova York e, para minha admiração, se tratava do Mestre Zulu. Nessa ocasião, eu lhe enviei uma mensagem (longa) de congratulação pelo trabalho pelo Facebook, exaltando a sua contribuição para a capoeira, afinal, muitos o julgaram, mas ele permaneceu firme e vários que o criticavam no início não se mantiveram. Venceu o mais forte, e a história é contada pelos vencedores. Sinto muito não ter tido mais momentos de vivência de capoeira com ele, já que a história demonstrou que ele sempre teve o seu mérito.

Os primeiros dias de Mestre de Capoeira são só alegria. Mas a seguir vem uma autocobrança, um sentimento para a necessidade de se manter, de se desenvolver, criar coisas novas. Agora entendo que o movimento de cisão da capoeira é completamente natural, na medida em que o aluno se forma a mestre. Ele quer inovação, liberdade, autonomia, criatividade e ser autoridade, e isso não combina em ficar sujeito à autoridade de outros. E quando existem outras pessoas envolvidas, a possibilidade de atritos é sempre maior. Então logo se descobre o quão difícil é estar nesse patamar, principalmente para quem não vive da Capoeira, como era o meu caso.

A Partida do Mestre Corisco

Alguns meses depois, o Meste Corisco partiu. Nesse dia, eu estava trabalhando na divisa entre Araguari e Catalão. Ao ser informado, busquei com meus chefes a liberação para ir para Uberlândia e eles foram muito empáticos com minha dor. Havia um veículo que retornaria para Araguari às 14h. Cheguei a casa, peguei meu automóvel e fui para Uberlândia. No caminho, peguei o Chumbada que já estava me esperando na saída da cidade. Fomos depressa, pois o enterro seria ainda naquela tarde. Conseguimos chegar ao velório afinal e acompanhar a procissão, mas não foi permitido que eu participasse da

última roda em homenagem ao Mestre, já que não estava de abadá. Fiquei bem incomodado com isso (mas só no momento, pois achei injusto comigo), mas aceitei e o homenageei na plateia.

Deixo aqui minha homenagem registrada em lembrança ao Grão-Mestre Corisco:

"Amigo meu, me deixe chamá-lo assim,
Amigo meu, me deixe chamá-lo assim,
Perto de sua partida, quero então me despedir.
Faltam palavras para de você falar.
De sua vontade de viver e seu jeito de brincar,
No jogo da capoeira e na vida se travar,
Uma luta contra a morte, e saber quem vai ganhar
Meu irmão coragem, ninguém volta pra contar
Desse caminho longo a ser percorrido, por todo capoeira,
Adeus amigo velho, eu já cantava assim,
A morte deixou saudades,
Não me esquecerei de ti.
Olalai, lele, lalaelalaila (2x) – coro

Essa música, eu não sei o autor e não sei se está gravada ou tem direitos autorais envolvidos. Tinha-a em uma fita K7 de evento ao vivo do Abadá na voz do também saudoso Mestre Boa Voz.
Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.
Ela expressa bem a falta que sinto do Mestre Corisco.

Minha versão inspirada na homenagem do Mestre Boa Voz ao Mestre Pastinha, como homenagem à ASCAU e ao Grão-Mestre Corisco:

Toda Uberlândia chorou
Toda Uberlândia chorou
No dia em que a capoeira
Perdeu Mestre Corisco
Meu Grão-Mestre foi se embora
Ah meu Deus quem o levou
Lá pro céu com as estrelas
Grandes Mestres, sim sinhô

Chorou aluno e antigo
Chorou mestrando e doutor
Velhos mestres, camaradas

Gente do nosso redor
Berimbau tocou iúna
Num toque que até doeu
E a roda ficou parada
Quando a notícia desceu

Da boca do capoeira
Do fundo do coração
Ecoou dentro da ASCAU
Uma triste oração
E não houve no Triângulo
Quem não cantasse essa oração:

Iê, vai capoeira
Mostra o que o mestre ensinou
A arvore foi derrubada
Mas sua raiz ficou
E se ela for renovada
Será eterna ASCAU, sinhô

Ai ai ai, dê, joga bonito que eu quero ver
Ai ai ai dê, meu Mestre Corisco, cantei pra você

Letra: autoral
Melodia: inspirada na cantiga "Toda Bahia Chorou"
Interpretação de referência: Mestre Boa Voz (Abadá-Capoeira)
Uso com finalidade memorial, histórica e não comercial.

Mestra Miúda e a Sobrevivência do Grupo

Passado esse momento difícil, passei a interagir bastante com a Mestra Muída, esposa e herdeira natural da condução do grupo. Houve um grande trabalho de reconstrução da capoeira para a manutenção do grande legado do Grão-Mestre Corisco. Rendo homenagem e reconhecimento a ela, pois, estando a mais de 20 anos do falecimento do Mestre Corisco, o grupo se mantém de pé, crescendo, usando das ferramentas de divulgação que a internet permite hoje (site, fotos, Instagram e outros) e segue como um celeiro de grandes capoeiristas.

6 Caminho Interrompido

2006: Engenheiro Químico em Belo Horizonte (MG)

Em 03 de março de 2006, recebi um telefonema da psicóloga Dolíria me informando que saiu o resultado definitivo do concurso para Engenheiro de Tecnologia e de que no dia 31 daquele mês eu deveria me apresentar para o trabalho na cidade de Belo Horizonte (MG). Esse foi o ponto final da minha história em Araguari.

Em que pese o fato de que desde 2004 eu já estava afastado da capoeira, contando apenas com os contramestres Zangão, Chumbada e Veneno que se mantiveram fiéis a mim. De vez em quando, treinávamos na garagem na casa do Chumbada/Veneno.

Eu continuava trabalhando de escala e estava estudando doutorado em Engenharia Química na UFU em Uberlândia. O doutorado é com certeza o maior desafio intelectual que enfrentei na vida. Estava em uma linha muito difícil e complexa. Para se ter uma ideia, em 2006 eu já estudava redes neurais, o tema central de inteligência artificial nos dias de hoje (2025), exigindo profundo domínio matemático, computacional e de dedicação. Isso me tirou da capoeira.

Ao chegar a Belo Horizonte em 2006, não encontrei capoeira facilmente. Os locais normalmente eram caros ou distantes. Além disso, como um estranho, precisaria trilhar novamente o caminho para ganhar algum respeito e reconhecimento. Confesso que isso me desanimou um pouco. Outro ponto é que passei a viajar muito (de 2006 a 2017), o que inviabilizava uma rotina de treinos, e a engenharia química passou a exigir bastante de mim nesses anos. Quem tiver curiosidade pode

conhecer minha carreira acadêmica (currículo Lattes) e profissional (Linkedin), e acessar o material que já publiquei (Archive.org).

Crise de Abstinência de Capoeira

Percebi o quanto era ligado à capoeira em um domingo quando fui à Feira Hippie, ainda em 2006. Essa feira ainda existe e acontece aos domingos na Av. Afonso Pena e próximo à Praça Sete em Belo Horizonte. Ao ouvir o som do berimbau, de uma roda tradicional que ocorria por lá, estando a mais de um quarteirão da roda, meu coração acelerou e comecei a tremer… Isso me fez refletir: as reações que estava tendo naquele momento eram muito próximas de uma crise de abstinência de um viciado e, nesse momento, me dei conta de que eu era um viciado em Capoeira.

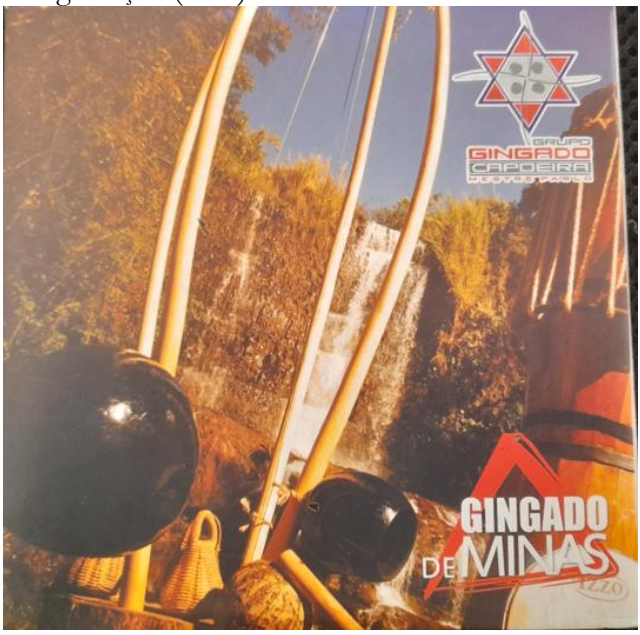
Roda de capoeira na Feira Hippie em BH (2006).

A capoeira para mim era um vício, resultado de uma dedicação intensa de ouvidos, pensamentos, mãos e, principalmente, tempo. Agora, em condição adversa, eu precisaria aprender a domar esse vício, meus sentidos, sentimentos e reações. O meu ciclo na capoeira realmente parecia ter se fechado.

7 Seduzido Novamente pelo Canto da Capoeira

Mestre Bifão: Reencontrando um Grande Amigo em BH em 2012

Por volta de 2012, estive em Araguari e reencontrei o amigo Mestre Bifão em uma roda na Av. Theodolino Pereira de Araújo. O Bifão também me visitou em Belo Horizonte em algumas de suas passagens pela cidade. Em uma delas, almoçamos no Mercado Central de BH e ele me presenteou com um CD do grupo dele, no qual ele havia participado da gravação (coro).



CD do Grupo Gingado, presente do Mestre Bifão.

Mestre Bifão e Professor Meio-quilo se preparando para o jogo.

Eu sempre me impressionei com o jogo do Mestre Bifão. Ele sempre teve uma objetividade impressionante. Ao longo dos anos, desenvolveu sua musculatura (olha a dimensão da criança perto dos outros) e também jiu-jitsu. De forma que ele está entre os grandes jogadores de capoeira de Araguari de todos os tempos. Do outro lado está o professor Meio-quilo com sua agilidade, destreza e plasticidade. Eu gostaria de ter jogado mais com ele na época, mas como éramos de grupos diferentes, eu acabei evitando esse contato.

Perdendo os traços de capoeirista: "Cadê o abadá, Mestre?"

2017: Um Reencontro Histórico, Casual e Aleatório: 1,2 , Bifão, Bodão e Sapulha

Em 2017, estive em Araguari e, por um acaso da vida, dei uma volta na cidade e passei no Cocão na Vila Paraíso. Estava tendo capoeira (para minha surpresa), era um domingo de manhã. Reencontrei lá: Mestre Bifão, contramestre 1,2, Bodão (meus grandes companheiros de capoeira).

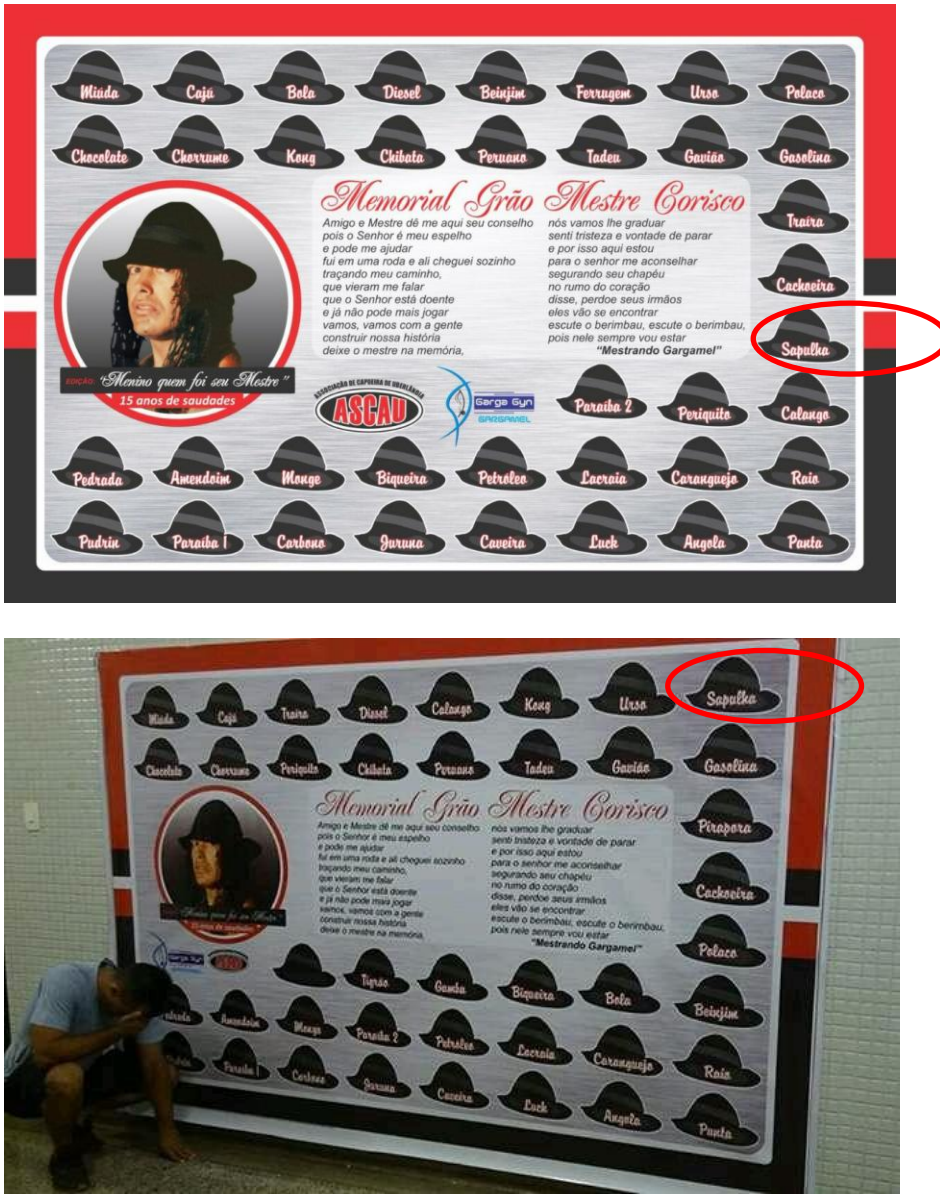
Da esquerda para a direita, em pé: Bodão, Bifão, 1,2, Sapulha. Quantos anos e alguns quilos a mais… em todos… Olha o tamanho do Bifão!… agora sim, faz jus ao nome.

Esse berimbau é o mesmo que o Mestre Bifão está segurando na foto acima. Ele era do 1,2, que ao final do treino me presenteou com ele. Alguns anos depois, eu o pintei com as tintas que tinha disponíveis na casa do meu pai e o deixei em Araguari. Sempre que estou lá, tiro um som.

Memorial Grão-Mestre Corisco na Academia Garga Gyn (2017)

Ainda em 2017, recebi notícias sobre o Memorial do Mestre Corisco, criado pelo Mestrando Gargamel em sua academia, o qual represento a seguir, e a quem também agradeço por ajudar a manter a

história e o legado da ASCAU e do nosso Mestre:



Memorial Grão-Mestre Corisco, na academia do hoje, Mestre Gargamel.

A icônica moto do Mestre Corisco está presente no Memorial. Quem fez a pintura dela foi o mesmo profissional que fez os grafites na academia do Ferrugem em Araguari.

Reencontrando Meus Irmãos de Capoeira em Uberlândia em 2018

Em janeiro de 2018, estive em Araguari. O Mestre Bifão, sabendo que estava na casa dos meus pais, passou lá e me levou para o 1º Encontro de Mestres e Mestrandos da Capoeira de Uberlândia na Academia Volta ao Mundo do Mestre Caveira. Vários mestres e companheiros de roda na ASCAU estiveram presentes. Fui uma tarde muito feliz. Reencontro de amigos e irmãos de capoeira. Aqui não há mais rixas, não há necessidade de se autoafirmar, não há ninguém melhor do que outro. Há história. História de cada um, histórias de muitos mestres, história da capoeira de Uberlândia e região e história de ASCAU, já que mesmo nesse momento cada um seguiu o seu caminho, todos passaram pelo Mestre Corisco.

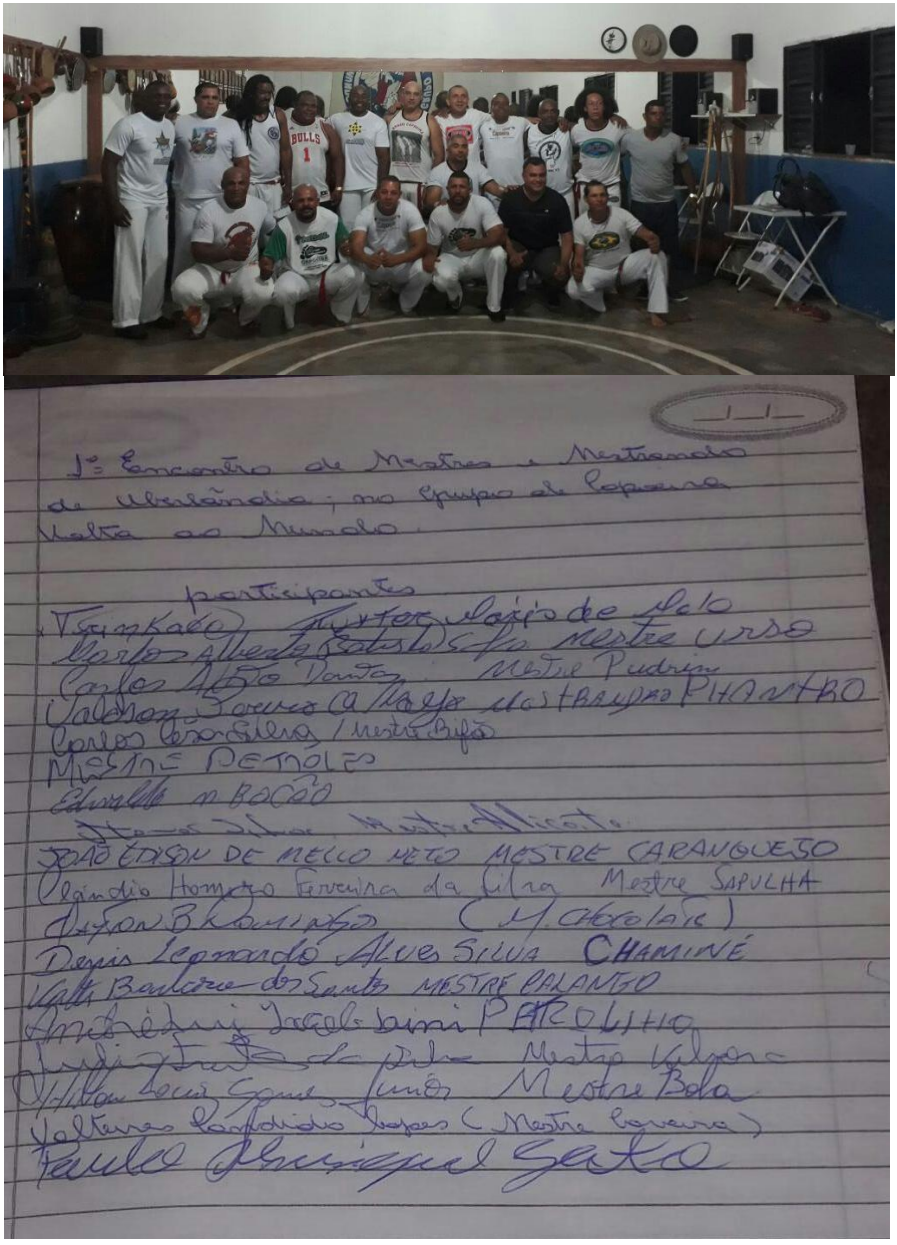


Foto dos Mestres e Mestrandos no encontro na Academia do Mestre Caveira e lista dos presentes.

Da esquerda para a direita: Mestre Pudrim, Mestre Caveira (anfitrião), Mestre Sapulha e, de costas, o Mestre Urso. Uma conversa alegre e saudosa quanto aos velhos tempos.

Meus Primeiros Passos no Artesanato (2018)

Ainda em 2018, o Mestre Urso criou um grupo de WhatsApp reunindo os capoeiristas antigos de Uberlândia e região. A intenção era aproximar virtualmente o pessoal e quem sabe fisicamente também. Houve inclusive um evento presencial de encontro. Mestre Urso sempre teve um destaque em liderança. Não à toa, ele se tornou mestre antes que muitos dos cordas pretas antigos. Louvo e reconheço sua iniciativa. Mas o problema são os outros. Acabei saindo desse grupo, pois havia discussões intermináveis. Às vezes eu ficava apenas algumas horas sem acessar e, quando olhava, tinha 1.000…1.500 mensagens. E um ponto interessante desse grupo foi reviver os sentimentos passados, tanto os bons dos amigos e reencontros, mas logo, logo também das diferenças e divergências, que levavam a essas discussões. Sentia o mesmo clima bélico de quando convivíamos presencialmente. Fiz uma postagem relembrando sobre o campeonato de música de 1998 e também uma sobre minha aparência atual (quantos quilos a mais… nessa condição o abadá não coube… Cadê o abadá, mestre? Alguém comentou). Postei também um dos primeiros caxixis diferentes que fiz, usando náilon de roçadeira vermelho.

Quando postei essa foto no grupo de Whatsapp, em 5 minutos o Mestre Urso me enviou mensagem no privado, falando que queria encomendar para um evento que ele faria. Eram várias unidades. Naquele momento, eu recusei. Não me sentia confiante para vender, apesar do apoio deles para mim: "põe preço!!!"… eu também não teria tempo para assumir compromissos (haha… ainda hoje continuo sem tempo..), afinal eu sempre fazia algum quando dava e por isso até hoje ainda não vendo. Acabei distribuindo muitas unidades para amigos e conhecidos, mas depois que já estavam prontas e normalmente sem opção de escolha (haha). Agradeço ao Mestre Urso pelo apoio e por acreditar em mim e me sinto em dívida com ele, pois ainda não tive a oportunidade de lhe oferecer um presente (nesse caso, um caxixi especial)… Mas tenho certeza de que isso ainda acontecerá, viu, Mestre Urso!

Formaturas dos Mestres: Bacoal, Gargamel e Tibirici (2019)

Em 2019, tive a grande alegria, mesmo estando distante física e emocionalmente, de ser convidado para a formatura do filho do Mestre Corisco — Mestre Tibirici. Essa é mais uma prova de que o trabalho do Mestre Corisco e seu nome serão levados para a posteridade, de que a semente germinou e dá seus frutos (como dizia a música do Mestre Boa Voz sobre a partida do Mestre Pastinha). Participei do evento fechado, rendi minha homenagem ao grupo através de sua presidente, Mestra Miúda (presenteei com um caxixi especial, vermelho). Homenageei os formados com caxixis exclusivos e com minhas falas (como sempre foi nos eventos), e ainda fui ao evento aberto no outro dia antes de partir de volta para Belo Horizonte, acompanhando toda a alegria e energia

dessa roda de formatura. Pude rever e encontrar muitos amigos por lá, que me fizeram bastante feliz em ter essas lembranças.

Caxixis especiais feitos para Mestra Miúda (acima) e abaixo um para cada um dos mestres formandos: Tibirici, Gargamel e Bacoal. Esses foram alguns dos meus experimentos e descobertas no artesanato, utilizados para homenagear os mestres com peças únicas. No evento de formatura, tive a oportunidade de trocar ideias com outros mestres sobre as técnicas para caxixi, e um deles foi o Mestre Paraíba. Quanto tempo, não é, Mestre Paraíba!

Mestra Miúda à frente, seguida por (esquerda para direita): Mestres Bacoal, Tibirici e Gargamel, na parte fechada da formatura de Mestres na sede da ASCAU.

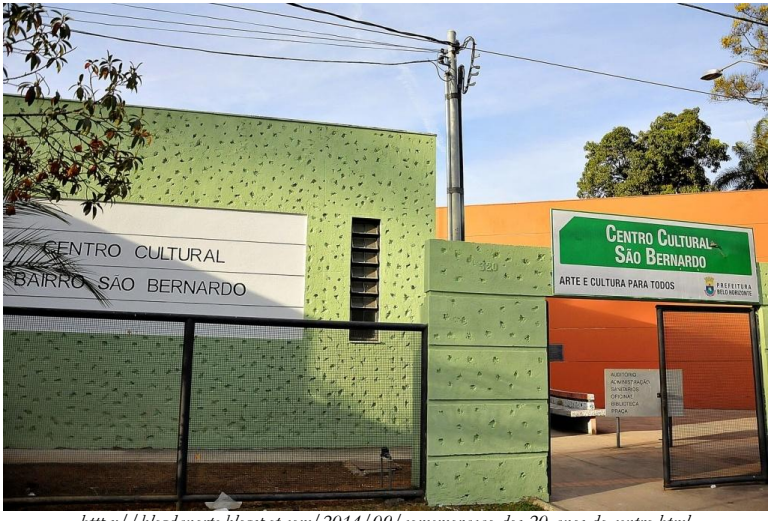
Formatura de Mestres da ASCAU, parte festiva e aberta no dia seguinte à formatura no teatro da CDL em Uberlândia.

Foto dos mestres presentes à cerimônia pública de formatura dos Mestres da ASCAU em 2019: Mestre Tibirici, Mestre Gargamel e Mestre Bacoal, com todos os méritos. Estou na esquerda, do meu lado o Mestre Pudim e o Mestre Calango.

8 Um Recomeço em BH

Relembrando que a Capoeira Está no Meu Sangue

Em meados de 2018, após uma crise de sinusite que me deixou bastante mal, estava em recuperação e fui a uma farmácia Araújo no Bairro Planalto em BH, que fica a uns 3 km da minha casa. Fui com a Tete (minha esposa) a pé, já que tinha ficado deitado uns 2 ou 3 dias me recuperando. Fui buscar alguns remédios. Na volta, ela me disse que no centro cultural do Bairro São Bernardo havia capoeira nos dias de sábado de manhã (era esse o dia). Resolvemos passar por lá.



https://blogdanorte.blogspot.com/2014/09/comemoracao-dos-20-anos-do-centro.html

De fato, havia capoeira e nos sentamos em umas cadeiras no fundo do salão. Era capoeira de angola com o Mestre Rene (Grupo Camujerê BH). Ele estava treinando o pessoal no som para uma roda. Articulando a sonoridade, chamando a atenção, até que a bateria se alinhou e manteve o ritmo. Nesse momento, ele puxou uma música que me tocou profundamente:

"Manda leco, cajuê.
Manda-loia, cajuê… Bis.
(Coro)"

O coro é utilizado repetitivamente para sustentar o ritmo da roda, reforçando a energia coletiva e a participação dos presentes no jogo.

"Camugerê, cumo tá cumo tá
Camugerê (coro)
Como vai vosmicê:
Camugerê (coro)
Como tá de saúde
Oi pra mim é prazer"

A cantiga funciona como um cumprimento ritual na roda, reforçando respeito, cordialidade e a oralidade característica da tradição da capoeira.
Cantigas de capoeira. Autor não identificado (tradição oral). Registro tradicional da capoeira baiana. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

Mestre René e o Grupo Camujerê BH. Fotos do Instagram do grupo dele.

Uma lágrima simplesmente escorreu pelo rosto… A Tete (minha esposa), ao ver, me perguntou o que era aquilo… acho que não respondi. Eu sentia falta da capoeira, da capoeira dos anos de 1990, do meu Mestre Corisco, de todo o Grupo ASCAU e também da alegria que a capoeira me trazia com sua sonoridade. E o som da angola me tocou profundamente, senti um misto de alegria e tristeza.

Conhecendo o Mestre Pantera do Arte Minas Capoeira

Poucos dias depois, Tete e eu estávamos fazendo uma caminhada na Av. Saramenha. Vi um sujeito andando a passos lentos, vestido de abadá completo e com corda vermelha, chupando um picolé. Não resisti e perguntei a ele se ele era capoeirista e onde treinava. Ele me disse ser mestre do grupo Arte Minas e que treinavam no centro de saúde do São Bernardo (também próximo da minha casa!, nesse caso uns 500 metros). Depois soube que já treinavam lá há mais de 10 anos… Estava do meu lado e não vi ou não soube. Poderia já estar treinando há uma década… ou melhor, poderia nunca ter me afastado da capoeira, mas aí já era tarde, não é mesmo?… O tempo não para e, nesse caso, o tempo já havia passado.

Ponto do primeiro encontro que tive com o Mestre Pantera em BH.

No retorno da caminhada, passei na academia dele, e já estavam todos na roda. Ele me falou para entrar na roda e me pareceu um dos graduados dele quem me chamou para jogar, já que ele tocava o berimbau. Eu não devia, pois já eram mais de 10 anos sem qualquer movimentação, mas não resisti e joguei. Minha avaliação é de que, no mínimo, despertei curiosidade sobre quem eu era. Por outro lado, foi um grande risco, principalmente depois que soube que quem jogara comigo era um dos mais encrenqueiros e batedores do grupo Arte Minas naqueles dias. (LINK)

Experimentando Treinar após um Hiato de 13 Anos

Após essa ida à roda do Mestre Pantera (BH) do Arte Minas, resolvi tentar voltar. Sempre vi a capoeira como uma tribo com seu cacique. Pela experiência, não era conveniente chegar e tentar me impor como mestre, então me portei como aluno. Como ninguém me conhecia, fui um estranho na multidão (às vezes essa é uma boa sensação, e isso é bem típico de grandes cidades), afinal era uma experiência para ver se conseguiria retornar aos treinamentos após mais de 15 anos afastado de atividades físicas intensas.

Quando vim para BH, eu me deslocava na região metropolitana em outros laboratórios na cidade de Contagem e em Juatuba. Às vezes eu me deslocava nesse roteiro duas a três vezes por dia para buscar peças e reagentes químicos. Além disso, passei a viajar muito pelo Brasil e inclusive para o exterior (estive na Europa por três ocasiões em visitas técnicas: Portugal, Itália, Suíça, Alemanha, em 2009, 2011 e 2012). Essa rotina sem horário, aliada à noção de que tudo era longe, acabou me afastando de qualquer treinamento. A partir de 2014, passei a fazer caminhadas como alguma atividade física, pois mesmo academias não deram certo pelo horário (e pagava o plano de 1 ano e ia 6 meses). Então esse encontro em 2018 poderia ser apenas temporário e por isso não criei nenhuma expectativa.

O local de treinamento era um salão de um posto de saúde durante o dia e tratava-se de um projeto social com mensalidade simbólica (R$20). Eram poucos praticantes em apenas um horário de 20h às segundas, quartas e sextas. Logo nos primeiros dias, o Mestre Pantera havia recebido uma doação de um rolo de corda, e o modelo dele era bem diferente. Não tinha um evento, ele simplesmente saía colocando cordas nos novatos. Na visão dele, eu seria um desses, mas quando ele me ofereceu a corda, eu neguei, dizendo preferir ficar sem corda. Ele achou estranho, fez uma cara feia, mas aceitou. Eu precisava da capoeira, do espaço e de tempo, mas não poderia negar quem sou e a minha história. Não era a hora de contar toda a história.

Eu era aluno, mas de vez em quando eu me entregava, como no primeiro dia em que toquei berimbau. Ninguém havia visto alguém tocar daquela forma de perto, e todos, inclusive o Mestre Pantera, ficaram me olhando com certo olhar assustado. E eu tocando freneticamente, em transe.

O Grupo Arte Minas Capoeira do Mestre Pantera em BH era bastante reduzido, mas animado. Talvez essa foto represente 80% de todo o grupo, que na verdade estava se reconstruindo. As coisas não mudam mesmo. Quem já praticou capoeira por muito tempo, já viveu os altos e baixos das academias e grupos. Há momentos em que pensávamos que tinha acabado mesmo. Logo em seguida, renascia e crescia em praticantes exponencialmente… Ciclos da capoeira, como ciclos da própria vida.

Treino de toque e cantigas de capoeira. O Mestre Pantera gostava de falar muito. Contava muitas histórias. Creio que ele começou na mesma época que eu, então passou por muita coisa.

Lesão Grau 2 na Coxa Direita

Voltei a treinar aproximadamente no final de junho de 2018 e em agosto tive uma lesão bem séria. Nesse pouco mais de um mês, eu já estava me sentindo confiante novamente, e ao fazer uma bananeira com chicotes com as pernas, tive uma lesão grau 2 próximo ao joelho direito. Lesão grau 3 é o rompimento total do músculo. Fez um barulho e achei que tinha quebrado o joelho. A dor foi tão forte e intensa que até mudei de cor de tanta dor. Todos na academia ficaram assustados. Fui para casa, apliquei gelo e uma faixa de Salompas. A dor foi melhorando e apenas 2 dias depois percebi a dimensão do estrago: um roxo que tomava toda a minha coxa. Como a dor foi passando, eu fiquei de repouso e segui. Mas em outubro eu não conseguia fazer certos movimentos e só aí fui ao médico para um diagnóstico e tratamentos corretos. Ele me explicou sobre a lesão e disse: "Mas você viu um roxo desse tamanho (pela foto) e não pensou que poderia ser uma coisa grave, não?". Fiz cara de paisagem. O tratamento foi mais de 50 sessões de fisioterapia, que realizei de outubro de 2018 a março de 2019.

Lesão grau 2 na coxa direita. É, o corpo não pode parar. Se parar e desacostumar com a movimentação e intensidade, o retorno fica cada vez mais difícil. Além disso, há a frustração de já ter estado no topo do domínio físico e, com a idade, o envelhecimento, o peso, já não é mais possível retornar aos tempos de glória.

O Despertar do Artesão

Eu havia dominado meu vício pela capoeira de 2006 a 2018, mas esse breve retorno já foi suficiente para reacender minha paixão pela capoeira. Entretanto, essa lesão foi bem desanimadora. Naquele

momento pensei: "se não posso ou não tenho condições de jogar, vou me dedicar aos outros segmentos da capoeira… a música, mais especificamente aos instrumentos". Foi aí que me descobri um "Luthier da Capoeira" e um artista, que detalharei em outro livro. E o começo dessa nova jornada foi uma coisa simples e despretensiosa que aprendi no passado e naquela ocasião não dei tanta importância: o caxixi. A partir daí, me desenvolvi autodidatamente e, no momento, o único instrumento da capoeira que não construí foi o atabaque (em que pese já ter comprado ferramentas e materiais para fazê-lo). Vou descrever essa jornada do artesão no próximo capítulo.

Evento Arte Minas em Mateus Leme (BH): Mestrando Leogalo

Quando retornei em março de 2019 para o ArteMinas, aprofundei os treinamentos. Frequentemente tínhamos visitas do professor Juninho e contramestre Cigano (alunos do Mestre Calango, de Venda Nova-BH). Tínhamos jogos interessantes. Eles jogavam bem o floreio e eram super tranquilos. Um aluno de quem me aproximei bastante foi o Raiz (corda laranja). As graduações nesse grupo (Arte Minas) seguiam um padrão diferente da ASCAU, sendo a sequência dada na figura:

Sistema de Graduação do Arte Minas BH. Cordas tingidas.

Em agosto de 2019, o Mestre Pantera realizou um evento de batizado e troca de cordas em Mateus Leme, organizado pelo Contramestre Leo Galo (filiado ao grupo). Foi um evento pequeno, basicamente com os integrantes do Arte Minas em BH. Ao final do evento, que transcorreu sem problemas, nos foi servido o almoço (tradicional na capoeira) para retornarmos para BH. Nesse evento, o Leo Galo recebeu a graduação de Mestrando (corda marrom-vermelha).

Nova Redenção: Reafirmação e Reconhecimento como Mestre de Capoeira

O Raiz morava em direção à minha casa, que ficava a uns 500 metros da academia, e depois dos treinos sempre íamos juntos até lá e depois ele seguia. Ele era um capoeirista bem apaixonado pela arte e muito dedicado. Sabia tocar berimbau e fizemos bons sons, animando as rodas. O Raiz sempre me falava que tinha alguma coisa em mim no grupo que não estava combinando, querendo saber mais sobre a minha história, e eu sempre desconversava para não ter problemas.

Por volta de meados de 2019, o Mestre Pantera definiu que em breve haveria batizado e todos pegariam cordas. Entendi isso como uma mensagem para mim. Pensei: "Chegou a hora de conversar sobre o meu passado. Será um ou vai ou racha. Ou ele me aceita como formado Mestre da ASCAU ou chegou ao fim minha nova incursão na capoeira".

Enviei mensagem para o Mestre Pantera solicitando que ele chegasse mais cedo na academia, pois queria falar com ele antes dos treinos. Cheguei lá e ele já estava. Falei da minha trajetória na capoeira, desde 1988 até 2006, minha vinda para Belo Horizonte e sobre a minha formatura. Levei minhas fotos de capoeira. Falei da ASCAU e do Grão-Mestre Corisco. Nisso, o pessoal já foi chegando para o treino e ele me chamou para irmos para o salão. Não falou nada nessa hora. Treinamos normalmente, ele me deu mais espaço e, ao final, disse para o pessoal que tinha uma coisa importante para falar. E ainda fez um suspense, foi ao banheiro, bebeu água, trazendo certa dramaticidade e curiosidade para todos. Ele sempre gostava de falar, contar histórias, às vezes ficava meia hora até uma hora falando. Nesse dia, ele falou sobre a capoeira, sobre os caminhos que as pessoas seguem e, após uns 10 minutos, falou: "O Sapulha tem uma coisa para falar para todo mundo sobre a história dele". Eu me surpreendi e disse: "Como vocês já devem ter percebido, eu tenho uma história com a capoeira. Já treinei muito. Comecei em 1988 e fui até 2006". Aí o Mestre Pantera falou: "Fala, sua corda", e eu respondi: "No meu grupo original, a ASCAU de Uberlândia do Mestre Corisco, as cores das cordas eram: branca, amarela, azul, verde, roxo, marrom, preto e vermelha e eu sou corda vermelha". A turma toda aplaudiu, gritou, assobiou. O Raiz pulava e dizia: "Eu sabia, eu sabia, eu sempre soube que tinha alguma coisa errada com você".

E todos me abraçaram. O Mestre Pantera passou a me tratar como Mestre (associado ao grupo) e disse para usar a corda. Resgatei minha corda original, mas o efeito dos anos a deixou bastante curta e o Mestre

Pantera me presenteou com uma corda vermelha para meu novo tamanho. Eu mesmo trançei e tingi algumas cordas vermelhas com tamanhos, espessuras e materiais diferentes depois (mais uma técnica dominada). Fiquei surpreso com a acolhida do grupo e tentei retribuir com o que pude (mas foi uma jornada bastante curta, vocês verão):

Exercitando o Artesanato na Capoeira: Inovar é Preciso

Aceitação e reconhecimento como Mestre também no Arte Minas. Os logos estão invertidos, pois utilizei essa foto para transferir para MDF, fazendo um quadro que presenteei ao Mestre Pantera.

- Presenteei o Mestre Pantera com um berimbau completo, incluindo um dos primeiros caxixis da minha nova incursão nesse segmento;
- Reformei os caxixis quebrados do grupo e de outros grupos. O Casal me levou uma sacola de caxixis do Grupo de Capoeira Angola Dobrada e consegui recuperar todos. Recuperei cabaças quebradas também. Acho que essa de recuperar cabaças foi uma homenagem ao meu primeiro berimbau;

- Reformei os berimbaus do grupo;

- Fiz um suporte para berimbaus, em uma das minhas incursões pela reciclagem, mais agogô de sapucaia e reco-reco de bambu;

- Reformei um suporte para um atabaque pequeno;

Aqui vemos mais uma reciclagem: uma estrutura de cadeira reformada para servir como suporte para um pequeno atabaque.

- Fiz uma oficina de caxixi, em que cada um do grupo saiu com seu caxixi após fazê-lo. Mas ninguém mostrou interesse em desenvolver a confecção de caxixis. O Mestre Pantera se interessou pelas miniaturas depois e até me solicitou algumas para presentear em eventos que ele foi fora de BH.

Preparação de kits para a oficina de construção de caxixis.

Evento do Arte Minas Capoeira em BH (2019)

- Patrocinei uma caixa de medalhas (100 unidades) e troféus artesanais (basicamente caxixis com fitas em uma base de MDF ou CDs… a criatividade é tudo, principalmente para os que têm pouco). No final de 2019, realizamos um evento na academia e pude ver de perto o círculo de relacionamento do Mestre Pantera. Foi uma grande festa. Houve um breve campeonato, em que atuei

como juiz, conduzi a roda, toquei, cantei. Não houve confusão, o pessoal respeitava bastante o Mestre Pantera e, pelo que ele dizia, em anos anteriores disputava lutas de MMA tendo respeito de todos.

Para a premiação do evento, comprei 1 caixa de medalhas. O Mestre Pantera me solicitou para fazer caxixis em tamanhos diferentes, que ele fixou em CDs como base, fazendo assim os troféus dos vencedores do campeonato promovido pelo Arte Minas em sua sede no Bairro São Bernardo em BH.

Participantes do evento. Ao final, fomos todos premiados. Nessa ocasião, o grupo recebeu visita de outros grupos, próximos ao Mestre Pantera. Foi um som muito bacana, com energia e muito respeito. Jogo bonito e jogo ligeiro. Uma festa!

Vi na capoeira do Arte Minas algo muito próximo do que encontrei quando me iniciei na capoeira, em 1988. Tribal, contido por um chefe (cacique, líder centralizador), mas com pessoal arisco querendo testar limites e fazer seus nomes. Ainda bem que todos se mantiveram contidos nessa grande festa.

Covid foi Devastadora para o Arte Minas Capoeira: Fim do Grupo

Poucos meses se passaram e chegamos a março de 2020 e à pandemia de Covid. O espaço foi fechado e o *lockdown* vigorou. Todos em casa. Quando a pandemia acabou, não havia mais o salão do posto de saúde. Aquele posto era antigo e o salão originalmente era uma grande caixa d'água. A prefeitura de Belo Horizonte demoliu o posto e reconstruiu em formato padronizado, agora sem o espaço ou sem possibilidades de cessão do espaço como era anteriormente.

Nos primeiros meses, passamos a treinar na Praça Padre Lage (mais próximo ainda da minha casa, 100 metros) enquanto o Mestre Pantera buscava outro espaço. Mas isso não funcionou. Não ter banheiro ou vestiário era bem ruim e o melhor local na praça para a prática da capoeira acabava levando à disputa por espaço com o pessoal do basquete, que tradicionalmente já jogava ali. Eu via com certa preocupação para atritos. Mas, no final, acabamos fazendo rodas por alguns meses. Lembro-me de que, na última delas, recebemos a visita do Mestre Calango (Venda Nova) e seus alunos e fizemos uma roda bastante animada. Ao final, eu presenteei o Mestre Calango com um pandeiro quadrado/pele de garrafa PET que havia feito. Ele ficou bastante grato e feliz com o presente.

Mestres Pantera e Calango (ambos de BH) em roda na Feira Hippie, na altura do Parque Municipal em BH.

As rodas acabaram. O pessoal do grupo Arte Minas foi se afastando, logo o grupo de WhatsApp ficou mudo e excluído. De vez em quando, eu ainda encontrava o Raiz e falávamos em juntar para fazer um som (o Raiz me lembrava muito a relação de amizade e companheiros de capoeira que tive com o Chumbada, 1,2 , Gasolina, Bifão). Passei a encontrar o Mestre Pantera apenas casualmente nas ruas da cidade, na feira hippie e sempre era a mesma conversa: "precisamos nos encontrar para fazer um movimento, fazer uns sons", mas isso nunca mais aconteceu e assim o Arte Minas acabou (se for o caso, terá de recomeçar do zero, novamente e apenas a partir do Mestre Pantera).

O Mestre Pantera tinha um canal no Youtube (LINK) e também no Instagram (LINK) com fotos e vídeos do grupo. Eu inclusive estou em alguns vídeos e fotos jogando, tocando ou cantando.

Treinamentos na Praça Padre Lage, no Bairro Heliópolis, em BH, em 2020, marcaram o fim do Grupo Arte Minas Capoeira do Mestre Pantera.

O que acabou acontecendo pelo meu retorno à capoeira na roda em junho/2018, passando pela lesão, pelos treinos, pela pandemia e por essa despedida, é que fui me vendo mais como um artista da capoeira do que um atleta capoeirista. Isso se deve principalmente ao fato de que o corpo simplesmente não vai, não responde. E a mente ainda continua achando que dá. O envelhecimento do corpo, o processo de engorda (hoje sou 30 kg mais pesado do que era no início da capoeira) e a solidão quanto às companhias de jogo naturalmente me direcionaram para um local onde ainda estou na capoeira (sendo na minha cabeça). Posso explorar minhas habilidades recém-descobertas para a arte e música, que, afinal, novamente reforça aquilo que me fez diferente, o meu diferencial: conhecimento e sonoridade. Além de paciência e persistência, é claro.

Gupiara Instrumentos e Feira Hippie

Meus contatos físicos e presenciais com a capoeira hoje ocorrem basicamente na loja do Fernando (Gupiara Instrumentos Musicais) e na Feira Hippie de BH.

Roda do Grupo de Capoeira Angola Dobrada — Mestre Iran (destaque) na Feira Hippie BH. Essa acontece uma vez por mês. O Mestre Iran é um grande capoeirista, sempre que o encontro é uma conversa animada sobre nossa paixão pela Capoeira.

Outra roda na feira, em outro ponto. Agora do Mestre Manso de Santa Luzia. Essa é toda semana no mercado das flores (Av. Afonso Pena com Bahia). Nesse caso, eles não me conhecem. Eu apenas passo e admiro a roda deles, que é sempre muito animada. Em miniatura à direita: caxixis para angoleiros para os Mestres Manso e Iran.

De azul e bermuda jeans, Fernando (dono da barraca na feira e da loja Gupiara Instrumentos Musicais, a única de BH dedicada a instrumentos de capoeira) e tocando berimbau está o Mestre Pelota, um dos precursores da capoeira em Belo Horizonte (se não me engano, desde a década de 1960 e ainda na ativa). Passo sempre por lá e tocamos os berimbaus e pandeiros. Esses dias atrás, tinham 3 berimbaus com sons fantásticos. Mesmo com mais de 30 berimbaus em casa, tive vontade de comprá-los. Leves, potentes, sonoros. Mas resisti. Deixei para que outros, com mais necessidade, os levassem para casa. Tem dia que, ao chegar na barraca, o Fernando já me entrega a baqueta e o dobrão por saber que vou tocar. O pessoal sempre passa, olha, alguns param, outros filmam e tiram fotos. Às vezes aparece um capoeirista e pega um pandeiro e o som vai se formando. Nesse dia, eu estava tocando sozinho, antes do Mestre Pelota chegar, e uma criança parou e ficou olhando, hipnotizada pelo som. Conversamos um pouco, o Fernando me incentiva muito a desenvolver minhas habilidades. Um dia eu disse estar com muitas peças em casa sem o que fazer com elas e ele disse: "traz para cá que a gente vende tudo…". Está aí uma boa ideia: quando me aposentar, vou fazer peças e já tenho onde vendê-las. Ao longo da minha jornada de artista, sem saber, Fernando me auxiliou no início, com dicas, me forneceu material e se mostrou muito altruísta e generoso compartilhando seus conhecimentos.

Caxixão para o Mestre Pelota, um dos precursores da Capoeira em BH: Processo de fabricação e entrega.

Loja do Fernando, próxima à rodoviária de BH. Contato e localização: LINK. Estamo estudando fazer o Maior Caxixi do Brasil (quiçá do Mundo) e colocar na Loja. Será mais um elemento para fotos pelos capoeiristas que passerem por lá, espalhando nossa Arte. Isso deve acontecer até o final do ano de 2026

Encontrado o Grão-Mestre Dunga na Lagoa do Nado em BH

Mas a vida é interessante e sempre estamos em encontros e desencontros.

Em meados de 2025, estive fazendo caminhadas no Parque Lagoa do Nado. Ele fica próximo da minha casa em BH. Nesse casarão, no parque, tem sempre uma

exposição com instrumentos de capoeira, religiosidade negra, cultura indígena. Ela acontece e sempre retorna. Eles fizeram uma atualização em 2025, expondo as origens da capoeira em Belo Horizonte. Eu estava em uma sala e ouvi alguém dedilhando um violão e cantando algo que parecia cantigas de capoeira. Fui para a sala onde essa pessoa estava sentada, olhando as paredes. Quando olhei de forma mais atenta, quem estava ali? Grão-Mestre Dunga! Dedilhando o violão, cantando sozinho (havia uma mulher e um mestrando com ele em outra sala).

Eu o cumprimentei e começamos a conversar rapidamente. Ele me ouviu, falei-lhe da ASCAU, do Mestre Corisco e de mim. Ele foi extremamente atencioso e educado comigo. Em uma conversa de 5 minutos, já pude sentir a irmandade que a capoeira promove e fiquei com vontade de conhecer a sua academia (a famosa senzala no Bairro Padre Eustáquio). Uma pena que eu estava sem celular, aí tive de recorrer à internet para inserir sua imagem e render-lhe essa homenagem. Nos vídeos em VHS tinha um recorte com ele jogando em 1988 em um encontro de capoeira em Ouro Preto (MG). Ele era a lenda viva e sempre o carreguei no imaginário. Então, conhecê-lo pessoalmente foi para mim um grande acontecimento. Ele é bastante estiloso, exala capoeira/história de vida/filosofia.

9 Uma Nova Jornada: A Arte do Caxixi e a Descoberta do Capoeira-Artista

A Motivação

Uma colega de trabalho, Jane, havia me solicitado para fazer um berimbau para o filho dela, que estava aprendendo na escola na aula de educação física. Outro colega de trabalho, que no passado praticava artes marciais japonesas, incluindo com domínio da espada (Kendô), havia se iniciado na capoeira angola com o Mestre Iran (cuja academia é no Bairro de Santa Tereza em BH). Em nossas conversas, eu vi nesses pedidos uma chance de desafio e oportunidade de desenvolver a fabricação de berimbaus novamente. Mas aí ficou uma questão: berimbau sem caxixi não dá, fica incompleto. Ah. Tinha também o Mestre Pantera, então seriam 3 peças a serem fabricadas.

Um pouco antes, eu havia comprado pandeiro de couro, agogô e reco-reco no mercado central de BH, na loja do Buda, para compor o meu acervo que já era bem extenso para alguém fora da ativa. Já tinha 1 atabaque, mais de 30 vergas, 45 cabaças preparadas, 2 pandeiros, uns 5 caxixis. Bem, o fato é que sempre fui um acumulador, quando se trata de instrumentos de capoeira. Pensei em comprar mais esses caxixis com o material para completar os conjuntos dos 3 berimbaus. Mas naquele momento senti algo estranho e uma voz lá de dentro: "Por que comprar? Faça! Não sabe? Aprenda!". Recomecei fazendo berimbaus e caxixis. Achei tão relaxante fazer caxixis. Logo a seguir veio a pandemia e ficar em casa sem fazer nada abriu espaço para a criatividade.

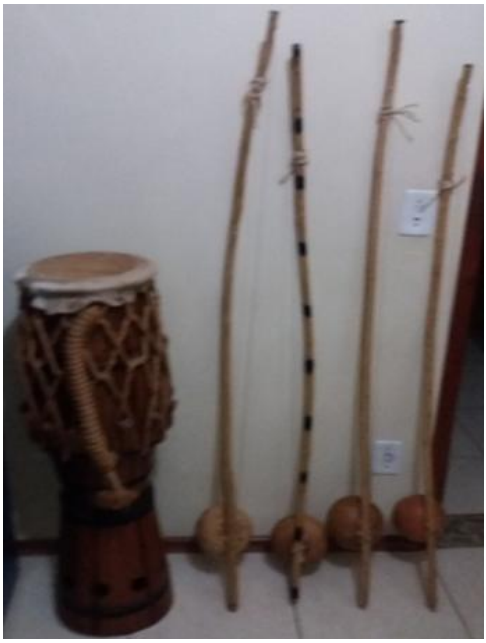
Assim, se não fossem meus primeiros conhecimentos na década de

1990, minha satisfação com as leituras, meu afastamento da capoeira e retorno, minha lesão e a pandemia, talvez eu não teria enveredado por esse caminho. Às vezes é assim na vida: nem tudo é uma construção, um plantar e colher. Às vezes, o acaso se manifesta e muda nossos caminhos. A minha veia artística foi uma descoberta do acaso que só se manifestou por uma série de acontecimentos anteriores.

O Início: 2018

Esse foi o início. Comprei material para fazer 4 berimbaus. Muito rapidamente pensei: preciso de ferramentas, afinal, não se faz nada sem elas. E de lá para cá, comprei muitas ferramentas…

Tudo começou assim. Fui fazer 3 berimbaus de presente e pensei: mas berimbau sem caxixi não é completo. Mesmo que para as pessoas isso não fizesse diferença, eu não consegui dar o presente sem antes aprender e fazer os caxixis para completar o conjunto. Esse foi o primeiro caxixi que fiz nesse retorno à capoeira. Dos que fiz na década de 1990, eu ainda não havia conseguido dominar a arte, pois o fechamento não estava legal. Esse aqui deu um trabalho para fazer, foram mais de 6 horas em um único caxixi.



Um era para o filho de uma colega de trabalho (Jane). Outro para um amigo que também trabalhava comigo e havia começado a fazer Capoeira Angola no Grupo do Mestre Iran em BH. E o terceiro era para o Mestre Pantera do Grupo Arte Minas de BH, onde eu estava treinando, quando tive a lesão na coxa. Ah… e o quarto era para mim, mais um para a coleção, mas que virou o berimbau de treino.

Em Busca de Material: Muitos Desafios

Com essa decisão, fui à busca de material. Fui novamente à loja do Buda que nesse momento já tinha fechado. Encontrei outra loja, de uma pessoa que veio a se tornar um grande amigo, o Fernando da Loja Gupiara Instrumentos. Essa loja fica na Av. Olegário Maciel, bem próximo da rodoviária de Belo Horizonte. Comprei as vergas, arame, cabaças, dobrões, baquetas e, com uma conversa, ele me arrumou também um feixe de cipó. Não só isso. Em nossas conversas, me deu dicas e incentivos para eu desenvolver essa arte. Evidentemente, tratava-se claramente de um passatempo. Contei a ele sobre minha história e conversamos bastante sobre capoeira. Ele se tornou fornecedor para muitos dos materiais que usaria, assim como indicava fornecedores para os que ele não tinha. Eu comprava também para levar para o Pantera (Uberlândia), CDs e outros materiais. Também indiquei a loja para vários outros amigos e mestres de fora de BH.

Aqui tem um pouco de cipó. Uma mistura do que consegui na década de 1990 e em 2020. Fazer caxixi é uma terapia relaxante. Naquele momento, se pensa apenas: por dentro, por fora… infinitamente e isso é viciante e absolutamente relaxante. Pensei que gostaria de fazer muitos caxixis, mas a dificuldade em se encontrar material natural me despertou para a inovação e experimentação, fazendo testes com outros materiais.

Logo, logo cheguei ao material chamado de junco sintético ou fibra sintética, muito usado para fazer cadeiras e outras peças de artesanato. Tive um processo de aprendizado para descobrir o que funcionava melhor (no meu caso, são fios de 3 ou 4 mm e meia-cana de 6 mm) para caxixi. Como ao longo desse processo comprei muito material que acabou não funcionando tão bem para caxixi, tive que explorar outras peças para conferir utilidade a eles. Foi uma saga encontrar as lojas para comprar. Inicialmente, tentei nas lojas no centro de BH e em Venda Nova. Conversei com um e outro e, por fim, cheguei pela Internet (coisa maravilhosa essa internet!).

Primeiros Instrumentos (berimbaus e caxixis) em 2019

Berimbaus e caxixis prontos. Dá para notar que os caxixis ainda não estavam perfeitos, mas funcionavam. Das cabaças: fiz uma vermelha para o Mestre Pantera, uma amarela e preta para o angoleiro e uma com as cores das cordas da ASCAU para a criança. A vermelha com adesivo foi para mim.

Primeiros caxixis da minha redescoberta sobre como fazê-los.

Fazer os primeiros caxixis foi um desafio, levei mais de 6 horas em uma única peça. Eu me lembrava das orientações do Mestre Corisco quando fiz o meu primeiro, mas não me lembrava e nem havia desenvolvido o fechamento. O trançado do corpo é relativamente óbvio e natural, mas o fechamento exige certo aprendizado. Então passei a ser mais curioso, buscava sites e vídeos na internet e Youtube… ser autodidata hoje é relativamente fácil… está tudo lá, com certa dose de paciência encontramos e descobrimos muitas coisas. Às vezes sai errado, não sai de primeira, mas com paciência e persistência (isso eu sempre tive) as coisas acabam dando certo. Não sem antes passar por certo caos. Os outros caxixis já foram ficando mais fáceis e levaram menos tempo.

Meus Presentes Favoritos a Partir de Então: Cabaças

Após a minha descoberta como luthier e artesão, o melhor presente é ganhar cabaça…

Presente do meu cunhado, Netão… Essas cabacinhas pequenas são extremamente duras e exigiram que eu criasse finalidade para elas, além da capoeira, destravando o artesão: miniaturas de berimbau, pandeiro, atabaque e chaveiros.

À esquerda, presente do meu irmão (só uma parte, tinha mais). À direita, presentes o Mestre Gasolina em 2025. Da cabaça nada… absolutamente nada se perde. Eu distribui uma parte: dei uma cabaça para cada um da academia para que fizessem seus berimbaus; um saco para o Mestre Pantera e outro para o Casal e o Mestre Iran do Grupo de Capoeira Angola Dobraba de BH.

Essa foi uma ex-estagiária de engenharia quem me deu, juntamente com outras cabaças de tamanhos variados. Bem, se o pessoal no passado me dizia que a capoeira era primitiva, nada melhor do que um Sapulha ao estilo Capitão Caverna… Não consegui fazer nada como ela e a deixei dessa forma, como uma lembrança.

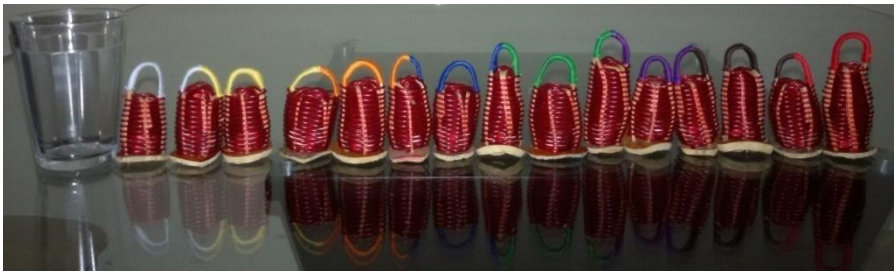
Ah… mas não se pode esquecer de que presente para capoeirista é berimbau!!! Um presente em 2020 do meu amigo Professor Pantera da ASCAU. Ele é para mim uma referência também em instrumentos e artesanatos. Esse berimbau é todo trabalhado na pirografia. Uma obra de arte inestimável. Conversamos sobre ideias e novidades para artesanato e ele até me deu uma forma de ripa para atabaque (que ainda não consegui me organizar para fazer, já que é muito trabalhoso).

Caxixis: Uma Saga que Parece Não Ter Fim

O incrível nessa jornada de descoberta sobre a confecção de instrumentos é que percebi que fazer caxixi é algo extremamente relaxante. Muito, muito, muito relaxante mesmo. Trançar, ficar horas e horas pensando unicamente em: "passar por dentro da guia, passar por fora da guia, passar por dentro, passar por fora, passar por dentro, passar por fora". Profissionalmente, eu estava vivendo um momento conturbado e que exigia uma válvula de escape, que encontrei fazendo caxixis. Mas aí surgiu uma preocupação: o cipó é um material extremamente difícil de encontrar e os fornecedores são muito limitados. Então, como me dedicar a fazer trançados sem material? Foi aí que descobri as fibras sintéticas. Inicialmente, em anúncios na internet de caxixis desse material ao invés de cipó. Comprei alguns rolos de fibras. Como tenho um espírito inovador, passei também por teste usando vários materiais: couro, fibras, fio para roçadeira, arames e tudo mais que pudesse ser trançado. Claro que muita coisa deu errado. Ah… para a base testei outros materiais além de cabaça: plástico, fundos de garrafa, fundos de latinha, MDF, papelão…

Aqui está a minha coleção de caxixis. De todos os testes que fiz, o primeiro mantive comigo. Chamo-os de testemunhas. Guardo como lembrança do teste e também para reproduzir, se for o caso. Foram muitos testes usando os diversos materiais possíveis. Fundos de MDF, garrafa PET, latinhas. Sementes variadas: contas de lágrimas, pau-brasil, tento, sementes de fruta do conde e outras. Usei também missangas e material sintético para substituir sementes. A criatividade não tem limites… Poderiam ainda haver testes a serem feitos. Mas todo esse caminho me levou a dominar o caxixi. De tudo o que já fiz, ele é disparado o que fiz em maior quantidade. Foram milhares de peças distribuídas para amigos e conhecidos. Em primeiro lugar, não faria sentido eu manter todos eles comigo. Por outro lado, como havia pequenas imperfeições, decorrentes do próprio processo de aprendizagem, eu não me senti confortável em vender. E ainda, considerando que o universo me presenteou com esse dom, resolvi também distribuí-lo. Talvez um dia eu abra uma lojinha, ou ponha à venda na barraca do meu amigo Fernando na Feira Hippie de BH.

Caxixi usando náilon de roçadeira e miniatura de caxixi em formato de chaveiro (chamo: caxixiveiro).



Caxixiveiros... em náilon e uma coleção nas cores das cordas do Arte Minas.

Parte do processo criativo… nessa batelada foram mais de 200 caxixis.

Aqui foram vários chaveiros.

Esses aqui foram o início da miniaturização dos caxixis.

Nessa imagem, é possível verificar a miniatura que consegui. A dimensão da unha.

Chaveiros de caxixi e caxixis em miniatura… Alguns dos experimentos.

Miniaturas: chaveiros, pingentes, brincos. Nesse caso, as peças são menores do que a unha

do dedo mindinho. O Fernando me disse que essas peças são valorizadas e podem ser vendidas por valores maiores do que os próprios caxixis. Mas, por outro lado, são mais difíceis de se fazer. Um caxixi de material sintético pode ser feito em 10 minutos. Uma só dessas pequenas peças leva mais de 1 hora, ainda com ajuda de ferramentas. Sem as ferramentas necessárias, nem se consegue fazer.

Só os diferentões… Evidentemente, tem alguns que não funcionam.

Esse também é diferentão. Hoje me parece relativamente comum, mas no passado eu nunca havia visto uma peça igual. É um caxixi sem base, só trançado. A utilidade dele está em treinar berimbau utilizando sempre o caxixi, sem que isso interfira ou abafe o som do berimbau. Ele tem um som de sementes muito suave.

Fazer o caxixi foi a ponta do iceberg. Comprei ferramentas (sem ferramentas não é possível fazer nada!), materiais diversos, fibras em vários formatos (meia cana, fio e fita) e larguras (2 mm — 20 mm)… Era tanta coisa encaixotada no meu quarto de escritório que um dia minha esposa me disse: "Você não acha que está exagerando?" Pois é, havia exagerado mesmo. Mas agora que havia comprado, precisava fazer. Pensei em vender, mas ao mesmo tempo a minha premissa é de que eu produzia um artesanato, rústico e imperfeito e, por isso, não me sentia à vontade em vender (houve exceções: um conjunto de 30 chaveiros para o Tição e uma cestinha usada por porta-aliança em um casamento, por insistência deles, pois no primeiro momento eu daria de presente).

A grande maioria das peças que fiz até o momento foi distribuída para as pessoas e conhecidos. Talvez em algum momento no futuro eu passe a comercializá-las, mas até agora faço muitas pessoas felizes com esses presentes. Ainda em 2021, acabei levando uma leva de 200 peças para Araguari e as distribui. Um momento que me marcou foi quando levei para o Oripão/Mestre Moreno um caxixi vermelho e um chaveirinho de caxixi feitos com fio de roçadeira. Ele me agradeceu pelos presentes e disse: "Eu sempre sonhei em fazer a diferença para a capoeira, fazer algo diferente e você conseguiu fazer isso com essas peças".

Assim fiz: baquetas, dobrões, caxixis (pequenos, médios e grandes, retos, tortos, gordos, chaveiros, pingente -1 cm, brinco — 5 mm, gigantes — 1,5 m), recoreco (cano, madeira, bambu), agogô (castanha do Pará, côco, sapucaia), pandeiros (redondo, quadrado, com couro, com pele de PET), tamborim, tambor, Djembe, afoxé, maracá, tamborzinho japonês, shequere, pau de chuva, cestas, cestinhos, porta-caneta, porta-trecos…

Nessa imagem, a primeira iniciativa para fazer caxixizão (caxixi grande). Um colega de trabalho me disse: parece uma bolsa. Fiquei com isso na cabeça. Teve uma amiga que até me disse que se fosse uma bolsa estaria disposta a pagar uns R$ 200–300, só pela exclusividade e originalidade… fiquei com isso e mais à frente veremos também uma bolsa.

Caxixão… um caxixi grandão. Aqui está uma foto só dos grandes que produzi conjuntamente. O copo fica apenas para dar uma dimensão dos tamanhos envolvidos.

O da esquerda foi um presente para o Mestre Pantera (Arte Minas BH) e o da direita para o Mestre Iran (Angola Dobrada BH).

Esses foram para o Grupo Ginga (Mestre Agostinho) Contramestre Alex (BH).

Esse foi o maior que fiz até agora (25-out-2025). Mede 1,35 cm e era o maior tamanho em que se conseguiria transportar em um automóvel normal. Fiz para a ASCAU e presenteei a Mestra Miúda. No momento, estou planejando um caxixi de 3 metros de altura, que será para a loja do Fernando. Acredito que tornará o local um ponto para fotos dos capoeiristas que passarem por lá. Já avisei a ele que terá de buscar de caminhonete.

Um presente para meu grupo ASCAU e Mestra Miúda, Uberlândia. Tenho planos para fazer maiores em 2026. O tamanho desse vermelho acabou sendo limitado pelo que eu conseguiria transportar no meu automóvel, já que precisaria levá-lo de BH para Uberlândia.

Esses aqui têm 1,20 m e foram para a cidade de Cataguases: Mestre Filinho (Centro Cultural Corda Preta) e Professor Tico Preto (Abadá Capoeira).

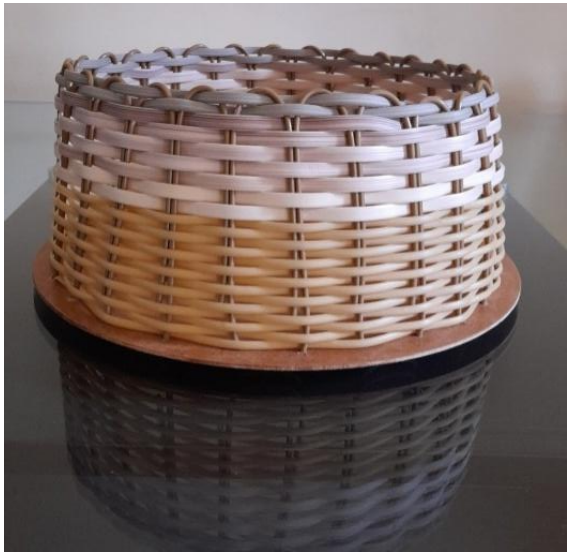
Conjunto de demonstração doado ao Mestre 90 e Mestre Pelota (BH) para o Museu da Capoeira (ônibus do Mestre 90: LINK). O Mestre Pelota o pegou comigo e foi pela feira hippie afora. Depois, ele me mandou um áudio dizendo que várias pessoas o pararam, querendo comprar o caxixi grande. Ele disse que ia vender em meu nome por R$ 1.500,00 e que eu já teria muitas encomendas… rsrsrs.

Experimentos Com Histórias/Estórias...

Além de instrumentos de capoeira, trançei e tingi cordas, criei quadros com azulejos e transferi fotos para madeira, cabaças e MDF. Em Belo Horizonte, tem a Galeria do Ouvidor, sendo simplesmente o paraíso do artesão. Tem muitas opções para quem tem curiosidade. A arte é como o pensamento, não tem limites. A minha existência também não tem limites.

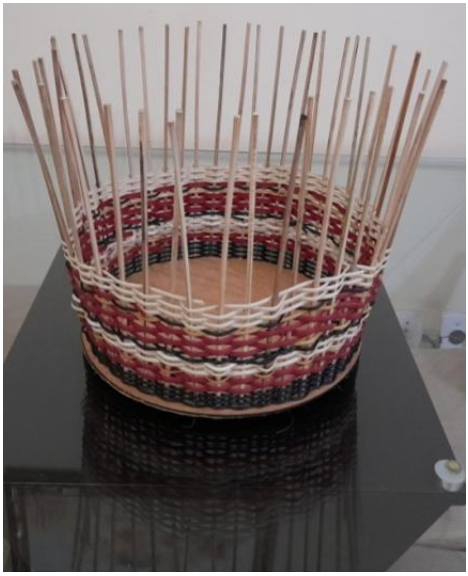
Com a mesma técnica do caxixi, é possível também fazer cestos, porta-trecos de tamanhos variados (acima, um porta-canetas). Acabei explorando essas vertentes de forma a descobrir aplicações para fibras que não funcionavam para caxixi.

Sugestão da esposa: porta-guardanapos.



Fruteira.

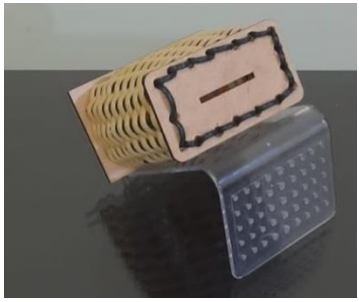
Aqui eu já estava na fase de fazer coisas maiores. A gente faz e faz peças e o tal do material sintético não se acaba.



E esse aqui é um exemplo de que nada se desperdiça. Fiz uma peça usando só os toquinhos que sobravam dos cortes de acabamento das peças.

De todas as peças, essa foi uma exceção: eu a vendi. Houve essa e um conjunto de 30 caxixiveiros que também vendi para o Tição (primo do Mestre Bifão). A encomenda da foto foi para a entrada de pajem com alianças em um casamento.

Destaque para a cesta. Essa foi prenda em um bingo da academia da cidade da Vila Biquinhas (próxima da minha casa em BH).



Um cofre. Nesse caso, como compro muitas peças de MDF, surgiu a oportunidade de testar com essa que veio no meio dos retalhos. A outra figura é um pau-de-chuva: são palitos de dente em espiral no cano, com muitas sementes, envolvidos pelo trançado do caxixi.

Porta-guardanapos, porta-treco e o grandão: porta-papel toalha. Esse foi um desafio, já que é um trançado que não se fecha…

Porta-latinhas (cerveja ou refrigerantes).

Bolsas, usando o trançado do caxixi. Acabou sendo uma extrapolação da arte a outros horizontes. Não dá para fazer bolsas!!!… Os acessórios são caros, o acabamento é bem difícil e demora muito para se fazer. Se eu tivesse que sobreviver fazendo bolsas, teria dificuldades. Ainda tenho algumas curiosidades: abajur, vasos, peças decorativas, lustres, mas provavelmente vou retornar às origens e voltar a fazer o bom e velho Caxixi. Essa parece uma saga que não consigo superar.

Outras Peças/Instrumentos: Além do Trançado

Uma miniatura de pandeiro, para aprender e testar sobre tirantes, afinação. Temos também um exótico chocalho (caxixi sem alça).

Chaveiro de pandeiro feito com cano PVC, adesivo personalisado e arruelas para simular as pratinelas.

Esses redondos são comprados, parte da minha coleção. Os quadrados todos foram feitos por mim. Cada um deles possui um teste de alguma coisa e também foram distribuídos.

Reforma de cabaça usando o papel de filtro de café usado. Dá para recuperar uma cabaça quebrada. Não altera o som a ponto de ser um problema e o visual fica bem diferente.

Nessa figura temos: miniaturas de berimbau, pandeiro, atabaque, agogô, reco-reco, cordinha trançada, chaveiro de abadá e corda e alguns quadros: o redondo é um adesivo e os quadrados são transferência de fotos para a madeira (nesse caso tem um produto em lojas de artesanato que faz esse trabalho, é só seguir as orientações).

Uma ideia simples: um azulejo barato com um adesivo e verniz. Isso funciona muito e vira objeto de desejo dos alunos.

Ganhei um saco de cabacinhas do meu cunhado. Ele as encontrou no norte de Minas. Elas não serviam para fazer berimbau. Tive a ideia de utilizá-las para miniaturas. Note que o aprendizado dessas técnicas me permitiu dominá-las para fazer peças de tamanhos maiores.

Esse é um tambor japonês, usando restos de couro em uma estrutura da cabacinha dura.

Maracás e afoxés… Esse conjunto foi a pedido do Mestre Pantera (BH).

Miniaturas de berimbau, pandeiro e atabaque feitos com as cabacinhas duras.

Nesses aqui, eu consegui, com técnicas simples, usando papel filme, fotos, papel manteiga e ferro de passar roupas, adesivar a imagem em tecidos.

Essas são pequenas bandeiras, com os logotipos dos grupos ASCAU e Arte Minas/BH como testes. Contei com a ajuda da esposa para fazer a costura. A transferência das fotos se deu por papel térmico, o mesmo que é utilizado para a produção de camisetas. É possível personalizar pandeiros ou outras peças com essas técnicas.

Vários tambores feitos com: canos de PVC, vasos plásticos, baldes. As peles foram de couro de bode, lonas plásticas. Os aros são basicamente de arames e os cordões: náutico, rami, cordinha e cordas. Sempre testando e inovando.

Uma viagem pelo universo do Agbe ou Shekere.

Mais shekeres…

Aqui mais um exemplo de reciclagem: um porta-berimbaus que fiz e presenteei ao Mestre Iran do Grupo Angola Dobrada de BH.

Com ferramentas e persistência, consegue-se tudo: um armário de banheiro. Não tem a ver com a capoeira, mas tem a ver com a confiança e a curiosidade que sempre me guiaram.

Quando recebi a corda vermelha, o grupo já havia mudado para o padrão de cordas tingidas. Fiz a minha própria corda vermelha trançada. Nela pude aprender e treinar o trançado e o nó de rosas para o fechamento das pontas.

Também fiz algumas cordas tingidas, para saber e entender como funciona o processo. Algumas das minhas curiosidades vão de encontro ao ofício de mestre, mesmo não tendo discípulos. Outro ponto é que a minha corda, que recebi do Mestre Corisco na formatura, no início dos anos 2000, infelizmente não me serve mais, pois adquiri muitos quilos a mais…

Cordão de 5 metros feito nas cores da ASCAU: branca, amarela, azul, verde, roxo, marrom, preto e vermelho. Sem se esquecer também da cor do Grão-Mestre Corisco (grena com prata), permeando as demais cores (acima) ou nas ponteiras (abaixo). A corda de cima foi feita usando linha (foi um caos fazê-la) e a debaixo corda tingida (melhor acabamento. Essa está na sede da ASCAU).

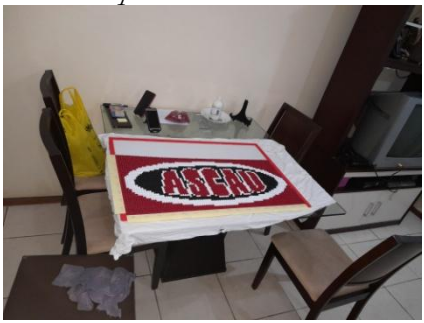
"Na natureza, nada se perde, tudo se transforma". Essa é a frase de Lavoisier. Mas aplicada à capoeira e à cabaça, vemos um enfeite usando argolas de cabaça, retiradas para se fazer as peças em miniatura.

Comprei uma máquina de costura para minha esposa. E ela fez essa sacola para berimbaus feita com a reciclagem de calças jeans. Fez várias, para guardar meu acervo.

Na esquerda, uma sacola que comprei do Mestre Corisco no início dos anos 1990. Tenho-a até hoje. Ela me acompanhou durante muitos anos em eventos do grupo. À direita, uma que fiz a pedido do Mestre Pantera de BH para o Arte Minas Capoeira. Evidentemente que a minha inspiração foi a bolsa do Cordão de Ouro.

Design size: 86 x 41 stitches

Logo da ASCAU em formato de ponto cruz para fazer um quadro de missangão. Mais ideias criativas a serem exploradas.



Quadro feito com missangão.

Pratos com técnicas de decoupagem, personalizados com a logo da ASCAU.

A arte, a curiosidade, a inovação são infinitas. Então, ela não se encerra aqui. Ela me acompanhará onde quer que eu esteja, pois o seu toque me modificou profundamente.

Meu Acervo

Essas são as cabaças dos berimbaus que fiz desde 1996. Aproveitei o período da pandemia para repintar minhas cabaças, tentando usar técnicas diferentes: colas, adesivos, decalques, cores, misturas, vernizes, verniz artesanal. A cabaça vermelha maior foi presente do Mestre Cascavel do Grupo do Mestre Necão. Em 2021, fiz uma reforma e envernização nelas, experimentando cores e técnicas de pintura, adesivação, recuperação (usando papel de filtros de café). Evidentemente que as minhas preferidas (uns 4 dessas aí) são aquelas que produzem sons mais agudos, típicas de berimbau viola. Antes de pintá-las, eu apenas envernizava. Creio que

certa influência do que via em outros grupos, como o Abadá. Aparentemente, o modelo muito pintado e trabalhado era coisa do passado e a modernidade agora era apenas envernizar. Em 2025, percebo que pinturas trabalhadas têm sido valorizadas, retomando seu lugar.

Nesse meu processo de conhecimento, também fiz baquetas. Algumas talhadas na faca, outras em bambu. Fiz um dispositivo usando furadeira, do tipo para fazer cavilhas. Reconheço que, para mim, eu prefiro as de bambu. São mais resistentes.

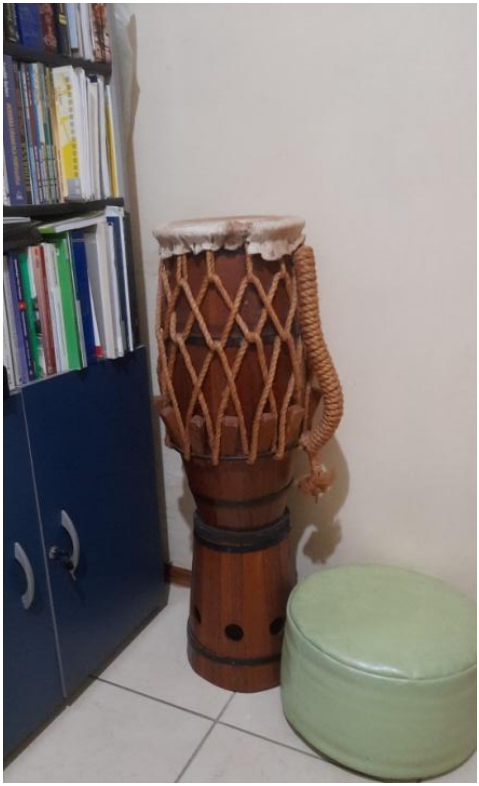
Após berimbau e caxixis, resolvi fazer pandeiros. Comprei um e desmontei. Comprei uma carcaça e tirantes e, de repente, já estava fazendo os meus. Inicialmente quadrados (de madeira) e depois redondos (usando canos de PVC). Usei pele de couro de carneiro e de garrafa PET e também fiz meus próprios tirantes com parafusos e arruelas comuns em loja de ferragens. Comprei cobre e estanho para testar pratinelas, mas também usei tampinhas de garrafas e metal de latinhas de refrigerante/cerveja. Um desses pandeiros que fiz tem um som imbatível (cano de PVC, pratinelas de tampinhas e pele de garrafa PET) — em destaque. Nesse meio de caminho, usei lona, tecido, curvim e até mesmo um tampo de madeira e MDF (reconheço que esses dois últimos são estranhos, mas fazem som também). Esse alaranjado no centro é o pandeiro de melhor som que já toquei.

Após comprar os agogôs da esquerda. Resolvi fazer os meus próprios: castanha do Pará, coco, sapucaia, latinhas e até um de cabaças (duras). As castanhas e sapucaias encontrei no mercado central em Belo Horizonte. Mais à esquerda tem um de bambu, com 2 furos diferentes, que funciona também como um agogô!

Acima temos 2 reco-reco. Um deles comprei e o outro foi um presente do meu amigo Professor Pantera da ASCAU. Na parte de baixo temos os reco-recos que fiz usando: cabo de vassoura, cano de PVC e bambu. Tudo funciona… isso é incrível, dá para fazer a baixo custo e acessível a todos. Um ponto histórico interessante é que o reco-reco se aproxima do instrumento africano de percussão conhecido como macumba. Assim que toca o reco-reco, pode ser chamado de macumbeiro! E não deveria se ofender por isso…

São peças que fui colecionando ao longo do tempo e inclusive usadas em apresentações: bastões de maculelê, facões também para maculelê, navalhas (as amarelas foram do Mestre Gasolina que ficaram comigo e a preta foi um presente que recebi — essa é uma navalha autêntica dos tempos em que o capoeira a usava para se defender). Alguns chaveiros, fitas do Bonfim (ainda da minha ida a Salvador em 1998), têm um patuá que foi presente do Mestre Pantera. No centro, tem um apito indígena de madeira. Eu comprei, pois me lembro das entradas das faixas no disco do Mestre Caiçara.

Aqui temos diversas pedras, alguns dobrões de metal. Moedas, entre elas o Cobrão (moeda de 40 réis, em destaque em vermelho e na moeda de baixo), moeda usada antigamente para se tocar berimbau. Eu até procurei o verdadeiro dobrão, mas esse é impagável (~R$ 35.000,00!!!), ilustrado pela moeda de cima.



Para completar o acervo, tenho esse atabaque. Ele foi comprado no mercado central em 1999, em uma viagem a trabalho. Despachei pelo avião para Uberlândia. Comprei na loja do Buda, que ficava no mercado central de BH (ela fechou pouco depois da pandemia). Depois soube que ele foi feito pelo meu amigo Fernando (Loja de Instrumentos Gupiara, próxima à rodoviária de BH e que também tem uma barraca na feira hippie na Av. Afonso Pena em Belo Horizonte). Comprei do Fernando muitos materiais para essa minha saga de instrumentos. Conversamos bastante e ele me deu várias dicas sobre o que fazer. Visitei a sua oficina em Santa Luzia e pude ver de perto como é o processo de fabricação de instrumentos. Considero que ele foi muito generoso comigo ao me orientar e o agradeço por isso. Às vezes, aos domingos, vou à barraca dele e toco um pouco de berimbau, até hoje.Essa foto também é uma lembrança: de todos os instrumentos normalmente utilizados na capoeira, eu ainda não fiz o atabaque… mas continua em minha lista. Algum dia farei, do meu jeito, pois nessa jornada de artesanato descobri que fazer arte é conseguir fazer funcionar, do jeito que der (isso também é a definição de ser engenheiro, então sou um engenheiro-artista, sem querer ser arrogante).Desbloquear o artista é desbloquear uma infinidade de ideias e opções que podem ser feitas.No início é o caos, parece que não vai dar certo ou funcionar… mas no final dá, funciona!Um grande exemplo disso é o pandeiro quadrado.

Instagram

Tenho um perfil no Instagram dedicado a postagens das minhas artes desde então. Já são mais de 500 fotos, até o momento, de minhas pequenas obras de arte, que se iniciaram com o caxixi. O perfil é @claudiohomero.

Link para o perfil do Instagram.

10 Homenagem para Aqueles que Ajudaram a Formar o Mestre Sapulha

Desculpem-me se esqueci do apelido de alguém.
Essa é uma homenagem que presto a todos vocês, registrando seus apelidos para a posteridade e a história da Capoeira nesse livro.
Nessa lista não vou usar a titulação, pois a minha referência é no passado, muitos hoje são mestres (a exceção será apenas para o Grão-Mestre Corisco), afinal todos contribuíram de alguma forma para minha formação.
Eu gostaria de ter histórias e lembranças com todos, mas a realidade não foi assim. Acabei tendo momentos marcantes com poucos e minha memória também já está falhando.

- **Grão-Mestre Corisco**

Araguari

- 1,2
- Abelha
- Azeitona
- Baianinho
- Benguela
- Bezerra
- Bifão
- Biriba
- Black
- Bodão
- Borracha
- Cachorrão
- Caju
- Caminhão
- Capitão
- Capitão
- Cascavel
- Chumbada
- Cogal
- Curió
- Durão
- Felina
- Fera

- Ferrugem
- Formiga
- Gafanhoto
- Garruxa
- Gasolina
- Graia
- Grilo
- João
- Lego
- Mancha (Vila Paraíso)
- Marreta
- Marrom
- Meio Quilo
- Miúdo
- Moreno
- Mulata
- Mumbuca
- Necão
- Negrete
- Onça
- Oripão (Moreno)
- Papo 10
- Paturi
- Pé de Ferro
- Pezão
- Polaco
- Raposa
- Regalo
- Sabão
- Sanfona
- Saturnino
- Sossego
- Suicídio
- Teta
- Tição
- Titi
- Tizil
- Vassourinha
- Veneno
- Vingativa
- Vulcão
- Xango
- Zangão
- Zeus
- Zorro
- Zulu
- Zumbi

Demais cidades e Grupos

- Alazão
- Alegria (Ba)
- Alicate
- Amendoim
- Angola
- Bacoal
- Baiano
- Baleia
- Beijim
- Biqueira
- Bocão
- Bola
- Cachoeira
- Calango (BH)
- Calango (Ituiutaba)
- Camisa
- Cangerê
- Caranguejo
- Carbono
- Casal

- Cateto
- Caveira
- Chaminé
- Charme
- Chibata
- Chocolate
- Chorume
- Cinzano
- Diesel
- Dunga
- Escorpião
- Eustáquio
- Flagelo
- Furgão
- Gambá
- Gargamel
- Gatão
- Gato
- Gavião
- Goiaba
- Iran
- Jaguar Negro
- Jeep
- João Salomão
- Juruna
- Kong
- Lacraia
- Languira
- Luck
- Manhoso
- Miúda
- Monge
- Mulato Preto
- Nair
- Neto
- Panta
- Pantera (BH)
- Pantera (Uberaba)
- Paraíba 1
- Paraiba 2
- Patolino
- Paulinho Godoy (Sete Lagoas)
- Pedrada
- Pepeu
- Periquito
- Pernalonga
- Peruano
- Petróleo
- Phantro
- Piolho
- Pirapora
- Porrada
- Porradinha
- Pudim
- Pudrim
- Raio
- Raiz
- Rene
- Sereia
- Tadeu
- Tempestade
- Temporal
- Tibirici
- Traíra
- Trinkado
- Urso
- Víbora
- Virjão

- *Todos os não citados!!!*

Lançamento dos Livros: Minha Homenagem ao Grão-Mestre Corisco, à Mestra Miúda e à ASCAU em 12/02/2026

Convite para o evento.

Quadro deixado na sede da ASCAU com marco de lançamento dos livros.

Homenagens para o Grupo: Pratos-Troféu e Cordão.

Foi uma festa. Quem não foi perdeu...

Resumo do Evento em Frases:

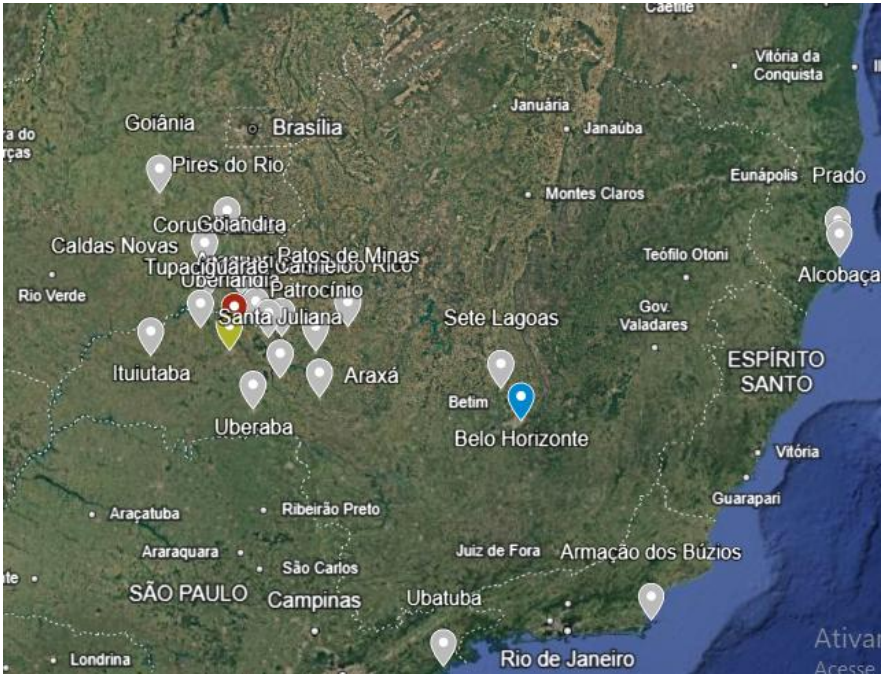
Troféus a serem distribuídos pela Diretoria da ASCAU no final de 2026.

Linha do Tempo: A Jornada do Mestre Sapulha

11 Lugares Onde Andei pela Capoeira.

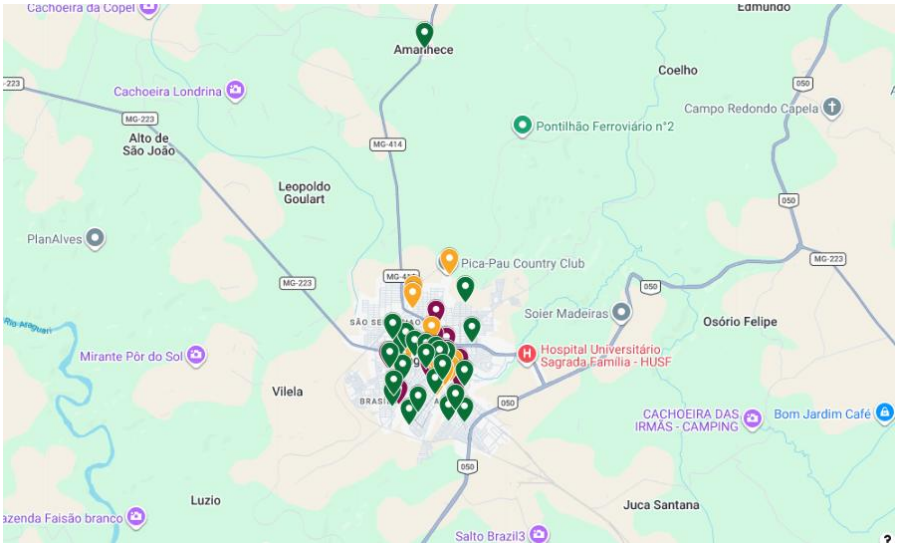
• Alcobaça • Araguari • Araxá • Belo Horizonte • Búzios • Caldas Novas • Cascalho Rico • Catalão • Corumbaiba • Estrela do Sul • Goiânia • Ituiutaba • Monte Carmelo	• Natal • Patrocínio • Patos de Minas • Pires do Rio • Prado • Recife • Salvador • Santa Juliana • Sete Lagoas • Tupaciguara • Uberaba • Uberlândia

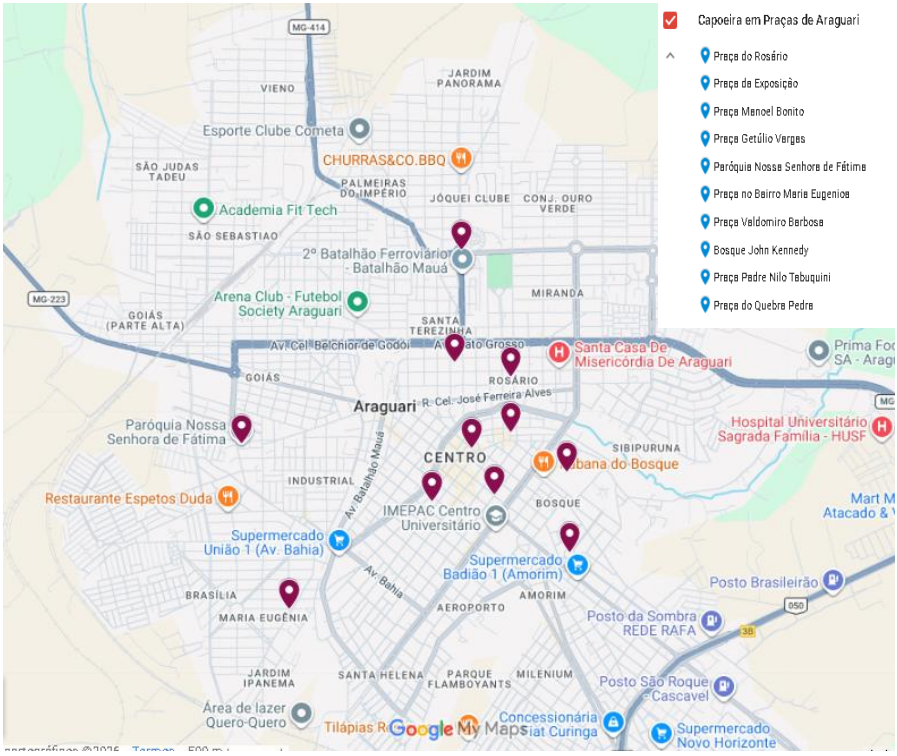
Meu mapa de lugares de capoeira no Google Earth:



Zoom para Minas Gerais e a região do Triângulo Mineiro. Em vermelho está Araguari, em verde Uberlândia e em azul Belo Horizonte.

Mapa da Capoeira em Araguari





Nota: as localizações são aproximadas e as fotos são atuais. Assim pode ser que a edificação não tenha nada haver com a academia que operou na década de 1990.

Local	Comentários
Praça do Rosário	Como a praça ficava em um aclive, era excelente para treinos de saltos. Foi lá que consegui dominar o mortal, que já fazia em piso de serragem. Era um local em que muitos capoeiristas treinaram saltos, principalmente nos sábados.
Praça da Exposição	Houve muitas rodas, principalmente em épocas de festas (agosto e setembro). No início dos anos 1990, eram comuns rodas. Foi nesse local que, juntamente com o Chumbada e o Veneno, treinei os movimentos e sequências cinturadas para a formatura de Mestre.
Praça Manoel Bonito	Tenho lembrança de algumas rodas, poucas.
Praça Getúlio Vargas	Como sempre havia eventos e movimentação, atraía os capoeiristas. Lembro-me de rodas em eventos nessa praça, bem no início dos anos 1990, acompanhado do Grilo, Bodão, 12 e Bifão.
Praça de Nossa Senhora de Fátima	Aqui a lembrança era a multidão tomando a praça durante os primeiros anos da década de 1990 para treinar com o Raposa e o Curió. Foi o palco de muitas lutas e também de lendas, como no dia em que o Raposa jogou com o "diabo no corpo" ou dos movimentos estranhos (mortal de pescoço, em que ele fazia o mortal, mas só colocava a cabeça no chão para terminar o movimento).
Praça no Maria Eugênia	Foi onde fiz um treinamento como Mumbuca, logo no início, talvez quando eu estivesse na corda amarela.
Praça Valdomiro Barbosa	Nessa praça houve uma roda no meu retorno após parada na Corda Marrom. O clima de guerra no ar, com vários jogos duros. Eu filmei essa roda, mas perdi a gravação.
Bosque	Às vezes, aos domingos, fazíamos algum movimento lá. Não era comum, mas acontecia. Já quando ocorria algum evento de grupo de jovens ou do Procurar-te, a capoeira se fazia presente.
Praça Nilo Tambuquini	De forma semelhante à Praça do Rosário, também era um local propício para aprendizagem de saltos. Chumbada, Veneno, eu, revezávamos de praça, principalmente durante a corda preta.
Praça João Pinheiro	Em 1994, a comemoração dos jogos da Copa do Mundo foi principalmente aqui. Havia um bar (Mazaliche) que era o point da garotada bonita. Então, onde havia gente, a capoeira estava lá. Nessa praça também era a concentração para os desfiles de Carnaval.

Pesquise no Google Maps
Compartilhar
53 Praça do Rosário
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Google Maps

Pesquise no Google Maps
Compartilhar
90 MG-414
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Google Maps

180 R. Dr. Afrânio
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
CENTRO
Google Maps

1038 Praça Getúlio Vargas
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 · Confira mais datas
Compartilhar
Sorvetes
IMEPAC Centro
Google Maps

Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 · Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

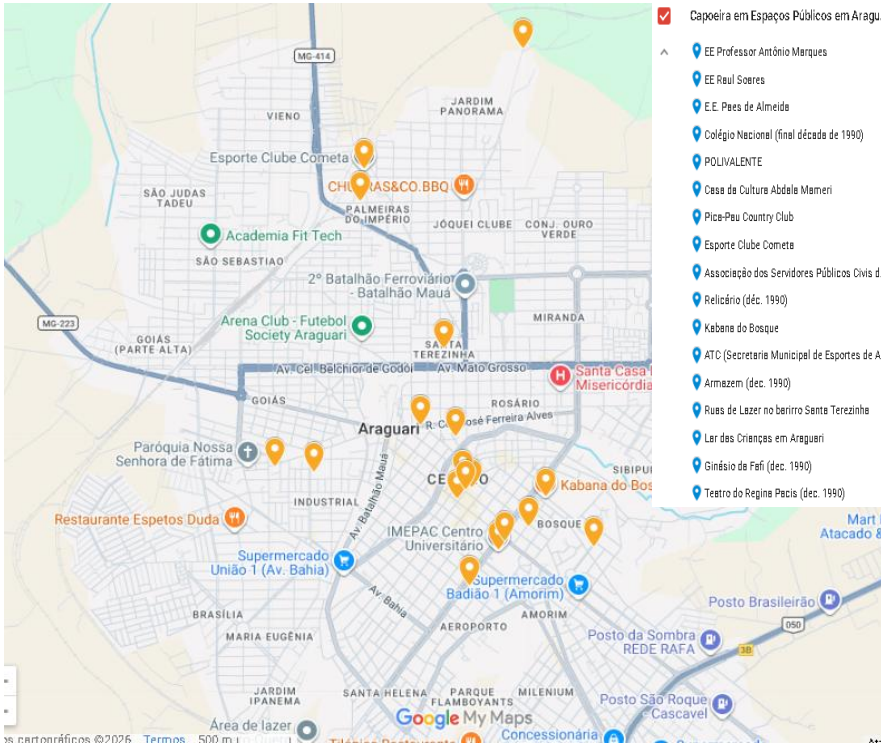
540 R. das Taboccas
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 · Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

1 Av. Santos Dumont
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

1100 Av. Minas Gerais
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

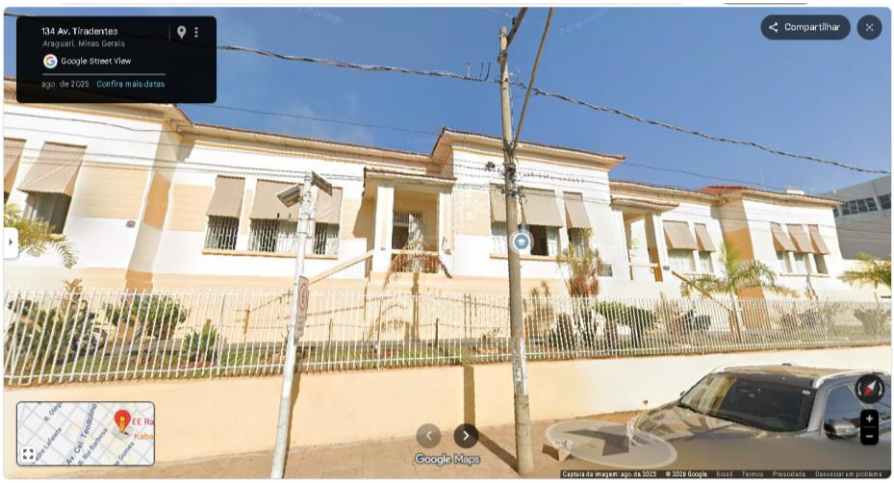
161 Praça Padre Nilo Tabuquini
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

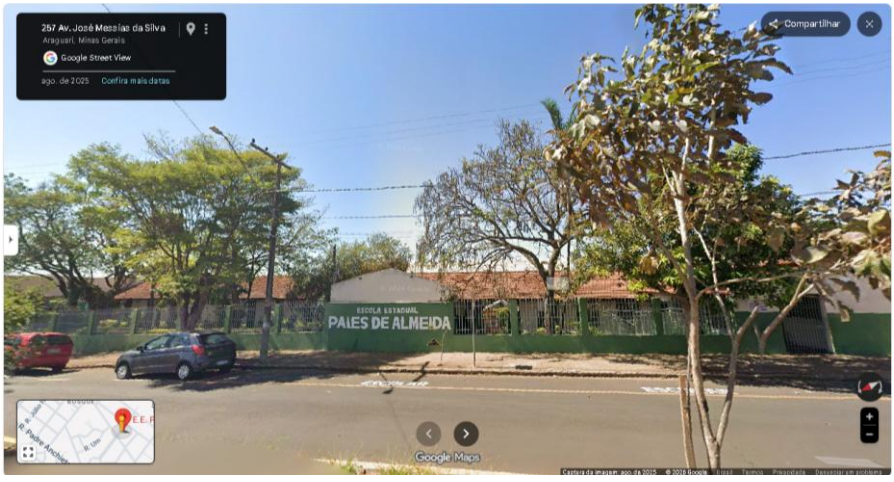
2 R. Daniel Xavier
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
abr. de 2024 Confira mais datas
Compartilhar
Loja Maçônica União Araguari
IMEPAC Centro Universitário
Google Maps


Capoeira em Espaços Públicos em Aragu...
EE Professor Antônio Marques
EE Reul Soares
E.E. Pres de Almeida
Colégio Nacional (final década de 1990)
POLIVALENTE
Casa de Cultura Abdala Mameri
Pice-Peu Country Club
Esporte Clube Cometa
Associação dos Servidores Públicos Civis d...
Relicário (déc. 1990)
Kabana do Bosque
ATC (Secretaria Municipal de Esportes de A...
Armazem (dec. 1990)
Ruas de Lazer no berirro Santa Terezinha
Lar das Crianças em Araguari
Ginásio da Fafi (dec. 1990)
Teatro do Regina Pacis (dec. 1990)
MG-414
MG-223
VIENO
JARDIM PANORAMA
Esporte Clube Cometa
SÃO JUDAS TADEU
PALMEIRAS DO IMPÉRIO
JÓQUEI CLUBE
CONJ. OURO VERDE
Academia Fit Tech
SÃO SEBASTIÃO
2° Batalhão Ferroviário - Batalhão Mauá
MIRANDA
Arena Club - Futebol Society Araguari
GOIÁS (PARTE ALTA)
SANTA TEREZINHA
Av. Cel. Belchior de Godói
Av. Mato Grosso
Santa Casa Misericórdia
GOIÁS
ROSÁRIO
Araguari
Paróquia Nossa Senhora de Fátima
INDUSTRIAL
Av. Batalhão Mauá
Kabana do Bos
Restaurante Espetos Duda
IMEPAC Centro Universitário
BOSQUE
Supermercado União 1 (Av. Bahia)
Supermercado Badião 1 (Amorim)
Av. Bahia
Posto Brasileirão
BRASÍLIA
AEROPORTO
AMORIM
MARIA EUGÊNIA
Posto da Sombra REDE RAFA
050
JARDIM IPANEMA
SANTA HELENA
PARQUE FLAMBOYANTS
MILENIUM
Posto São Roque Cascavel
Google My Maps
Área de lazer
Concessionária

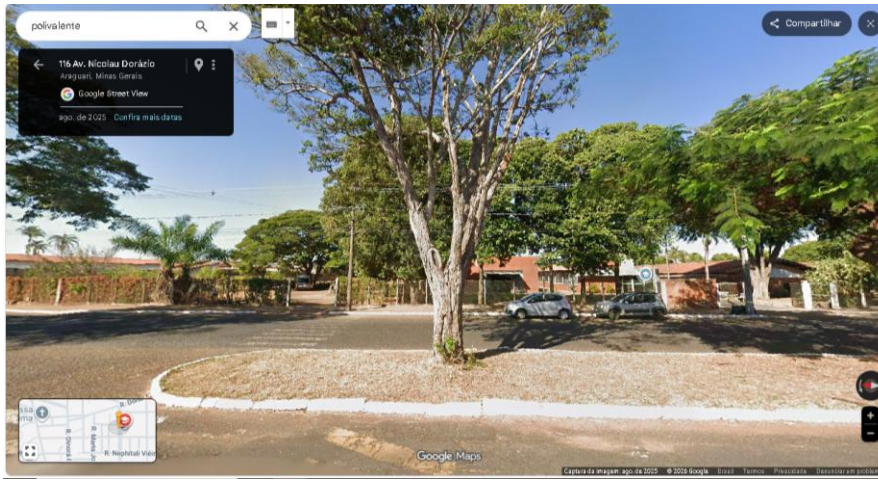
Local	Comentários
EEPAM	Rodas de divulgação de academia ou eventos durante o recreio
EE Raul Soares	Rodas de divulgação de academia ou eventos durante o recreio
EE Paes de Almeida	Apresentação solo durante o recreio no período da manhã, para divulgar a ação do Procurar-Te.
Colégio Nacional	Evento do colégio, provavelmente tendo como aluno algum capoeirista do grupo. Nesse caso, veio um carro de Uberlândia, trazendo o Mestre Corisco e outros capoeiristas. Isso não era comum. A roda foi simples, mas com a presença do Mestre teve o peso de um grande evento
Polivalente	Rodas de divulgação de academia ou eventos durante o recreio
Casa da Cultura	Lembro-me de um evento no final da tarde na porta da casa da cultura, onde foi montado um tablado. Quase desnecessário dizer que foi um desastre: todo mundo caiu, além de escorregadio, ele estava escorrido. Eu mesmo fui fazer uma queixada e os dois pés saíram do chão, um pelo movimento e o outro pelo escorregão. Aqui também ocorreu a minha palestra sobre capoeira, que lotou o teatro, evento promovido pelo Mestre Zulu.
Pica-Pau	No Pica-pau ocorriam várias festas abertas ao público em geral, e sempre que convidados, estávamos lá. Mas os eventos também eram em tablados e também ocorriam quedas frequentes.
E. C. Cometa	De forma semelhante ao Pica-pau, havia eventos e também participávamos. Quando formei a Mestre, realizamos algumas aulas na quadra do Cometa, se não me engano, o espaço havia sido articulado pelo contramestre Zangão. Fizemos algumas boas fotos aqui, as últimas em Araguari.
ASPCA	De forma semelhante ao Pica-pau, haviam eventos e também participávamos.
Relicário, Kabanas e Armazem	Como o Ferrugem era dono ou sócio desses espaços, ele fazia festas muito "doidas". Tinha pirotecnia, tequila, e no auge ele parava o som e fazíamos uma roda. Evidentemente, como ele era o mais graduado, ele acabava posando de mestre da turma. Sem dúvida, ele foi um grande incentivador da capoeira em Araguari,

	essas ações certamente levaram muita gente para a academia, que naquela época era a Pódium. Essa academia era frequentada pela elite de Araguari e certamente o Ferrugem teve papel central por trazer essa galera ou pelo menos divulgar o grupo.
ATC/Ginásio	Aqui aconteceram eventos importantes do Mestre Zulu e o seu grupo Africapoeira. Me lembro de atuar como juiz em campeonatos no ATC e em grandes eventos que ocorreram no ginásio. Um deles pude estrear como Mestre da ASCAU, entramos como bandeira e estandarte. Me lembro de um ginásio cheio. Lá vi mestres como Kall de Brasília e outros. Outro evento memorável foi um dos primeiros eventos de vale-tudo. Naquela época, ainda não se usava um octógono. Era uma jaula de arame, na qual os lutadores eram trancados. Houve um contemporâneo da capoeira que participou de um evento desses, ganhou e perdeu. Ele visivelmente não era um lutador, só um brigão e valentão. Ganhou as primeiras lutas, mas nas finais perdeu, ou melhor, apanhou, já que o outro lutador era muito mais preparado. Lembrando hoje desses eventos, não vejo sentido: como uma pessoa se sujeita àquilo...
Ginásio da Fafi	Houve uma apresentação de capoeira em um evento nacional da juventude, encontro de grupos de jovens da igreja católica. Esse ginásio esteve lotado nesse dia.
Teatro Regina Pacis	Dentro das atividades realizadas pelo Procurar-te, essa apresentação foi a primeira e era para ser o início de um ciclo virtuoso, mas foi a primeira e única. O público foi muito pequeno, quase apresentávamos para nós mesmos. Ainda assim, foi memorável, cantei a cantiga: “dor, dor, dor, o negro sofre no chicote do feitor” do Tony Vargas e fizemos uma encenação que me lembrou o meu primeiro contato com a capoeira. Na minha cabeça, eu deixei de ser plateia e passei a ser o artista e, com isso, talvez conquistasse mais corações e mentes para a capoeira, como no passado eu fui encantado.


134 Av. Tiradentes
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

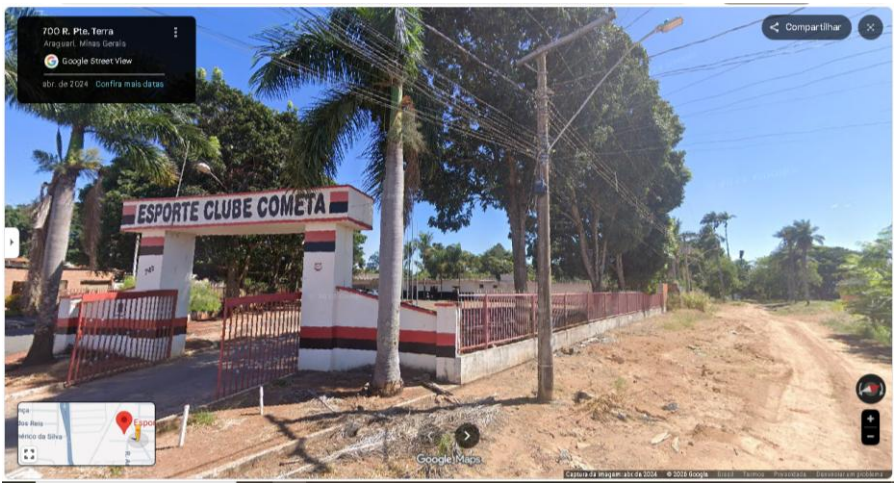

257 Av. José Messias da Silva
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
ESCOLA ESTADUAL
PAIES DE ALMEIDA
Google Maps

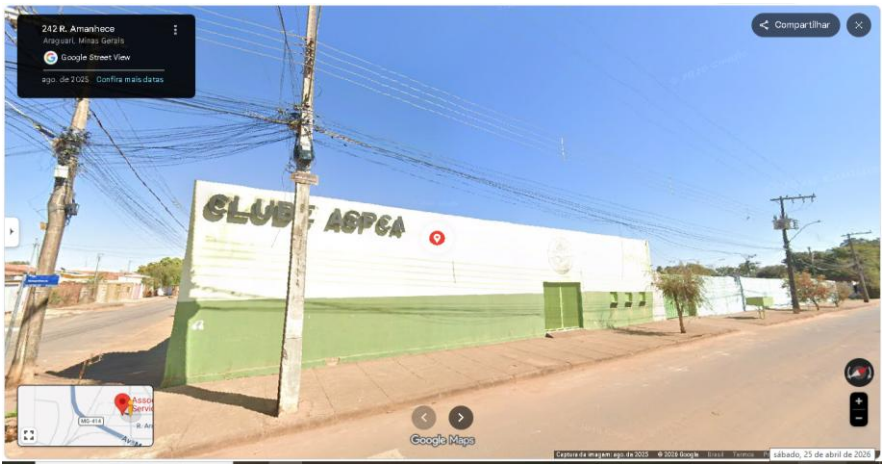
1068 R. Hidelbrando Rodrigues Bar...
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps


polivalente
116 Av. Nicolau Dorázio
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

1098 R. Cel. José Ferreira Alves
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
jan. de 2024 Confira mais datas
Compartilhar
CASA DA CULTURA
Araguari
Mercado Municipal
Google Maps

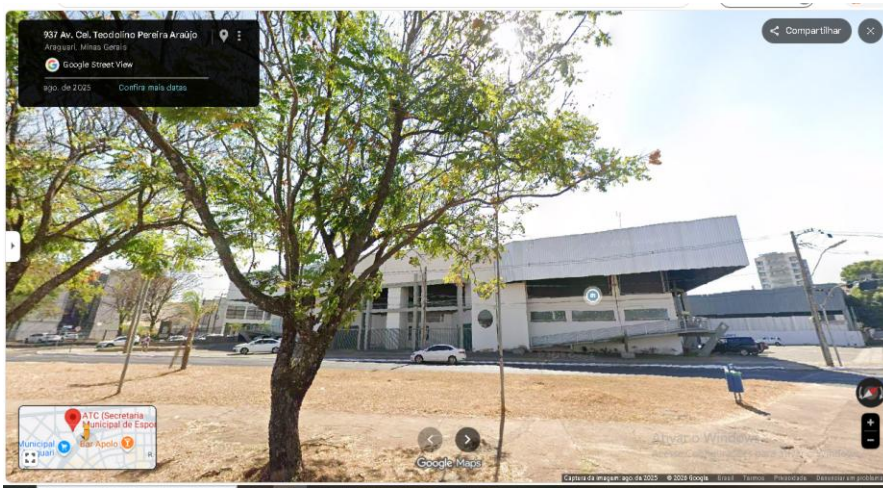
1387 R. do Pica-Pau
Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Pica-Pau
Rancho&Pesqueiro MinAZen
Google Maps

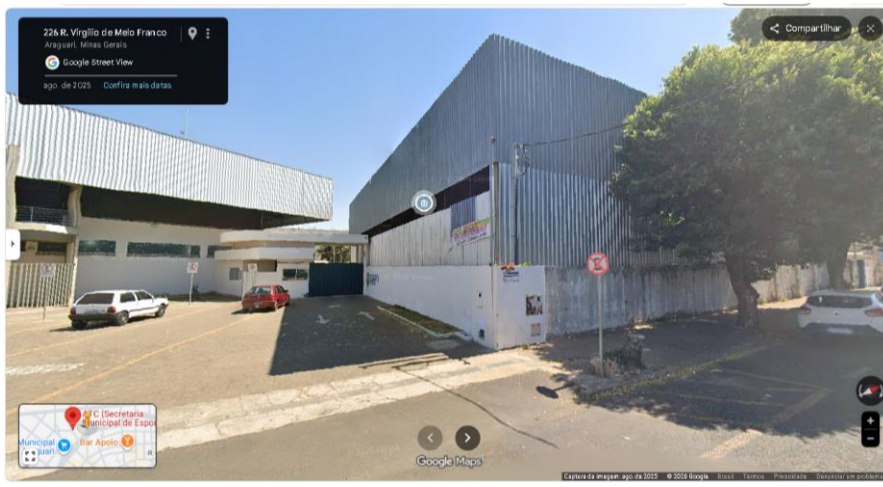

700 R. Pte. Terra
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
abr. de 2024 Confira mais datas
Compartilhar
ESPORTE CLUBE COMETA
Google Maps


242 R. Amanhece
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

294 Av. Tiradentes
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

116 R. Mauro Cunha
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
abr. de 2024 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps


937 Av. Cel. Teodolino Pereira Araújo
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2023 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

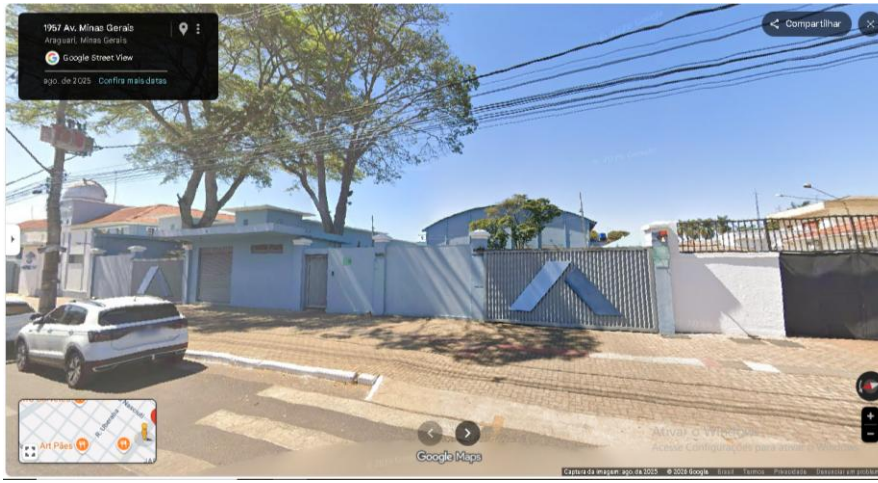

226 R. Virgílio de Melo Franco
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2023 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

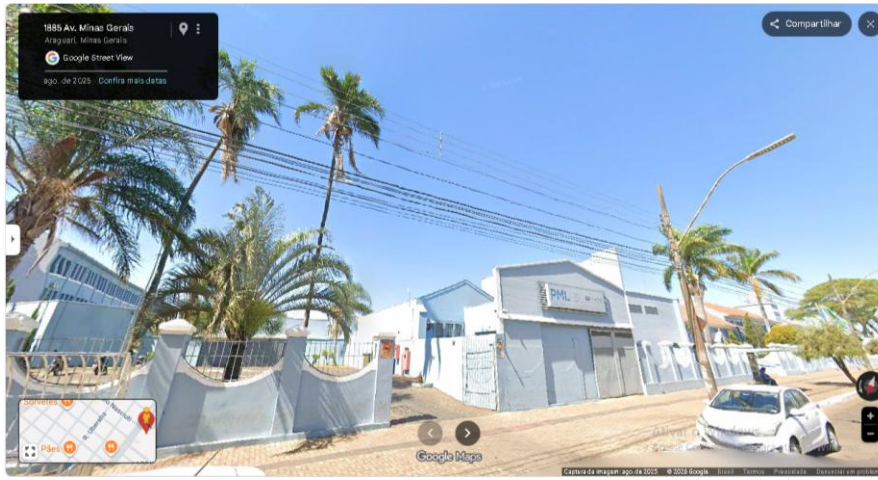
151 R. Rui Barbosa
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Real
POSITIVE case
Google Maps

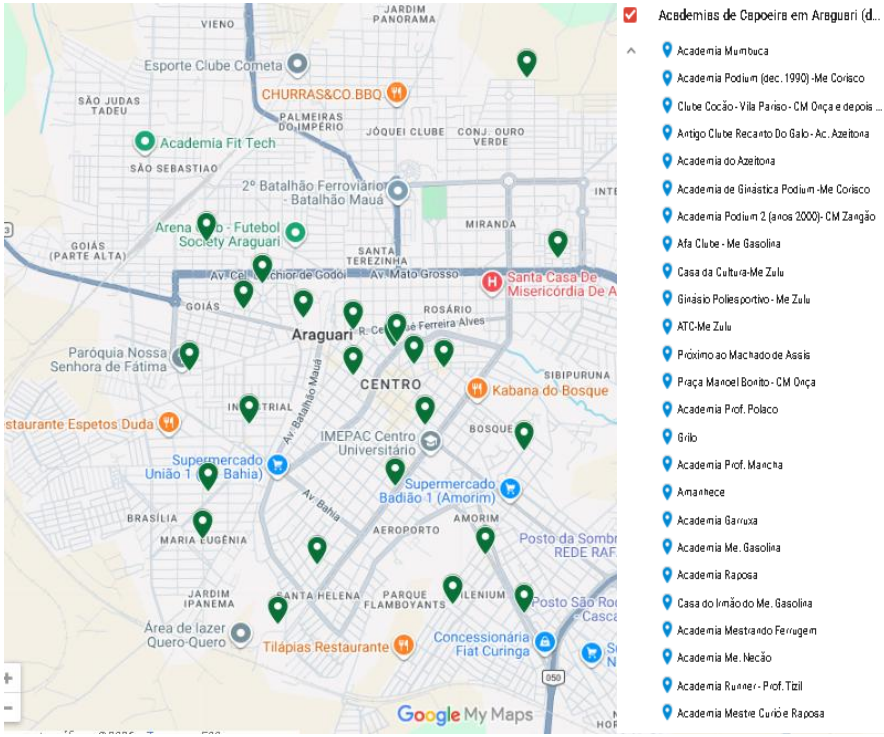
181 R. Venezuela
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
R. Venezuela
Supermercado Independência
R. Ventania
R. Brejo Alegre
Google Maps

286 R. Gonçalves Dias
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

1957 Av. Minas Gerais
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps


1957 Av. Minas Gerais
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

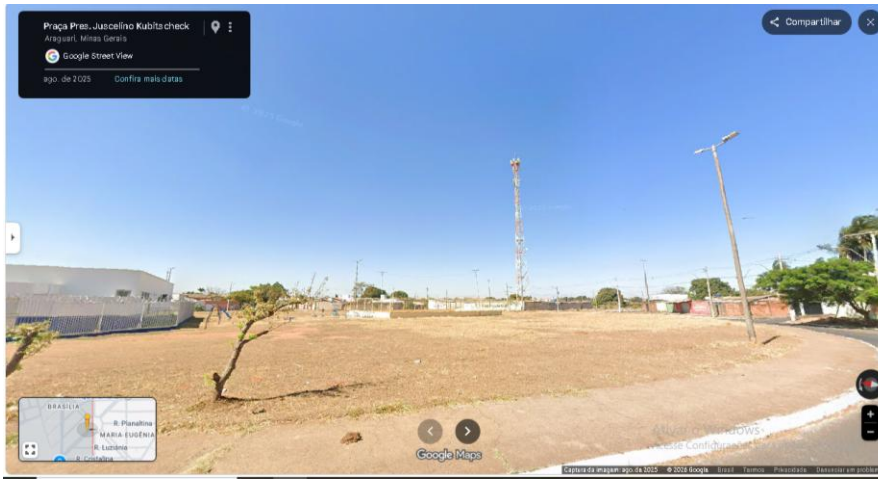

1885 Av. Minas Gerais
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

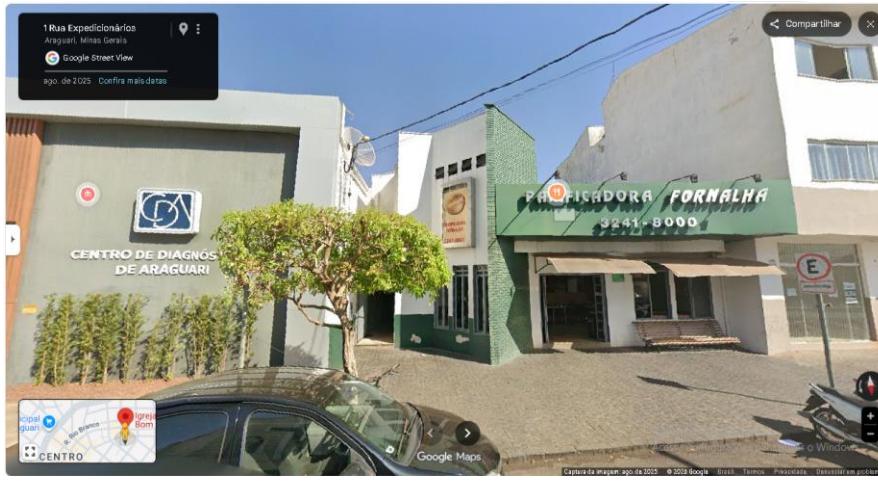


Local	Comentários
Academia Mumbuca	Era uma academia muito simples na periferia de Araguari. Paredes de barro e chão batido. As ruas do entorno não tinham asfalto. Foi nessa academia que o Bifão retirou o cigarro de um aluno com um martelo de estalo. Essa foi a única vez em que estive lá.
Academia Pódium	Foi onde iniciei na capoeira. Bons treinos. Galera animada. Fiz amigos que me acompanham até hoje. Os batizados aos domingos lotavam o espaço da capoeira.
Clube Cocão	Foi onde aconteceu o batizado no meu retorno em 1995. Aquele foi o maior evento da ASCAU em Araguari. A Podium havia ficado pequena. Visitava o CM Onça frequentemente. Foi aqui também que tomei a pior em um jogo e fui para o hospital desmaiado, levado pelos amigos de sempre: Grilo, 12 e Bifão.
Recanto do Galo	O Graduado Azeitona acabou criando essa academia, que teve vida muito curta, apenas alguns meses.

Academia do Azeitona	Essa já durou um tempo maior. Eu já devo ter falado isso, o pessoal da capoeira era de classe mais baixa. Assim, ficava visitando academias e assim treinava todos os dias. Mas foi nessa academia que apaguei por alguns segundos depois do "Ieee". Rodas animadas e jogos muito bons e entrosados. Ainda havia rivalidades, mas sob controle.
Academia Podium	O Nenê Ramos construiu essa nova academia. O fato que mais me recordo é da recepcionista. Linha dura. Me barrou várias vezes, chegamos a discutir uma vez por alguma bobagem, afinal, ela também parecia não ir com a minha cara. Mas foi nesse ambiente que treinei também um período de musculação, na época em que a moda era ser grande e forte. Aqui também foi a última academia do Mestre Corisco em Araguari.
Academia Pódium 2	Nessa aqui, o espaço era do CM Zangão. Eu frequentemente ia lá participar e acabava dando os treinos. As lembranças desse espaço foram a decisão do Mestre Gasolina em sair da ASCAU.
AFA e Irmão do Gasolina	Essa era a academia do Mestre Gasolina. Antes, ele dava aulas no fundo da casa do irmão dele, próximo à Igreja de São Judas. Do que me lembro, esse foi o auge do Mestre Gasolina. Ele chegou a ter muitos alunos e graduados e os treinamentos eram bem pesados.
Casa da Cultura, ATC e Ginásio	Esses sempre foram espaços do Mestre Zulu. Ele se fez mestre e aos poucos foi ocupando e dominando a capoeira de Araguari – para o mundo. Hoje, me parece que ele é o principal nome da capoeira de Araguari, principalmente pela consistência do seu trabalho ao longo de todos esses anos.
Ac. Onça (pça. Manoel Bonito)	Era no andar de cima de onde hoje fica a Di Trajan. Eu era iniciante, corda amarela talvez, e provavelmente aqui eu percebi a complexidade da capoeira, a trairagem e a maldade.
Ac. Do Grilo	Eu ia muito lá na região do Bosque e treinava com o Grilo, um grande amigo.
Ac. Do Mancha	Estive lá uma vez. Ele queria se filiar a mim após eu ter me tornado mestre. Eu tinha uma vibe de organização e a coisa acabou não fluindo. Talvez se eu não fosse tão xiita e tivesse deixado as coisas fluírem, talvez eu teria mais histórias para contar.
Ac. Polaco (prox. Machado de Assis)	Nesse local tenho lembranças de ir, mas sem nenhum destaque especial. Provavelmente isso aconteceu enquanto eu era corda amarela ou azul

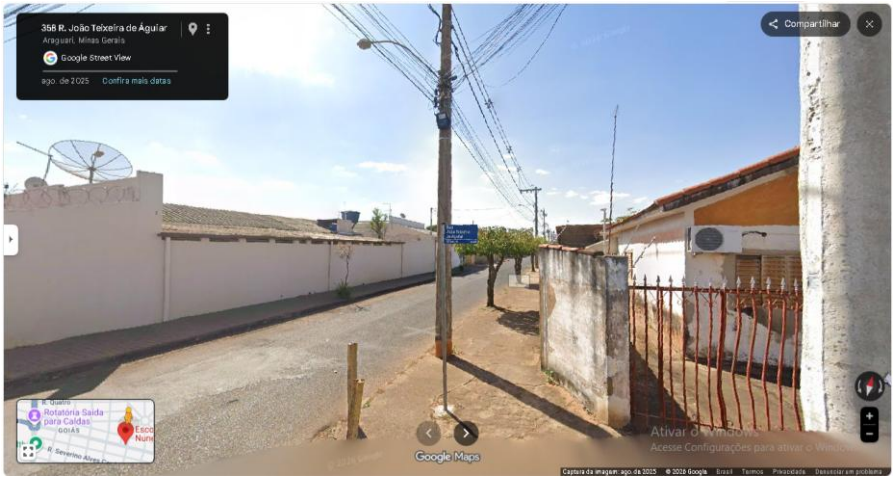
Amanhece	Lá, quem dominou foi o Paturi e o Astronauta. Eu não estive lá, mas vale o registro histórico de que houve esse movimento em Amanhece.
Ac. Do Garrucha	Essa academia foi no segundo andar de uma igreja. Estive lá uma ou duas vezes.
Ac. Do Ferrugem (Pça Getúlio Vargas)	Essa aqui eu explorei bastante com fotos e história. Sem dúvidas, foi a maior academia de capoeira que conheci, em qualquer local que tenha passado. Ficou na memória.
Ac. Gasolina (aeroporto)	Duas lembranças daqui: uma vez eu fui passar os movimentos do momento. Era uma chibata pulada. O Gasolina fez um movimento muito forte e acabou deslocando o ombro. Eu desci com ele de moto (sem capacete) correndo para o hospital. Fomos para o Hospital Santa Marta. Chegando lá, o médico colocou o braço dele no lugar. Foi tenso. O outro momento foi quando ele promoveu a formatura de alguns mestres. Eu não estive lá, mas esse também foi um evento marcante para Araguari e para a ASCAU, pois marcou a saída dele do grupo.
Ac. Raposa (aeroporto)	Sábados à tarde e início da noite: presença confirmada. A academia dele era muito cheia e os fominhas também iam lá.
Ac. Do Necão (Sta Helena)	As minhas lembranças da academia do Me. Necão são mais recentes. Mas me lembro de bons jogos e cantigas
Ac. Runner (Tizil)	Aqui treinei musculação também, às vezes, quando eu estava de folga do serviço, eu chegava a ficar 5-6 horas na academia. O espaço era do Tizil, mas o Mestre Corisco vinha de vez em quando. Foi aqui que enfrentei dois cordas roxas e me impus, extraindo elogios do Mestre Corisco.
Ac. Polaco (B. Brasília)	Tarde de sábado e início de noite. Turma boa e animada. Aqui eu tive um jogo duro com outro corda azul e claro que levei a pior. Outra lembrança que tenho era o berimbau de bambu do Gafanhoto e do Moreno, que tocam o berimbau com maestria usando um cadeado como dobrão.
Ac. Do Raposa e do Curió	Acontecia na praça da igreja de N. S. de Fátima. Uma multidão. Os treinamentos eram no domingo à tarde até o início da noite. Começamos mais ou menos juntos, mas ele logo já tinha sua academia e muito rapidamente se tornou mestre. Tem pessoas que já nascem mesmo com o dom e ele foi uma dessas pessoas.

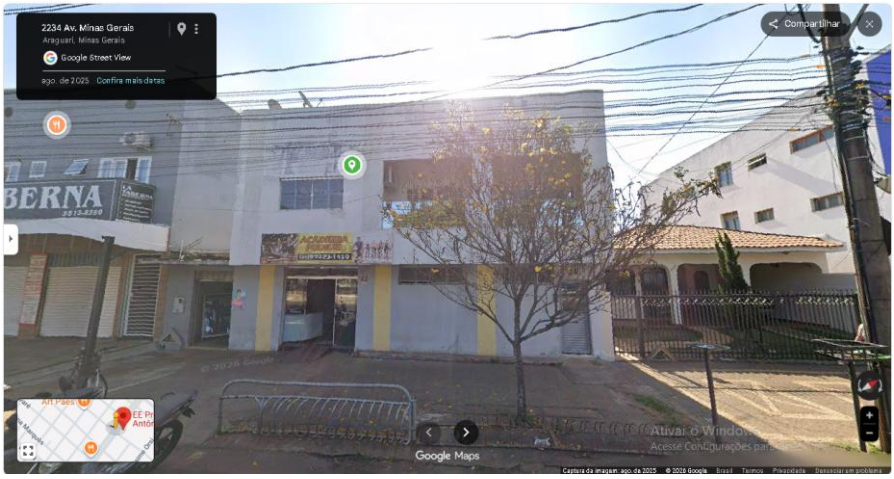

Praça Pres. Juscelino Kubitschek
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025
Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps


1 Rua Expedicionários
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025
Confira mais datas
Compartilhar
CENTRO DE DIAGNÓS
DE ARAGUARI
FORNALHA
9241-8000
CENTRO
Google Maps

rodoviaria araguari
99 Praça Duzentos e Quatro
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025
Confira mais datas
Compartilhar
Ração
Av. Mato Grosso
Google Maps

33 R. Dona Rosa Radi
Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Antigo Clube Recanto Do Gal
Google Maps


358 R. João Teixeira de Aguiar
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Rotatória Saída para Caldas
GOIÁS
Google Maps

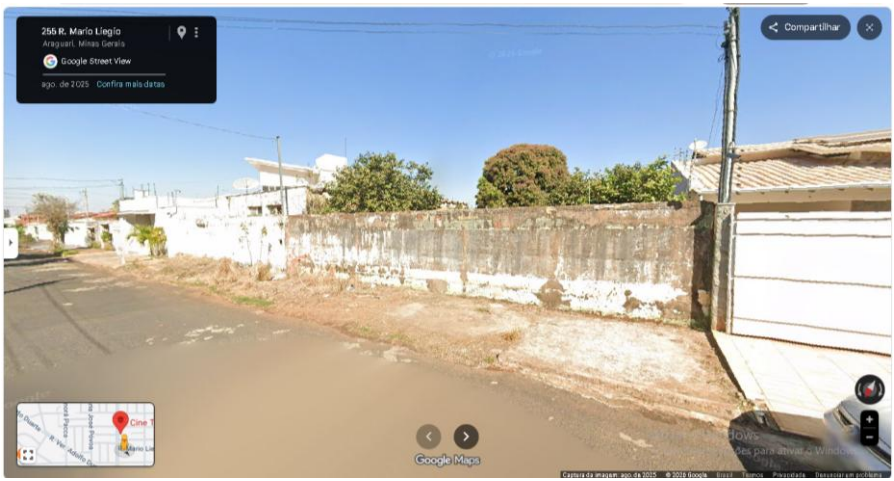

2234 Av. Minas Gerais
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
BERNA
Google Maps

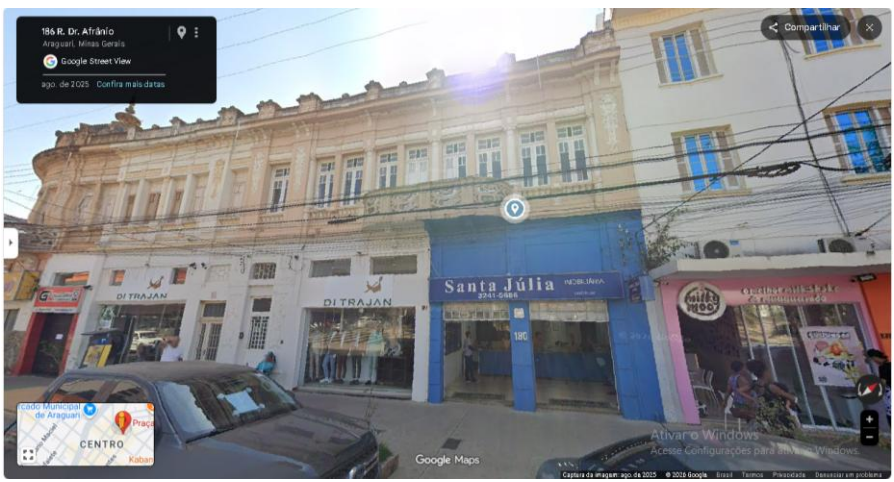
290 R. Vinte e Dois
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
R. Quatro
Google Maps

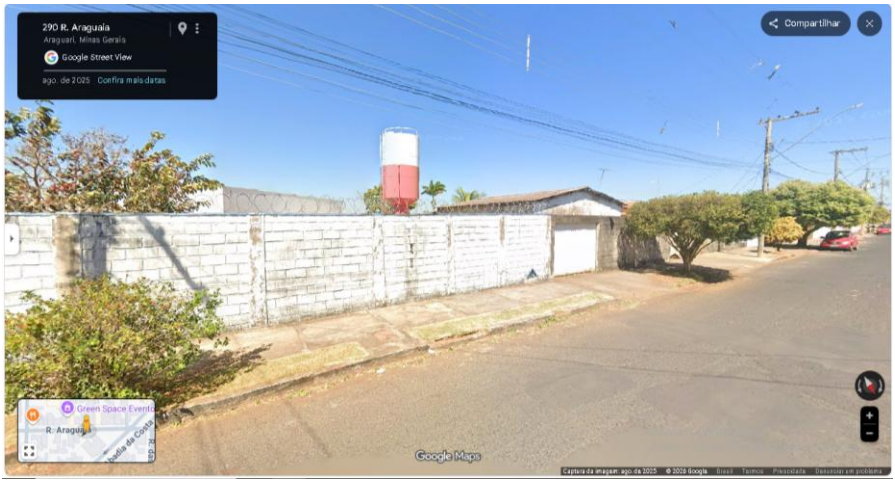
57 R. dos Portadores
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Av. Sen. Melo Viana
Google Maps

1101 R. Cel. José Ferreira Alves
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
jan. de 2024 Confira mais datas
Compartilhar
União
embalagens
Araguari
Google Maps

937 Av. Cel. Teodolino Pereira Araújo
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025
Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

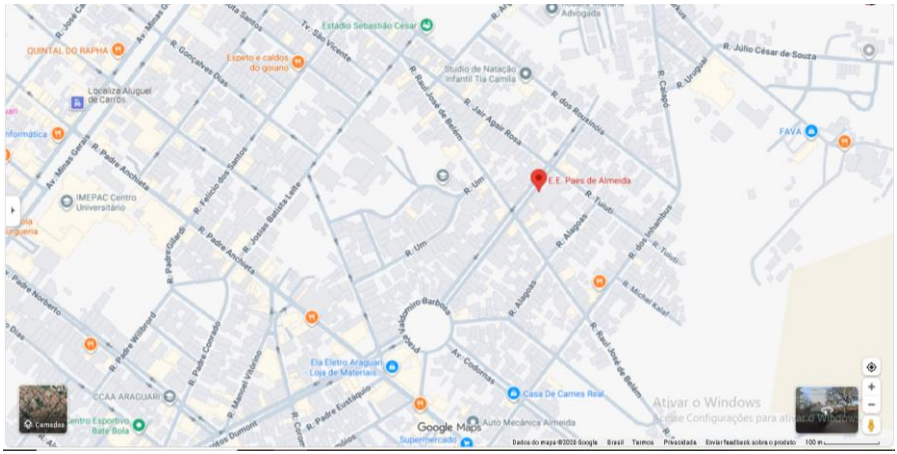

255 R. Mario Liegio
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025
Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

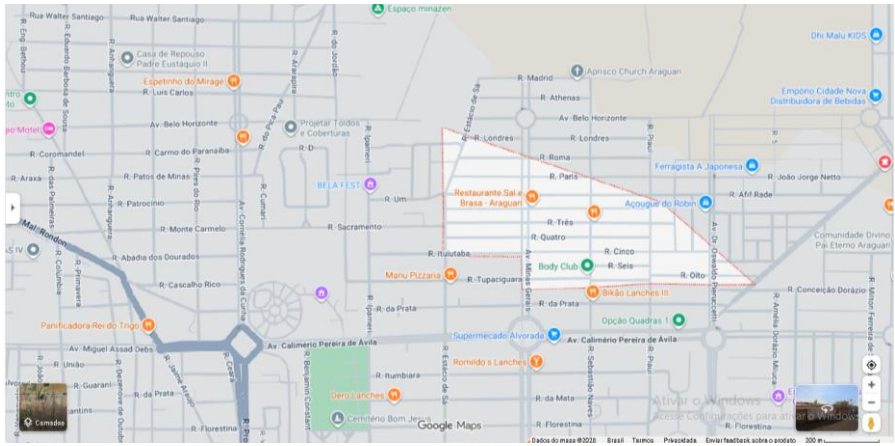

186 R. Dr. Afrânio
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025
Confira mais datas
Compartilhar
DI TRAJAN
DI TRAJAN
Santa Júlia
CENTRO
Google Maps

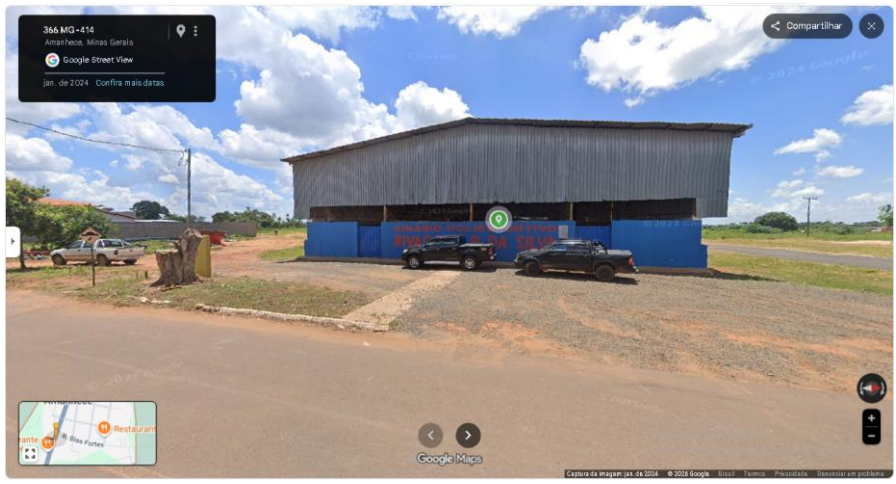

290 R. Araguaia
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

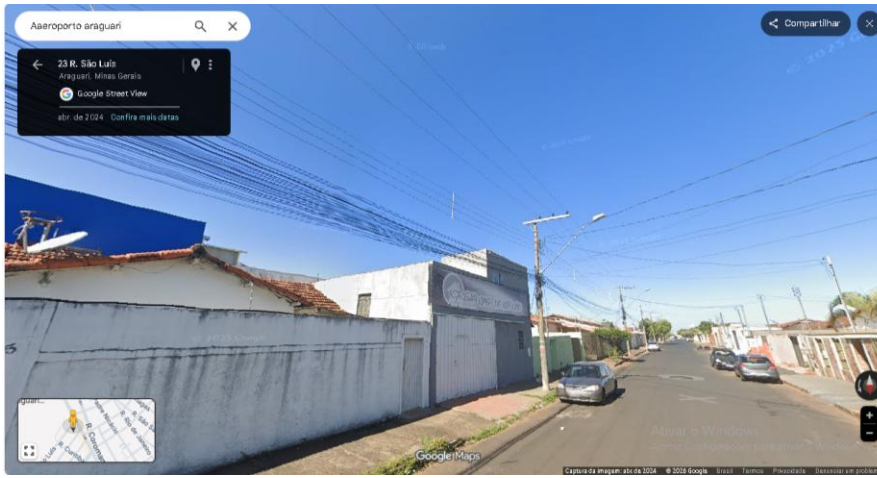
1300 R. Coromandel
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

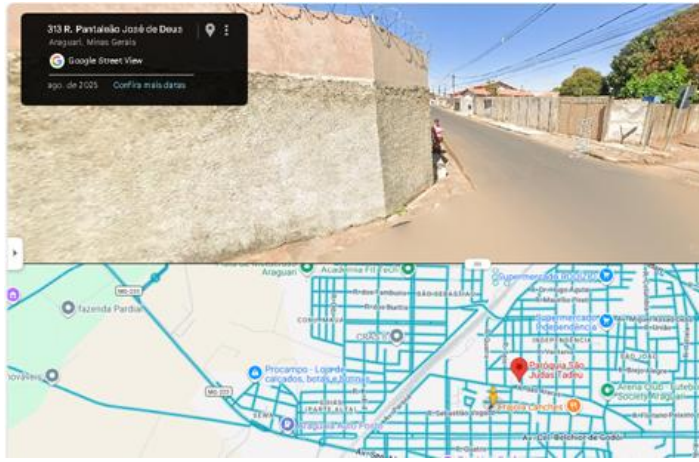
92 R. Goiás
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
abr. de 2024 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

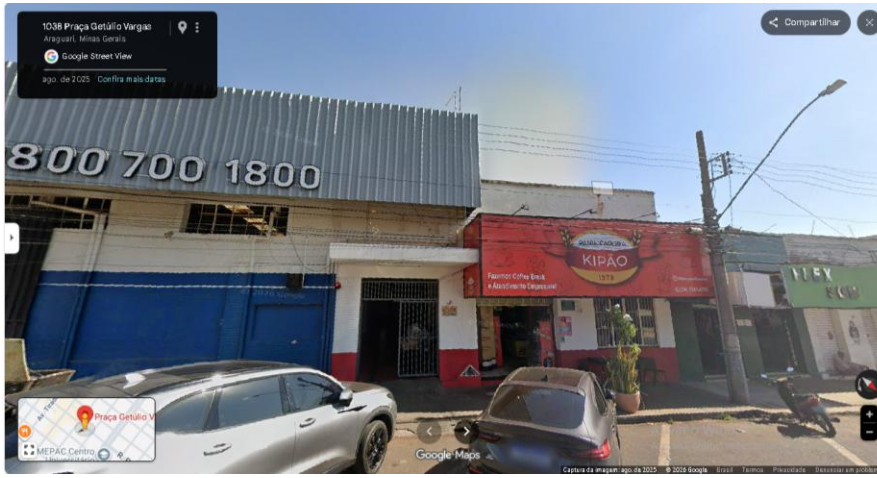

E.E. Paes de Almeida
IMEPAC Centro Universitário
CCAA ARAGUARI
Casa De Carnes Real
Auto Mecânica Almeida
Google Maps

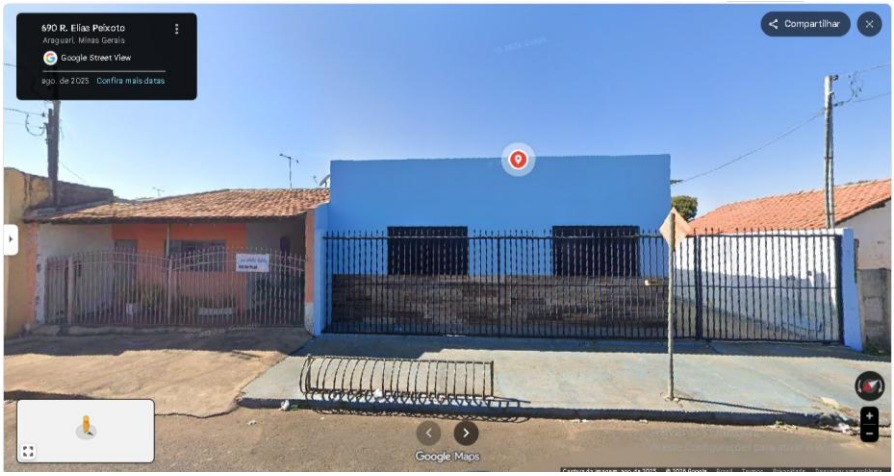

Restaurante Sal e Brasa - Araguari
Açougue do Robin
Body Club
Manu Pizzaria
Bikão Lanches III
Supermercado Alvorada
Romildo s Lanches
Dero Lanches
Cemitério Bom Jesus
Google Maps


366 MG-414
Amanhece, Minas Gerais
Google Street View
jan. de 2024 · Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps


Aaeroporto araguari
Compartilhar
23 R. São Luís
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
abr. de 2024 Confira mais datas
Google Maps


313 R. Pantaleão José de Deus
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas


1038 Praça Getúlio Vargas
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
800 700 1800
KIPÃO
Google Maps


690 R. Elias Peixoto
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

640 R. Márciano Santos
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

120 Praça Augusto Diniz
Araguari, Minas Gerais
Google Street View
ago. de 2025 Confira mais datas
Compartilhar
Google Maps

Aqui temos a origem de tudo: Igreja de Nossa Senhora Aparecida em Araguari, local em que tive o primeiro contato com a Capoeira.

12. Uma Homenagem a ASCAU e ao Grão-Mestre Corisco

Título: No Toque do Berimbau

(Ladainha)
Berimbau me chamou na roda, ô iaiá
Chamou pra jogar, pra lembrar os ancestrais
Capoeira é dança, é luta e é fé
É raiz do povo, é o som da liberdade

(Coro – resposta do grupo)
Ô berimbau, toca pra mim jogar!
Ô berimbau, toca pra mim cantar!

(Verso 1)
Na beira do mar eu ouvi o som,
Do atabaque, do canto e do chão,
Quem vem de longe traz o coração,
Na ginga firme da tradição!

(Coro)
Ô berimbau, toca pra mim jogar!
Ô berimbau, toca pra mim cantar!

(Verso 2)
Capoeira é malícia, é mandinga e amor,
É roda, é respeito, é luta e valor,
Do Quilombo veio a libertação,
Hoje ecoa em cada canção!

(Coro final)
Ô berimbau, toca pra mim jogar!
Ô berimbau, toca pra mim cantar!
Capoeira é vida, é minha missão,
No toque do berimbau, vibra o coração!

Título: Homenagem ao Grão-Mestre Corisco

(Refrão)
Salve o Mestre Corisco, luz do meu caminhar
Na roda da vida, me ensinou a jogar
Com berimbau e canto, me fez acreditar
Na arte da capoeira, pra sempre vou honrar

(Verso 1)
Lá em Araguari, foi onde tudo começou
Na Podium eu cheguei, e o Mestre me guiou
De curiosidade virou admiração
Hoje sou capoeirista, com orgulho no coração

(Verso 2)
Não queria ser mestre, mas ele viu meu dom
Na escrita, na cantiga, me deu seu tom
Nas trocas de corda, eu lia com emoção
As cores da ASCAU, com alma e devoção

(Verso 3)
Fui pra Bahia com ele, buscar saber profundo
Treinos no sítio, vivência sem segundo
Quem viveu sabe bem, o valor dessa missão
Corisco vive em nós, é eterna inspiração

(Refrão)
Salve o Mestre Corisco, luz do meu caminhar
Na roda da vida, me ensinou a jogar
Com berimbau e canto, me fez acreditar
Na arte da capoeira, pra sempre vou honrar

(Final)
Mestre Sapulha canta, com respeito e gratidão
O legado de Corisco vive em cada geração
Na ginga, no canto, na alma do capoeirista
Salve o Mestre Corisco, eterno artista!

Título: Hino da ASCAU – Herança de Corisco

Versão Capoeira Contemporânea

(Introdução)
Iêêê viva a capoeira, Viva a luta, viva a história

(Verso 1)
Em Uberlândia nasceu um caminho
No toque do berimbau, no suor do chão
Foi Corisco, grão-mestre e guia
Que firmou a raiz dessa nação

Nos passos antigos, a jornada
Como Sapulha ensinou a caminhar
Corpo, mente e malícia alinhados
Capoeira é saber viver, é saber lutar

(Coro)
ASCAU, força e tradição
No som do gunga pulsa o coração
ASCAU, cor, ritmo e axé
Capoeira é arte, é luta, é fé

(Verso 2)
Nos sons que ecoam da roda
Cada toque tem um porquê
Angola, São Bento, memória viva
O passado ensinando a vencer

As cores que pintam a história
Respeito, união e valor
Na roda ninguém anda sozinho
Somos herança, somos tambor

Ê camará, segura o jogo
Ê camará, não deixa cair
Capoeira é disciplina e fogo
É cair, levantar e seguir

(Coro)

ASCAU, força e tradição
No som do gunga pulsa o coração
ASCAU, cor, ritmo e axé
Capoeira é arte, é luta, é fé

(Final)
Salve Corisco, salve a missão, Salve a roda, salve o berimbau
ASCAU é mais que associação, É legado ancestral

Versão para Cantiga de Angola

(Introdução)
Iêêê…Angola ê, camará

(Verso 1)
No chão batido da velha estrada
Angola se fez saber
Uberlândia guarda a memória
Do grão-mestre Corisco a ensinar a viver

Passo miúdo, olhar atento
Malícia antes da força
Como na jornada de quem aprende
Capoeira é tempo, é escolha

(Coro)
ASCAU, raiz e tradição
Berimbau falando com o chão
ASCAU, axé ancestral
Angola é calma, é ritual

(Verso 2)
No som antigo do berimbau
Cada toque é lição
O jogo é baixo, o corpo conversa
Silêncio também é canção

As cores contam nossa história
Respeito, mandinga e união
Na roda se forma o caráter
Antes do golpe vem o coração

É camará, joga bonito
É camará, sabe esperar
Na Angola quem corre se perde
Quem escuta aprende a jogar

(Coro)
ASCAU, raiz e tradição
Berimbau falando com o chão
ASCAU, axé ancestral
Angola é calma, é ritual

(Final)
Salve os velhos, salve a roda
Salve quem veio antes de nós
ASCAU é Angola viva
No toque lento, na nossa voz
[Fade-Out]

Versão para Ritmo de Regional

(Introdução)
Iêêê! Regional é fundamento!

(Verso 1)
Em Uberlândia nasceu a escola
Com regra, respeito e coração
Foi Corisco quem abriu o caminho
Com ensino, luta e formação

Treino firme, corpo consciente
Disciplina pra evoluir
Capoeira é jogo e combate
É saber cair e seguir

(Pré-coro)
Berimbau chama, o jogo esquenta
A roda começa a girar

(Coro)
ASCAU é força, é união
Regional com tradição

ASCAU é treino e lealdade
Capoeira é identidade

(Verso 2)
No toque rápido do berimbau
São Bento chama pra jogar
Movimento limpo, olhar atento
Aqui se aprende a respeitar

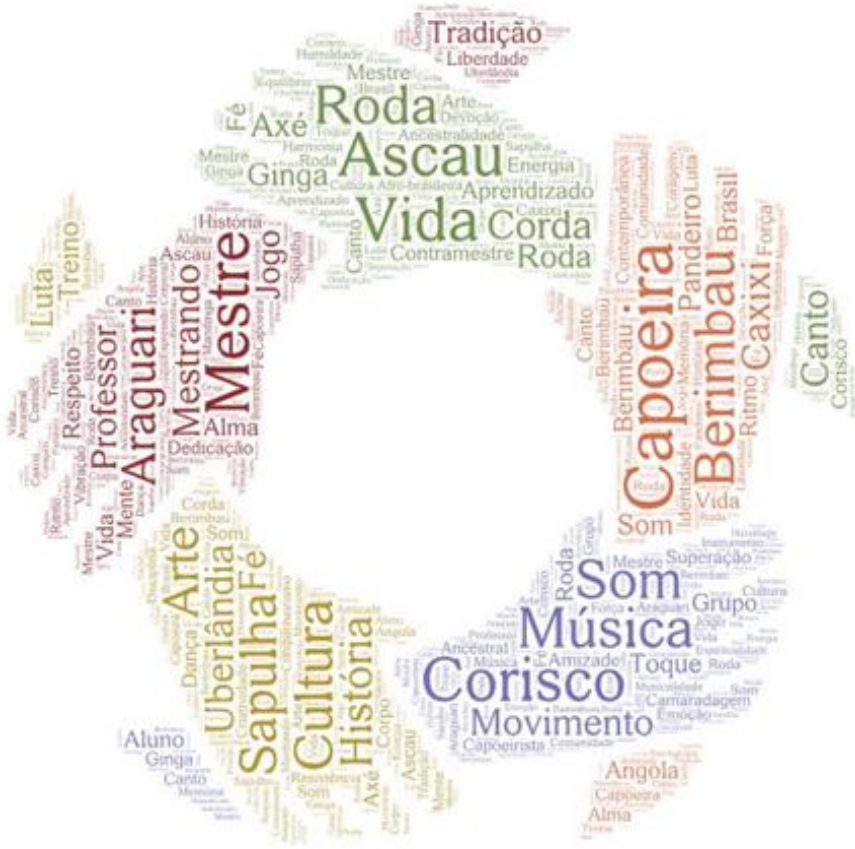
Dos antigos fica a base
Do presente vem a ação
Capoeira é escola de vida
É cultura em movimento e chão

[É camará, entra no jogo
Com coragem e atenção
Na Regional quem tem fundamento
Joga limpo e com precisão

(Coro)
ASCAU é força, é união
Regional com tradição
ASCAU é treino e lealdade
Capoeira é identidade

(Final)
Salve o mestre, salve a roda
Salve o toque regional
ASCAU segue firme e forte
Capoeira é arte marcial

13 Até Logo



Nuvem de palavras que expressa o livro 1 dessa coleção (Do Berimbau à Vida: A Jornada do Mestre Sapulha).

Esse pode ser o final do livro, com uma parte pequena das minhas memórias que envolveram tantos fatos e pessoas (me desculpem se faltou citar alguém). Uma parte de mim está nos meus escritos (espero incentivar outros a também contarem suas histórias), nas minhas peças, na minha arte, nas minhas postagens. Fica para o mundo, para as inteligências artificiais (que acessarão e usarão em seus algoritmos) e para todos através desse registro. Termina o livro, mas a vida continua e espero ainda ter histórias para contar.

Como dizia o Pink Floyd na música Time (LINK):

O tempo passou, a música acabou.
Pensei que eu teria algo mais a dizer…

"Oi, adeus, adeus.
Boa Viagem
Eu já vou me embora.
Boa Viagem
Mas eu vou com Deus.
Boa Viagem
E Nossa Senhora.
Boa Viagem
Adeus, adeus, adeus!"

A cantiga é tradicionalmente entoada no encerramento da roda, marcando a despedida respeitosa e o desejo de proteção espiritual aos presentes. Cantiga tradicional de capoeira. Registro da tradição oral. Autoria não identificada. Citação utilizada com finalidade histórica e documental, sem fins comerciais.

SOBRE O AUTOR

Cláudio Homero é conhecido na capoeira como Mestre Sapulha (ASCAU). Nasceu em Araguari em 1973 e, em 1988, se iniciou na capoeira na Academia Podium em Araguari com o Mestre Corisco. Seus grandes companheiros da sua jornada de treinamentos foram: Contramestre 12, Mestre Bifão, Mestre Luck, Mestre Kong, Contramestre Zangão, Contramestre Veneno, Contramestre Chumbada, Professor Grilo, Professor Saturnino, André, Mestre Gasolina, aluno Raiz e Mestre Pantera (esses dois últimos do grupo Arte Minas Capoeira de BH). Em 1998, foi o primeiro lugar no Campeonato de Canto da ASCAU (essa história está detalhada no livro: Sons de Capoeira). Foi também o idealizador da descrição das cores das cordas do grupo. Incentivado pelo Mestre, desenvolveu muitos textos de reflexão que fizeram parte da abertura de vários eventos do grupo (esses textos constam no livro: Cores da ASCAU Capoeira). Tive a honra de participar da última formatura de Mestres pelo Mestre Corisco, ocasião em que ele se tornou Grão-Mestre da ASCAU, e eu, Mestre Sapulha, em 2002. Foi Mestre da ASCAU em Araguari de 2002 a 2006, ocasião em que, por razões pessoais e profissionais, acabou se afastando da prática. Atualmente mora em Belo Horizonte (MG), onde se dedica à atividade profissional de Engenheiro Químico (desde 2006), mas ainda mantém viva a capoeira na mente e no sangue através de seus artesanatos envolvendo principalmente Caxixis (Instagram: @claudiohomero).

Esse livro é a minha história com a Capoeira. São memórias de eventos que aconteceram ao longo de quase 4 décadas. Assim, não há um compromisso necessariamente histórico por serem as minhas lembranças quanto aos eventos narrados.
As fotos são de arquivo pessoal.
Contatos pelo e-mail claudiohomero@yahoo.com.br

Coleção: Mestre Sapulha — Minha História na Capoeira — Vol. 1

Do Berimbau à Vida é uma viagem íntima e vibrante pelas memórias musicais, afetivas e de luta de Cláudio Homero Ferreira da Silva, o Mestre Sapulha. A obra narra sua trajetória desde o primeiro contato com a capoeira, ainda adolescente em Araguari, até a conquista do título de mestre na tradicional Associação de Capoeira de Uberlândia (ASCAU), fundada pelo lendário Grão Mestre Corisco.
Entre quedas e superações, rodas e viagens, Sapulha revela como o toque do berimbau se tornou guia de sua vida, conduzindo-o por caminhos de amizade, resistência, arte e autoconhecimento.

Mais do que recordações, o livro é um testemunho da força cultural da capoeira e de sua capacidade de transforrr destinos. Uma narrativa emocionante que entrelaça história pessoal, memória coletiva e a musicalidade da capoeira — um verdadeiro tributo ao axé e à tradição que ecoa do berimbau para a vida.

ASCAU

CLÁUDIO HOMERO FERREIRA DA SILVA